

L. C. ALMEIDA

Primeiras impressões





*Primeiras
impressões*

L. C. ALMEIDA

Sumário

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)



SINOPSE

Numa noite qualquer, depois de reler o meu livro favorito pela centésima vez e acabar tão apaixonada quanto se fosse a primeira, eu fiz uma prece silenciosa para o universo. Enquanto abraçava o meu exemplar surrado, desejei que o cosmos me mandasse um típico herói romântico, de preferência o meu preferido: Mr. Darcy.

No dia seguinte, minha vida começou a mudar.

Um novo morador chegou ao Edifício Netherfield, onde meu pai trabalhava como zelador e, junto com ele, fui apresentada à Henrique Alves de Medeiros. “Um dos homens mais ricos do Brasil”, como diziam as fofocas, foi considerado uma pessoa arrogante e desagradável por todos que o conheceram - inclusive por mim. Nós não poderíamos ser mais diferentes e as primeiras impressões que tivemos um do outro foram *desastrosas*.

Para piorar a situação, minha empresa decidiu me transferir para trabalhar justo na companhia de Henri. Eu acabei descobrindo

coisas que me fizeram odiá-lo ainda mais, ao mesmo tempo em que passamos vários momentos juntos e uma conexão especial acabou nascendo, deixando a minha cabeça completamente confusa.

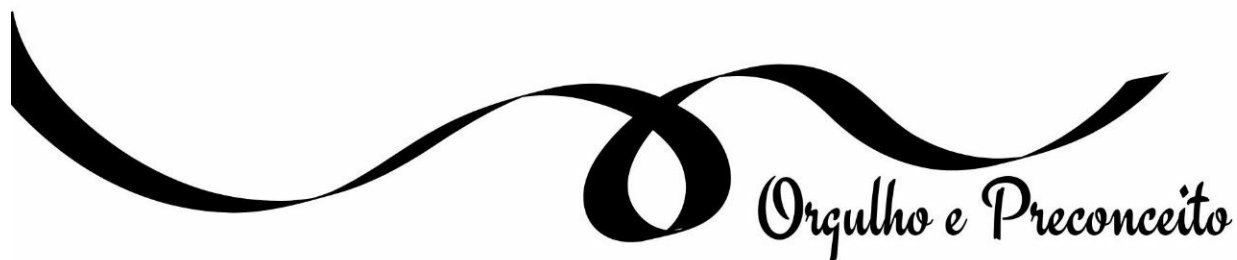
Será que as minhas primeiras impressões foram precipitadas?

Será que ele também seria capaz de admitir os seus erros?

Uma família um tanto atrapalhada, pessoas que não são quem parecem ser, muitas reviravoltas e um amor inesperado são os ingredientes principais dessa história. Prazer! Eu sou Cecília Oliveira, mas pode me chamar de “a garota que teve sua vida transformada numa releitura moderna de Orgulho e Preconceito”.

“Uma vez, li que a pessoa que a gente menos quer por perto, pode ser exatamente a pessoa que a gente mais precisa...”

"DEUS, NÃO PERMITA TAL COISA.
SERIA A MAIOR INFELICIDADE DE TODAS: ACHAR
AGRADÁVEL UMA PESSOA QUE DECIDIMOS ODIAR!
NÃO ME DESEJE ESSE MAL..."





PRÓLOGO

São Paulo, 10 de fevereiro de 2019.

Caro leitor,

Você acha que o amor existe? Eu sempre me perguntei isso.

Amor que salva, que condena e que muda a vida de alguém. Amor que dá borboletas no estômago, sentido para a vida e que leva o ser humano a cometer loucuras como prometer ficar ao lado de outro por toda a eternidade.

Não estou falando de paixões. Eu acredito em se sentir encantado, atraído, envolvido. Estou falando daqueles amores intensos e avassaladores - como os que inspiraram poetas, músicos e grandes autores românticos ao longo da história. Será que livros de romance seriam, na verdade, livros de fantasia disfarçados? Fomos enganados esse tempo todo e, no fundo, somos poligâmicos

como tantos outros animais na natureza?

Bom, posso dizer que Henrique Alves de Medeiros entrou na minha vida para responder todos esses questionamentos. Primeiro, eu o odiei. Tive a pior primeira impressão possível, graças ao seu jeito arrogante e orgulhoso. Mas não se sinta mal por ele, caro leitor. O poderoso empresário, também conhecido como Poms nas horas vagas, também não teve a melhor das primeiras impressões comigo e com a minha família. Como nós fomos tolos... Achamos que poderíamos ser superiores à força mais poderosa do universo! Essa é a minha história de amor. Grande, improvável, complicada, intensa e perfeitamente imperfeita. Mal posso esperar para dividi-la com vocês.

Com carinho,

Cecília Oliveira.



CAPÍTULO 01

Eu desço as escadas de serviço até o nosso apartamento, no subsolo do luxuoso edifício Netherfield, enquanto abraço o meu exemplar surrado de “Orgulho e Preconceito.” Não importa quantas vezes eu releia a história, sempre ficarei feliz por esses dois terem superado as primeiras impressões desastrosas que tiveram um do outro. Imagina! Se não tivessem deixado de ser *orgulhosos* e *preconceituosos*, o mundo não teria conhecido um dos romances mais épicos de todos os séculos.

Mesmo com todo o drama e com todas as brigas, não posso deixar de invejá-los por alguns segundos, enquanto vou pulando os degraus de dois em dois. Como seria viver um amor especial e único como esse? Seria possível existir um amor tão verdadeiro hoje em dia, em tempos de tecnologia, ceticismo e Tinder^[1]?

Será?

Ainda afetada pelo efeito mágico que esse livro tem sobre mim, eu paro no meio do corredor, fecho os olhos e faço uma prece

silenciosa. Nunca se sabe se tem alguém, ou alguma coisa, nos escutando. Igual aos filmes, quando uma estrela-cadente passa bem no momento quando a mocinha faz o seu pedido...

“Hey, entidades superiores. Aqui é a Cecília. Eu sei que não tenho sido a melhor das pessoas, sei que briguei feio com vocês depois das últimas eleições, mas tenho uma coisinha para pedir. Só uma coisinha... Se existir um cara inteligente, leal e honrado por aí, alguém que possa se apaixonar ardentemente por mim, alguém que consiga gostar de mim como eu sou, alguém exatamente como o Mr. Darcy, por favor, coloque ele no meu caminho...”

Ouçó um trovão ruidoso ecoando pelas paredes e começo a rir sozinha. Muito minha cara isso: peço por uma estrela-cadente e ganho um temporal daqueles no lugar. Olhando pelo lado bom, já cheguei em casa e não vou ter de aguentar o trânsito caótico de São Paulo pós-chuva.

Eu termino de descer até o último andar e, assim que piso no nosso corredor privativo, já começo a ouvir os gritos estridentes da minha mãe. Essas paredes já foram testemunhas de tantas coisas e já ouviram tantos chiliques ao longo dos anos, que não consigo evitar sentir pena das pobrezinhas. Passo o dedo de leve pela tinta amarela, pensando em qual cor estava no seu lugar trinta anos atrás, quando o meu pai assumiu o cargo de zelador.

Azul?! Gosto de imaginá-las azuis.

Ou ainda quando viram seu Osvaldo se casando com dona Lina, seguido pelo nascimento de Jana. Verdes?! Ou mantiveram o azul? Espero que tenham mantido o azul por algum tempo. Seria mais *feliz* do que o tom pálido atual, que é um bocado deprimente.

Dois anos depois foi a vez das paredes me conhecerem e aposto que essa foi a época mais conturbada. Se contar pelo meu temperamento hoje em dia, tenho certeza de que não fui um bebê fácil. Exigente e reclamona, para dizer o mínimo. Então, dez anos se passaram, dez anos de folga e tranquilidade, até que Lulu chegasse para espalhar o caos da forma que só ela consegue.

Faço um último carinho na tinta, enquanto balanço a cabeça sem entender de onde veio esse meu momento sentimental - talvez a idade esteja me deixando mais suave. Preocupante... Se continuar assim, daqui a pouco vou começar a ler Nicholas Sparks, chorar em comerciais, colher flores e saltitar por um bosque. Ainda bem que não há a menor chance de saltitar por um bosque em São Paulo, a menos que a pessoa queira acabar nas páginas policiais.

Eu guardo o livro na bolsa com pesar, sabendo que não poderei voltar a ele tão cedo, e me preparo para encarar a loucura dos Oliveiras. Sempre tenho mais tempo livre quando estou na rua, do que quando estou na minha própria casa, porque espaço pessoal é um conceito que simplesmente não existe no dicionário da nossa família. Assim como privacidade, silêncio e comida saudável.

- Mexe o arroz para mim antes que queime tudo, Cecília!

A minha mãe nem dá “Oi” ao me ver, só passa com uma braçada de roupas sujas, derrubando pés de meia no seu caminho para a lavanderia. Vou pulando as peças perdidas, nossa gata Pixinguinha e toda sua gordura esticadas no tapete, a mochila

largada de Lulu e algumas compras de mercado que ainda não foram guardadas.

Organização também não está no nosso dicionário, acho que isso é óbvio.

Salvo o pobre arroz abandonado e desligo o fogo depois de terminar de fritar os torresmos que também estavam esquecidos, ao mesmo tempo em que escuto a porta da frente se abrindo. As vozes de Jana e do meu pai, minhas pessoas preferidas no mundo, chegam até mim e me fazem sorrir.

Seu Oliveira dá um beijo na minha testa, antes de se sentar na cabeceira da mesa e tirar seus óculos, parecendo cansado. A cada nova ruguinha que aparece embaixo dos seus olhos, ele perde um pouco da disposição que costumava ter. Não gosto muito de pensar nisso... Não gosto nem de imaginar um mundo em que ele não exista...

Ao ouvir a movimentação na cozinha, mamãe ressurgue enxugando as mãos na calça com estampa de onça que é sua favorita. Hoje ela decidiu combiná-la com uma blusa verde néon,

formando um conjunto *bem inusitado*, mas que é sua cara. A pessoa morreria antes de conseguir achar uma peça básica, ou sóbria, no seu armário.

- OSVALDO DE DEUS! - Ela se joga na sua cadeira cativa, ao lado de papai, e pega no braço dele com seu drama habitual. - Você não sabe o que a Dona Lourdes acabou de mandar no grupo dos moradores.

- Não sei, mas aposto que saberei nos próximos dez segundos.

Papai responde dando um olhar carinhoso para a minha mãe, junto com o seu sorriso insolente. Um sorriso que eu me orgulho em dizer que herdei e que já me tirou de muitas enrascadas, principalmente na época da escola.

Esses dois foram a minha primeira prova de que amor verdadeiro poderia existir. Vamos chamá-los de “Evidência A”! Apesar de serem diferentes - Osvaldo um ser humano simples, racional e tranquilo, Lina uma alma exagerada, passional e sensível - vivem muito bem há mais de trinta anos. Por qual outro motivo

um aguentaria o outro, além de *amor*? Eles são imperfeitos perfeitos.

- Está tirando sarro de mim?

Mamãe o encara com desconfiança, pronta para começar uma ceninha típica em que ela o acusa de zombar dos seus nervos, de não ter respeito por eles e de como a sua saúde sofre nas nossas mãos ingratas.

- Claro que não ousaria fazer algo assim, querida. Não pretendo ser assassinado de barriga vazia.

Ponto para o papai!

Viu como dá certo?! Se fossem dois dramáticos, o drama não teria fim. Se fossem dois desencanados, ninguém levaria nada a sério nessa família. Osvaldo contornou a situação e ainda tirou um sarro, sem que ela percebesse.

O ser humano é uma coisa curiosa de se observar.

Eu começo a fazer o meu prato pulando o torresmo, mas servindo uma generosa porção do feijão fresquinho, fazendo aquele cheiro bom de alho refogado subir no ar. Pobres gringos. Deve ser

muito triste não morar no Brasil e não poder comer arroz e feijão todos os dias.

- Então, como eu dizia... - Minha mãe tenta continuar, mas eu interrompo.

- Por que não chama a Luísa e dá a notícia que quer dar para a família toda, mãe?

Eu sugiro mais para nos poupar de ouvir o mesmo discurso duas vezes, do que qualquer outra coisa. Se a mensagem veio da dona Lourdes, só pode ser fofoca do condomínio. E não tem nada que mamãe goste mais do que fofocas do condomínio. Sua diversão eram visitas e novidades. Repetir, analisar, repetir, espalhar, repetir...

- Tem razão. LUÍSAAAAAAAAAAAA. - Ela grita de onde está. - JANTA!

Pelos deuses, a mulher tem um megafone no lugar onde deveria estar a garganta. É um milagre que nenhum de nós tenha perdido um tímpano ao longo dos anos. Esfrego os ouvidos discretamente, fazendo Jana rir ao acabar de lavar as mãos e se

juntar a nós na mesa.

- Mamãe, nossa casa não é tão grande assim.

Minha irmã tenta argumentar, mesmo sabendo que é um esforço em vão. A última vez que minha mãe se levantou para chamar qualquer um de nós foi... *nunca*.

- A menina fica ouvindo essas músicas do diabo nesse volume. Juro que vai ficar surda, aí eu quero ver. Vai surda para o inferno, não vai ouvir o que o demônio falar e aí vai ser castigada em dobro!

Aham. Como se ela própria não fosse uma concorrência e tanto para qualquer caixa de som. Isso para não mencionar sua criatividade para catástrofes. Castigada em dobro pelo diabo? Há! Gostaria de vê-lo tentar fazer qualquer coisa com a Lulu. Aposto que ela conseguiria enganá-lo fácil e ainda viraria Imperatriz do Submundo.

Todos saúdem a Rainha-Demônia do funk!

Dona Lina continua resmungando, até o momento em que a minha excelentíssima irmã nos dá a honra de se juntar ao resto da

família. Com os seus dezoito anos recém-completos, Luísa Oliveira está no auge da sua rebeldia e isso fica claro assim que você coloca os olhos nela. Piercings, tatuagens, cabelo vermelho, roupas que não fazem o menor sentido. Shorts jeans e moletom? Como é possível sentir frio na parte de cima e não na de baixo?

Se bem que ela sempre foi diferente de nós.

Jana é conhecida por sua beleza e por sua doçura. Parece uma princesa saída do conto de fadas mais próximo com seus longos cabelos loiros, olhos azuis herdados de papai e um sorriso amável que faz todos se sentirem à vontade na sua presença. Sempre foi a mais calma, responsável e tranquila dessa casa. Não à toa que virou a professora de educação infantil preferida de um dos colégios mais exclusivos de São Paulo. Ela AMA crianças e sei que um dia vai me dar montes de sobrinhos lindos.

Enquanto isso, eu sou normal de todos os jeitos em que uma pessoa poderia ser normal. Cabelos compridos e escuros, olhos castanhos meio sem-graça, nem alta, nem baixa e não me acho bonita, nem feia - tudo depende da disposição que estou para me

arrumar naquele dia. A disposição que quase nunca aparece, diga-se de passagem. Gosto de pensar em mim como prática, racional e simples. Sim, eu gosto muito dessa descrição.

A verdade é que foi assim que eu nasci e estou satisfeita com o trabalho da natureza.

Agora imagine o contraste de nós duas, com a nossa caçula que gosta de atenção e de se destacar com suas roupas chamativas e o tom de vermelho berrante do seu cabelo. É quase como se colocassem em fila a Bela Adormecida, a Jessica Rabbit e a... a... Não faço ideia! Sou tão “normal” que nem sei quem poderia me representar nesse teatro esquisito.

Sempre ouvia seu Osvaldo se perguntando em voz alta como o mesmo pai e a mesma mãe poderiam ter feito três criaturas tão diferentes. Eu mesma não faço ideia.

- Como eu já tentei dizer duas vezes... - Minha mãe continua, se mexendo no lugar e entregando como está ansiosa pela notícia que quer dar. - A Dona Lourdes avisou que um moço acabou de se mudar para a cobertura. Um moço *SOLTEIRO*.

Sua voz se descontrola um pouco na última palavra, ficando levemente histérica, antes de olhar com expectativa para cada uma de nós. Apenas Lulu compartilha da sua empolgação, enquanto Jana balança a cabeça e eu suspiro desanimada, sabendo exatamente qual rumo sua mente tomou no momento em que recebeu a tal mensagem.

Sua maior missão, seu propósito na Terra, era ver nós três casadas.

- Que notícia maravilhosa! Se ele se mudou para a cobertura, quer dizer que é podre de rico. - Lu responde feliz e quase consigo ver os cifrões piscando nos seus olhos. - O papai precisa ir lá se apresentar, aí nós podemos ir junto! Vamos, papai?! Vamos agora!

- Eu não vou a lugar nenhum.

Papai continua mastigando com calma, enquanto Jana acha graça da cena e eu só finjo que nada está acontecendo, me servindo de um pouco mais de feijão.

- É claro que vai. - Minha mãe coloca a mão no peito,

ofendidíssima. - Faz parte do seu trabalho! Precisa se apresentar a todos os moradores, Osvaldo.

- Mas eu não disse que não seja parte do meu trabalho, querida.

Tento segurar o riso, me divertindo com o humor sutil que usou de novo para lidar com o jeito excessivamente emotivo de mamãe. Humor é mesmo uma ótima arma para responder a vida à altura.

- Então, não custa nos levar junto. O rapaz pode precisar de algo, ou pode ser de fora e querer alguém para apresentar a cidade. É uma chance de ouro! Você tem três filhas para casar, Osvaldo. TRÊS.

Duas. Não faço questão de entrar nessa lista, mas faço menos questão ainda de dizer isso em voz alta e acabar ouvindo seu sermão sobre a importância de dar netos a ela. A menos, claro, que o cosmos tenha ouvido meu pedido alguns minutos atrás e acabe me mandando mesmo um Mr. Darcy. Aí eu posso parir feliz uma meia dúzia de remelentos.

- Não acho que seria possível esquecer disso. Não com tantas contas de sapatos e roupas que paguei ao longo dos anos.

Não temos argumentos contra isso, então só ficamos mastigando em silêncio. Quer dizer... Nós estamos em silêncio e mamãe está resmungando seu discurso habitual sobre ingratidão, desgosto e falta de compaixão com os seus nervos.

- Você tem prazer em me ver sofrer. - Ela ofega baixinho e papai se recosta contra a cadeira, largando seus talheres e se dando por vencido.

- Digo que não preciso ir lá, porque já fui. Inclusive, o jovem nos convidou para um jantar com todos os moradores amanhã à noite.

Se alguém passasse pela nossa porta naquele momento, acharia que uma bomba havia acabado de explodir. Mamãe e Lu deram gritos tão altos que eu precisei massagear meus ouvidos pela segunda vez, antes de começarem a bombardear nosso pai com perguntas.

- Ele é bonito?

- Ele convidou todas nós?

- Ele é rico mesmo?

- Ele é jovem?

Elas se intercalam no interrogatório e eu já sinto pena do pobre coitado que nem imagina como será encurralado nos corredores e elevadores. Se bobear, acabará com uma aliança no dedo antes que consiga falar “Prazer! Meu nome é Riquinho da Silva”.

- Só sei que o seu nome é André-alguma-coisa, tem todos os dentes na boca e me pareceu bem-educado. Não me pareceu do tipo que dará problemas e isso é mais do que eu poderia pedir.

Eu e ele trocamos um olhar de compreensão divertido, enquanto começo a tirar a mesa, ansiosa para lavar a louça e poder voltar logo para a minha maravilhosa Inglaterra do século XIX. Adoro como amiga Jane decidiu acabar o livro, fazendo aquele último capítulo onde sabemos o que aconteceu com todos os personagens. Os autores deveriam ser obrigados a fazer isso, inclusive. Odeio finais em aberto!

- Que gentileza da parte dele nos convidar para jantar. -
Janaína observa, doce como sempre.

- Se é rico, aposto que só quer se exhibir para os outros moradores. Ceci, me empresta seu vestido preto? E vou precisar das suas sandálias vermelhas, Jana.

- Você já está de olho no cara?! Nem sabe se ele é solteiro mesmo, ou se é jovem, ou se é um traficante russo foragido!

Eu tento trazer um pouco de razão à conversa. Não é possível que minha irmã, aquela com quem eu compartilho meu DNA, seja uma pessoa tão desmiolada assim. Tenho esperanças de que algum gene racional esteja perdido ali no meio.

- Mesmo que ele não seja solteiro, aposto que terá montes de amigos solteiros. Não seja chata, Ceci. Nunca acontece nada tão emocionante quanto isso por aqui!

Dou de ombros, desistindo da guerra após uma única batalha. Eu sei, eu sei. Meio covarde da minha parte. Mas nada desanima essa garota quando seu cérebro entra no modo “Caça-Marido” e todos sabem disso. Não sei nem porque eu tentei.

- Você também precisa pensar em alguma roupa especial, Jana. Aposto que se o novo morador colocar os olhos em você, não conseguirá olhar para mais ninguém. - Minha mãe dá tapinhas nas bochechas dela, que sorri de volta.

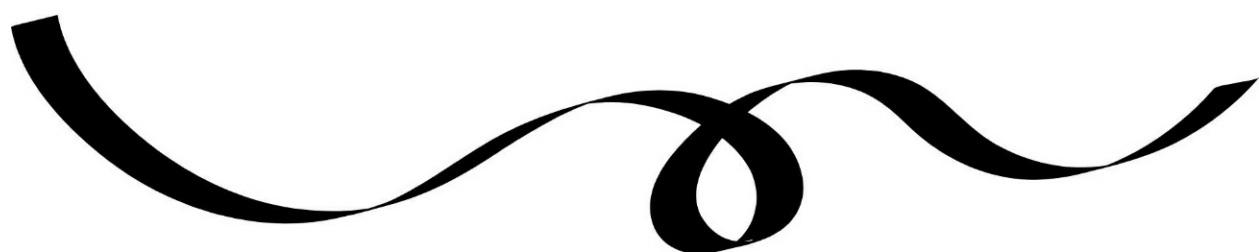
- Obrigada, mamãe.

- Ah! Se eu pudesse ver uma de minhas filhas virar moradora oficial de Netherfield, seria o dia mais feliz da minha vida...

Ela continua com a expressão sonhadora, provavelmente imaginando Nana casada com um noivo sem rosto, mas que está segurando uma escritura de apartamento nas mãos.

Ignoro que ela nem cogitou que EU pudesse fisgar o tal André.

Tudo bem, tenho um final feliz me esperando no quarto. Um final feliz em forma de lorde inglês taciturno e fechado, mas doce quando menos se espera. Quem precisa de caras do mundo real, quando se pode ter paixões literárias?!



CAPÍTULO 02

O caminho da Faria Lima até Higienópolis não é exatamente longo, mas eu abusei da sorte ao ficar até agora, me divertindo com o caso empolgante que recebi. Poxa, eu trocaria fácil esse jantar com os riquinhos do prédio por mais alguns minutos com os meus amados contratos. Estou torcendo para conseguir acabar essa fusão antes do fim do mês, para receber minha polpuda comissão e mandá-la direto para a “Poupança do Apê Novo”.

O sonho de morar sozinha está mais forte do que nunca, agora que a idade está começando a pesar nas minhas costas. *Tic-tac. Trinta anos. Tic-Tac.*

O problema é que tentar explicar a importância do meu trabalho para dona Lina e aturar o seu chique por estar “zombando dos seus nervos”, daria mais trabalho do que apenas ir ao maldito jantar de uma vez.

Depois de correr para entrar no vagão, aguentar o caminho toda espremida entre o bando de trabalhadores desesperados para chegar em casa, desço na minha estação e subo as escadas correndo pela esquerda, como boa paulistana nascida e criada. Aproveito o vento forte que sempre sopra ali para me refrescar do calor da noite abafada, típica do verão da cidade. Pelo menos, a chuva de ontem tinha passado e esse é um ponto mais do que positivo quando se vive em São Paulo.

Dois quarteirões depois, entro no prédio junto com Ava, a moradora que é uma atriz famosa de novelas, e com Fernando, um modelo que passa grande parte do ano na Europa. Morar em uma das áreas mais nobres de São Paulo, sem fazer parte da “nobreza”, nunca me incomodou. Ao contrário de Lulu, que enxerga isso como uma oportunidade para fingir ser algo que não é, eu apenas acho que tenho *sorte*. Se não fosse pelo trabalho do nosso pai, nunca poderíamos morar num lugar tão bom. Não com os preços absurdos dos imóveis que encontramos aqui.

Por isso também a “Poupança do Apê” é tão importante.

Sem ela, estamos fadadas a ficar aqui para sempre. E, quando seu Osvaldo se aposentar, ou não conseguir exercer mais a função de zelador, nossa família ficará sem ter para onde ir. A solução “casar as filhas para morar com elas e os genros”, com certeza, não é nada atraente aos meus olhos.

Ao entrar em casa, ouço Lulu brigando com Jana por alguma roupa que queria emprestar, ouço minha mãe brigando com papai para que ele vista uma gravata contra a sua vontade e ouço Pixinguinha reclamando porque ninguém lembrou da sua ração.

Ah, os sons do lar...

Eu sirvo a pobre gata que me dá um olhar agradecido e corro para tomar um banho rápido, me enfiando na primeira roupa que encontro. Um vestido preto simples e soltinho que chega até os meus joelhos e que combino com as minhas botas baixas. Simples e básica, do jeito que eu gosto.

- Como foi seu dia, papai?

Pergunto ao entrar na sala e dou um beijo na sua testa, interrompendo o seu ritual diário de ler o jornal na sua poltrona

favorita. Aparentemente, minha mãe ganhou a batalha, porque ele está usando uma camisa social bege com uma gravata marrom meio desbotada que parece ter quase a minha idade.

- Foi tranquilo. Fiquei trabalhando no jardim da cobertura. É bom ver aquele espaço sendo usado depois de tanto tempo.

- Ah! O morador novo está te deixando mexer lá?! Que bom.

- Ele disse que escolheu esse lugar justamente por causa do potencial do jardim.

- Um cara que valoriza natureza?! Está aí uma coisa difícil de se encontrar.

- É um bom homem. Uma pena que estejamos prestes a soltar sua mãe e sua irmã em cima dele.

Como se tivessem ouvido sua deixa para entrar, as três integrantes da família que faltavam aparecem no corredor já vestidas com suas melhores roupas.

- Estamos prontas!

Dona Lina anuncia com uma dose extra de empolgação,

quase beirando a histeria como sempre, e eu tento disfarçar um gemido de nervoso com uma tosse. Eu amo minha mãe, ela é uma ótima pessoa e incapaz de fazer mal a uma mosca, mas não poderia deixar de prever o desastre iminente que será ela e Lulu num jantar chique. Espero que o tal morador novo seja uma pessoa simples e tranquila, e não do tipo esnobe. Não quero acabar tendo de entrar numa briga com alguém que destratou minha família, apenas quero voltar cedo para casa.

- Bom, vamos torcer para que o pobre jovem seja forte e sobreviva a essa noite.

Eu respondo baixinho para que só papai escute e o vejo me dar um olhar de concordância divertido, jogando os braços para cima como se fizesse uma prece. Será que existe um santo protetor dos incidentes sociais? Preciso lembrar de procurar essa informação mais tarde. Com certeza, eu deveria ser devota dele ou dela. Talvez fazer uma promessa, ou uma novena...

Nós subimos os vinte e oito andares até chegar na cobertura, que ocupa todo o último nível, num falatório intenso

sobre quem encontraríamos lá e nossas apostas sobre o novo dono do espaço. Eu quase queria que ele fosse mesmo um velho de oitenta e cinco anos, só para ter o prazer de ver a decepção da minha irmã. Oh, eu filmaria sua cara e mostraria todos os anos no seu aniversário. Seria maravilhoso!

O elevador abre as portas direto no hall de entrada privativo e logo nos misturamos aos convidados, sorrindo para aqueles que são moradores e conhecidos. Garçons todos vestidos de branco passam oferecendo pequenas porções de comidas finas em bandejas de prata e um quarteto toca jazz suave nos fundos da grande sala.

Eu me animo um pouco mais quando os vejo, porque se tem música, tem grandes chances de ser uma boa noite. Tudo fica melhor com música! Desde fazer faxina, passando por ficar preso no trânsito, até jantares com riquinhos esnobes.

- Olha só, garotas. Estamos cheios de bons partidos aqui.

Gabriela, minha melhor amiga de infância, chega do meu lado e entrelaça nossos braços. Filha mais nova de uma grande

família que mora no prédio há tanto tempo quanto a gente, tem sido minha dupla inseparável desde que usávamos fraldas.

- Muitas jovens bonitas também.

Jana comenta com simpatia ao reparar num grupo de moças que havia acabado de entrar. Só podem ser modelos pelas suas roupas caras e na última moda que estão atraindo a atenção de todos. São lindas, claro, mas não são páreo para Janaína Oliveira.

- Nenhuma que chegue aos seus pés. Eu te garanto que pode escolher o bom partido que quiser. - Digo com toda a sinceridade e consigo até controlar o desgosto ao dizer “bom partido”.

Minha irmã está mais princesa do que nunca com a sua saia midi rosa e uma blusa creme que destaca sua pele delicada, combinados com um coque elegante e sua postura perfeita. O engraçado é que ela não parece se dar conta do quanto está bonita, suas bochechas ficando rosa de vergonha por causa do elogio.

- E quanto a você, Ceci? Não vê alguém que chame sua atenção? - Ela pergunta, querendo mudar de assunto, mas nem preciso olhar ao redor para responder.

- Mauricinhos esnobes não são muito o meu tipo, você sabe.

Dou de ombros, antes de pegar a taça de champanhe que um garçom oferece. Eu conheço bem essa espécie de “partidos” que poderia encontrar aqui. Caras que usam camisa polo cor-de-rosa aos domingos, postam foto na praia fazendo *hang loose*, usam mocassim sem meia para ir na balada e trabalham na empresa do papai.

Não, obrigada.

- Um dia, alguém vai te fisgar para valer e vai te fazer pagar pela sua língua. - Gabriela me dá uma cotovelada de brincadeira e eu reviro os olhos com impaciência.

- Eu acho que Ceci ainda vai ser do tipo meloso. Vai chamar o marido de “minha vida” e vai fazer com que ele a chame de “Deusa Divina”. - Minha irmã traidora entra na brincadeira e eu bufo de desdém.

- Credo! Vão jogar praga em outra.

Dou as costas para as duas e finjo admirar a decoração clássica que o novo morador escolheu. Tudo em tons de cinza

suave, com toques de branco e azul. O lugar passa uma energia tranquila, quase etérea, mas ainda muito masculina. Nenhum enfeite desnecessário, nenhuma foto em porta-retratos, nenhuma indicação de que há alguma mulher morando na casa... Ele deve ser solteiro *de fato*.

Droga.

Um movimento no canto da sala chama a minha atenção e só então percebo que todos se voltaram para as portas duplas que saem da “ala da família”, direto para a área comum do apartamento.

Devem ser os anfitriões, finalmente.

Eu fico na ponta dos pés para tentar enxergá-los melhor e avisto três pessoas diferentes entre si, mas semelhantes na aura de poder que tem ao seu redor. Eles são o tipo de gente que você não sabe explicar bem o porquê, mas sabe que tem algo fascinante que rouba sua atenção e te impede de desviar o olhar. São tão impactantes que fizeram um silêncio pesado cair na sala e até o quarteto parou de tocar, contribuindo ainda mais para o clima do

momento.

O primeiro tem cabelos loiros meio desalinhados, veste uma camisa social azul clara e calça bege, além de distribuir sorrisos para todos. Parece simpático, com um ar quase juvenil e eu gosto dele de cara.

Pela semelhança impressionante, a moça ao seu lado só pode ser sua irmã. Ela parece o retrato encarnado de uma dama da sociedade prestes a colher flores na campina mais próxima, com o seu vestido branco de renda rodado e longo. A única coisa que estraga a imagem perfeita é a expressão de desaprovação que ostenta, graças ao seu nariz levemente franzido com desdém. Eu não gosto dela de cara.

Ao lado dos dois, parado um passo para trás, está a figura mais impressionante de todas: alto e imponente, um pouco mais velho que os demais, usando um terno escuro sob medida e parecendo pronto para uma reunião de negócios, não para um jantar informal. Cabelos pretos caem na sua testa, olhos azuis nos encaram com desdém, barba por fazer e sobrancelhas grossas

fazem seu rosto ser muito marcante e sua expressão deixa claro que não está ali para fazer amigos.

O tipo de pessoa que você não gostaria de aborrecer.

Ou de encontrar num beco escuro.

Se minhas primeiras impressões estiverem corretas, esse homem, com certeza, não parece o tipo que se preocuparia com o jardim - como papai havia dito. Ele parece do tipo que se preocupa com as criancinhas que vai devorar no jantar.

- Obrigado a todos por terem vindo!

O loiro anuncia dando outro sorriso gentil, então acho que ele deve ser o tal André. Ainda bem que o novo morador não é o carrancudo com cara de quem está odiando tudo e todos.

Dona Mirna do 404 sussurra algo com a dona Lourdes e eu estico as orelhas para tentar escutar o fuxico bom que deve estar vindo dali. Elas são sempre a melhor fonte de informação do edifício. Deixam qualquer programa de fofoca no chinelo.

- Ouvi dizer que esse amigo dele, o mais velho, é uma das pessoas mais ricas do Brasil.

Humm... Interessante.

- O pobre homem de preto parece muito pouco à vontade.

Gabi observa ao meu lado, analisando o amigo do nosso anfitrião. Ele está circulando junto com André e oferece cumprimentos de cabeça aos convidados, ao invés de pegar nas suas mãos. Nada de sorrisos, nada de puxar papo, nada de dar a menor abertura a qualquer um.

Eu, hein.

- Pouco à vontade pode ser, mas pobre acho que não.

Faço um gesto com a cabeça indicando para que Gabs ouça o papo das vizinhas, que seguem falando sobre o misterioso homem.

- Meu marido ouviu dizer que ele é o presidente de uma dessas empresas que tem coisas na Bolsa de Valores. Algo de construção, fusões e aquisições.

Ok, agora isso não faz mais nenhum sentido. E olha que direito corporativo é minha maior paixão. Maior até do que Mr. Darcy... Não. Retiro o que eu disse. Não tem como amar nada mais

do que Mr. Darcy. O homem não tinha medo de compromisso! Deve ter sido o último da história...

- Sim, sim. Dá para ver pelo relógio dele e pelo jeito com que segura a taça. Moço fino, de berço.

- Mas aposto que é daqueles que vivem pelo trabalho.

- Também não deve ter esposa, nem filhos.

Ah, primeiras impressões. Sempre tão divertidas.

Nós duas trocamos um olhar cúmplice que logo teve de ser contido, porque os anfitriões chegam bem no canto onde estamos. O olhar sombrio e profundo de “um dos homens mais ricos do Brasil” cruza com meu por um segundo, antes de voltar a percorrer a sala sem demonstrar nenhuma emoção em particular. Em seguida, como se tivesse visto algo que captura sua atenção, se vira e me encara pela segunda vez. Eu me surpreendo com o gesto ao ver que está olhando *especificamente* para mim.

Será que tem algo no meu rosto?

Dou um aceno de cabeça educado, mas o cara desvia o olhar abruptamente, como se não quisesse ter sido pego me

observando, ou como se não tivesse percebido que estava me observando.

Estranho...

Como sempre faço em momentos que não deveria, acabo soltando uma risadinha involuntária e ganho um olhar de repreensão da Dona Mirna, que logo se afasta na direção da mesa com alguns canapés - não querendo ser vista ao lado da família do zelador, possivelmente.

Esnobe.

Tudo bem que eu também não ajudo. Quem ria em um momento como esse, cercado por esse povo todo formal?! Por que eu *sempre* rio nos piores momentos?! Eu não sou normal, não é possível. Alguém deveria examinar a minha cabeça, talvez tentar achar onde foi que o parafuso se soltou.

- Seu Oliveira, que bom que pôde vir. - O anfitrião e seu grupo param bem na nossa frente e o jovem aperta as mãos do papai, parecendo genuinamente feliz e empolgado. - Suponho que essas sejam suas filhas de quem me falou?

- Sim, senhor. Janaína, Cecília e Luísa.

Ele aponta para cada uma de nós enquanto nos apresenta. Lulu, mais audaciosa, se adianta para dar um beijo no rosto do cara, enquanto eu aperto a sua mão com formalidade e Jana lhe dá um dos seus sorrisos brilhantes que parecem deixar o rapaz fora de órbita por um momento.

- É um prazer conhecê-las. - Fala meio engasgado e puxa o colarinho da camisa, como se estivesse sufocando do nada. Vamos chamar isso de “Efeito Nana”. - Essa é minha irmã, Camila. E esse é meu amigo e sócio, Henrique Alves de Medeiros.

- Boa noite.

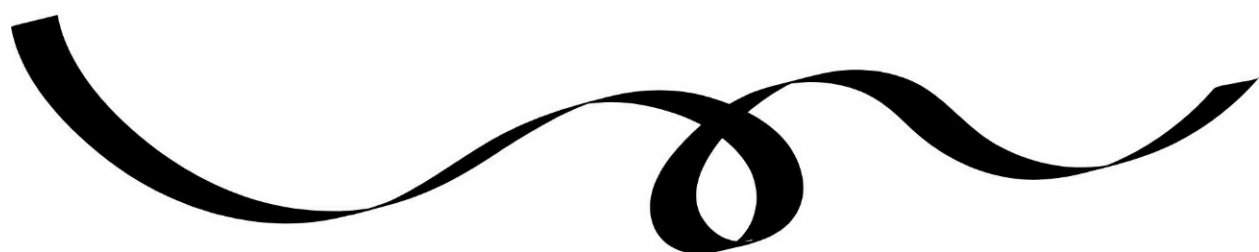
Camila responde dando um sorriso que não chega até os seus olhos e que mais parece uma careta de desagrado.

Ao seu lado, Henrique decide que apenas outro olhar na nossa direção seria suficiente. Henrique Alves de Medeiros... Uma dessas pessoas que precisam usar seus sobrenomes como se fossem um título, claro. Se estivéssemos em um romance de época, aposto que ele seria um Duque, ou um Marquês. Não aceitaria nada abaixo

disso. E todos teríamos de fazer reverências e chamá-lo de milorde, ou de senhor, mesmo que seja apenas alguns anos mais velho do que eu, aparentemente.

Oh, céus.

Essa noite vai ser ainda mais longa do que eu pensei...



CAPÍTULO 03

Henrique

A mais velha é bonita, tenho de admitir. Uma beleza clássica, com traços elegantes e que fica ainda mais bela por conta dos sorrisos fáceis que distribui para todos. É impossível não reparar nas diferenças entre ela e aquela que deve ser a filha do meio.

A jovem está me encarando sem desviar os olhos, como se tivesse decidido que eu merecia passar por uma avaliação meticulosa. Sua expressão tem um toque de desdém claro e que não deixa o meu ego suspeitar que esse seja um olhar de interesse típico feminino.

Eu sustento sua encarada da mesma forma e ela percebe que está sob a minha atenção, mas nem assim se intimida. É muito raro alguém ter a coragem de sustentar uma análise minha com tanta firmeza. Mesmo meus executivos mais sêniores têm dificuldade em

me olhar nos olhos, em me enfrentar como está fazendo.

Por mais intrigantes que sejam as atitudes de Cecília Oliveira, já fiquei tempo o bastante nesse joguinho desnecessário, então passo para a última irmã que falta. Deve ser a caçula e não parece ter mais do que dezoito anos. Está vestida de maneira espalhafatosa, mas o que chama minha atenção é o olhar de interesse óbvio estampado no seu rosto. O olhar de flerte com que estou acostumado.

Um absurdo sem lógica, se pensarmos que eu quase tenho idade para ser o seu pai. Devem ter uns quinze anos de diferença entre nós, já que ela parece ter acabado de sair da adolescência, igual à Juliana.

Numa tentativa de acabar com essa palhaçada, franzo as sobrancelhas da forma que sempre uso para demonstrar minha impaciência e que é infalível. Ela abaixa o rosto na hora, parecendo constrangida e passando a encarar sua taça vazia.

- Me deixem pegar algumas bebidas para vocês. - André se adianta, reparando que todos também já beberam seus champanhes.

- Eu posso ajudar. - A loira oferece ao mesmo tempo em que a mãe das jovens se reúne ao grupo e é apresentada a todos nós.

Mães são seres previsíveis, principalmente quando se trata de encontrar pares para as suas crias. A senhora não faz questão nenhuma de disfarçar seu contentamento ao ver meu amigo saindo de braços dados com Janaína e quase é possível ouvir a marcha nupcial que deve estar tocando dentro da sua cabeça, enquanto pensa na lista de convidados que irá chamar para aquele que seria o casamento do ano.

Até a minha própria mãe, quando ainda era viva, tinha esses desejos. Ela só não me pressionava muito porque sabia que não é assim que funciona para os Medeiros. Casamentos são levados a sério na nossa família. Devem ser eternos, portanto nunca foram decisões levianas. Ela e meu pai ficaram juntos por trinta anos e ainda estariam juntos, se estivessem vivos.

Sempre pensei nisso como uma questão racional: achar a parceira que seria perfeita para mim, levando em conta todos os

quesitos que seriam importantes para nós dois, e assim garantir que a união seja duradoura. Do contrário, ficarei bem longe dessa cilada e de mãos em geral.

Aproveitando que André e Janaína saíram, o grupo também se dispersa para conversar com os outros moradores, me deixando sozinho com a mulher que não tem medo de mim. Pela sua expressão de desconforto, percebo que também não é dada a conversas desnecessárias, o que faz um clima desconfortável começar a crescer entre nós. Ao contrário do momento anterior em que me encarou decidida, agora parece querer evitar me olhar.

O quarteto de cordas recomeça a tocar nesse instante, trazendo consigo a oportunidade perfeita para puxar um novo assunto e analiso com diversão a batalha interna que a mulher trava por alguns segundos, antes de se decidir pela boa educação e se virar para mim com um sorriso educado.

- Música ao vivo é sempre uma boa pedida, não acha?

- Não realmente. - Eu respondo com sinceridade.

Uma escolha bem desnecessária para um jantar onde a

intenção é conhecer os outros moradores, porque poucas coisas são tão desconfortáveis quanto tentar conversar acima do barulho. Mas não estou com disposição para prolongar o assunto, então opto por encerrar a minha resposta ali.

A garota ergue uma sobrancelha para mim, numa expressão parecida com a que eu mesmo usei mais cedo com a sua irmã, possivelmente sem entender a minha resposta ríspida. Então, decide que queria estar ali tanto quanto eu e se afasta altiva, sem me dar uma segunda olhada.

O que ela não percebe é que meu olhar a segue por todo o salão, aproveitando para examiná-la melhor, ainda levemente intrigado com as suas ações incomuns. Curioso como não deu nenhuma desculpa para se afastar, nem fingiu encontrar alguém do outro lado da sala - apenas saiu de queixo erguido. Abrir mão de falsas gentilezas é uma qualidade admirável, uma das minhas preferidas possíveis a se encontrar em alguém.

Por falar em falsas gentilezas... Camila volta ao meu lado, dando um olhar de julgamento indiscreto para um grupo de

senhoras que ri particularmente alto, enquanto enchem as mãos com canapés das bandejas.

- Impossível não sentir saudade de Londres nesses momentos, não é?

Eu me abstenho de respondê-la, apenas tomo um longo gole do meu whisky e observo André conversar animado com a jovem de cabelos loiros. A irmã que me deixou para trás sem pensar duas vezes se reúne a eles e fala algo que faz os dois sorrirem, antes de aceitar a taça do garçom e dar outro sorriso.

Quantos sorrisos.

Seus traços não são tão perfeitos quanto os de Janaína, talvez seu queixo pudesse ser considerado pontudo demais e seu cabelo castanho ondulado não seja tão marcante, mas tem algo no seu jeito... Algo que eu não consigo identificar...

- Henri, está me ouvindo?

- Sim, eu acho que o tom das cortinas ficou ótimo. -

Respondo com educação.

Ainda bem que meu subconsciente prestou atenção no seu

tagarelar sem fim sobre decoração. Para a minha sorte, Camila logo é arrebatada por uma das matronas que ouviu nossa conversa e se empolgou a discutir alguma baboseira sobre os tapetes e cores das almofadas.

Então, eu me vejo livre para continuar analisando os Oliveiras. Um grupo fascinante, se pensarmos nas diferenças entre as duas mais velhas e o resto da família. Janaína e Cecília parecem compostas e adequadas, discretas no modo de vestir e nas suas posturas. Em compensação, a irmã mais jovem está rindo alto num dos cantos do salão, numa tentativa clara de chamar a atenção do grupo de arquitetos que trabalham na minha empresa. O pai não está em nenhum lugar à vista e a mãe se ocupa em apontar sem constrangimento para a filha mais velha e André, deixando claro para quem quiser ouvir que aprova a conexão inicial entre o casal.

- Não me surpreenderia se comesçassem a namorar hoje mesmo, sabe?! Minha Jana é tão bonita. - Ela fala alto, antes de se virar para pegar a bandeja da mão de um dos garçons, apoiando nas suas pernas.

Francamente!

Cansado de todo esse desgaste social, decido sair para a varanda e ficar admirando a noite de São Paulo. É bom estar de volta à essa cidade. Todas essas luzes, o fato de que parece sempre tão acordada e tão viva que torna quase impossível que alguém se sinta sozinho... Apesar do que Camila disse, eu não gostaria de estar em Londres. Duas semanas na cidade foram mais do que suficiente. O que eu quero mesmo é voltar logo para Pember, minha antiga casa de família, o único lugar que consigo chamar de *lar*.

- Vizinhança simpática. Não acha, Henri?!

André se junta mim, parando ao meu lado na grande varanda. Dou um gole no meu whisky e analiso a expressão do meu melhor amigo. Ele está, na falta de uma palavra melhor, *radiante*.

- Acho que essa é uma forma um tanto otimista de ver a situação.

- Pois eu posso dizer que gostei muito de todos.

- Da jovem loira, principalmente. - Não resisto em provocá-

lo.

- É a mulher mais linda que já vi na vida. - Ele responde suspirando e seu olhar se perde no horizonte por um minuto, provavelmente pensando em Janaína.

Eu sou obrigado a engolir a vontade de caçoar dele, por ser tão facilmente levado por primeiras impressões vazias, mas me contento em apenas balançar a cabeça e concordar da maneira que posso.

- Ela é bonita mesmo.

- Mas a irmã também é muito bonita.

André sugere e ergue as sobrancelhas com malícia, num sinal claro de quem acha que eu deveria tentar alguma coisa. Estamos cheios de cupidos casamenteiros aqui essa noite, quem diria. Já pode se juntar ao clube da mãe das jovens e começar a planejar casamentos. Até posso imaginá-lo participando de uma discussão sobre guardanapos de linho ou de organza, para combinar com os centros de mesa.

- Não bonita o suficiente para me tentar. Não estou com

humor no momento para dar atenção a qualquer mulher, ainda mais para uma que nem faz o meu tipo.

- O seu tipo, meu velho amigo, é um contrato de compra de alguma empresa para analisar. Se casaria com um dos seus conglomerados, se pudesse.

Ergo o meu copo, analisando a cor do whisky contra a luz. É muito boa, além de ter um aroma que eu aprecio. Se eu bem conheço André, deve ser algo artesanal de algum pequeno produtor que conheceu por acaso.

- O que eu não entendo... - Eu me viro para encará-lo, apoiando meu copo no parapeito da sacada e cruzando os braços. - É por que está perdendo tempo aqui comigo, quando *a mulher mais linda do mundo* está te esperando lá dentro?

Aponto com a cabeça para a loira que não está mais com a irmã, mas conversa com um senhor de idade e parece desesperada para que alguém a salve o mais rápido possível.

- Tem razão. - Ele fica ainda mais animado, esfregando as mãos. - Vamos comigo? Não vou te deixar ficar isolado aqui a

noite toda, como sei que estava planejando fazer.

- Jamais faria isso.

Exceto que faria sim, mas sei que ele não vai facilitar para o meu lado. Então, eu o sigo para dentro como um cãozinho obediente, até ser abordado por um grupo de senhoras que parecem querer descobrir, de uma maneira bem direta, qual é o saldo da minha conta bancária.

Essa noite vai ser ainda mais longa do que eu pensei...

Cecília

Se Henrique tivesse olhado para a sua direita, além da bolha de esnobismo e arrogância que deve imaginar ter ao seu redor, teria visto que eu e Gabriela também estávamos na varanda, logo atrás da pilastra da entrada. O melhor de tudo?! Escutamos o papo inteiro dos dois.

Poderia ser um golpe e tanto na minha autoestima, mas não ser o tipo de um cara como aquele foi o equivalente a um grande

elogio. Que homem mais desagradável! Já não gostei quando ficou me encarando lá dentro como se fosse um ser superior, de nariz empinado, ou quando me deu aquela resposta desdenhosa. E nem se deu ao trabalho de conversar com mais ninguém! Seu amigo mesmo falou que ele planejava ficar isolado por toda a noite.

Quem ele pensa que é?!

Eu, hein.

Pior primeira impressão possível.

- Azar o dele, Ceci. - Gabi tenta me animar. - Você não ia querer nada com um cara como aquele. Tenho certeza de que o imbecil dorme de meia e come pizza de garfo e faca.

- Tem toda razão. - Balanço a cabeça, começando a voltar para dentro e a puxando junto comigo. - Além disso, ele também não faz o meu tipo. Quem diria que nós temos algo em comum?!

Gabs ri com gosto e nos guia para junto de Jana e André. Eu realmente gostei desse cara e de como olha para a minha irmã: como se ela fosse a coisa mais bonita que já viu na vida. Posso correr o risco de quase parecer a minha mãe, mas preciso dizer que

esses dois me dariam lindos sobrinhos loirinhos e com bochechas rosadas.

Ao longo da noite, tento me manter sociável e falar com todos, mas alguma força estranha me faz ficar espiando Henrique pelo canto do olho a cada cinco minutos. Realmente tem algo de fascinante sobre ele, algo que eu não sei dizer bem o que é. Talvez seja o seu jeito distante, que me faz ter vontade de prestar atenção no cara apenas para contrariá-lo. Uma leve rebeldia inocente e imperceptível. Afinal, tudo que nosso anfitrião tem de simpático, seu amigo parece ter de mal-humorado.

Depois de alguns minutos, Camila se junta a ele no canto afastado onde está, parecendo ainda mais desconfortável do que antes. Na minha humilde opinião, eles formam um ótimo casal: os dois têm cara de quem acabou de chupar um belo limão azedo.

Se bem que ele é bonito, até com o limão. *Muito bonito...* Tem traços que parecem esculpidos, de tão angulosos - principalmente seu queixo, suas sobrancelhas e suas maçãs do rosto. Os ombros largos o ajudam a preencher o terno do melhor

jeito possível e até os dedos que seguram o copo de whisky são atraentes, longos e bem-cuidados. A barba escura contribui para tornar sua expressão ainda mais intensa, mais cheia de personalidade. Sim, essa é a melhor descrição para a sua aparência.

Intensa.

Como se finalmente tivesse sentido minha inspeção, ou tivesse decidido que eu merecia sua atenção, ele se vira e nossos olhares se cruzam. Eu desvio o rosto, não querendo me enfiar numa versão estranha e sombria de “quem pisca primeiro?” e finjo que nada aconteceu.

- Não acha, Ceci?! - Jana pergunta e eu não faço ideia sobre qual assunto estamos conversando agora.

Droga!

- Claro. - Concordo mesmo assim. Até porque, se minha irmã disse, é verdade.

Sentindo minhas bochechas esquentarem de vergonha, volto a me concentrar apenas nos dois. Posso estar me adiantando aqui, mas acho que o encantamento de André por ela está ridiculamente

óbvio. E de Jana por ele, ainda que seja bem mais discreta em demonstrar.

Depois de algum tempo, mamãe vem se juntar a nós. Até fiquei surpresa que tenha demorado tanto para isso. Devia estar se coçando de vontade de interferir logo, mas dividida pela ideia de deixar os dois sozinhos para se conhecerem.

Mas quando chega, ela bota para quebrar.

Para compensar todo o jeito discreto e contido de Jana em demonstrar seus sentimentos e falar sobre ela mesma, Dona Lina começa a recitar todas as qualidades da filha mais velha em alto e bom som.

- Porque ela sempre recebe a atenção de inúmeros pretendentes, homens muito bem-sucedidos que conhece na escola em que dá aula. Ah, sim. Ela é a professora preferida de todos. - Mamãe dá tapinhas nas bochechas de Nana, que parece mortificada. - Lembram daquele tolinho que veio declamar uma poesia aqui na portaria do prédio?!

Henrique e Camila começam a se aproximar do nosso grupo

bem nessa hora, me fazendo desejar poder sair correndo, ou me esconder. Se eu bem me conheço, não vou conseguir fingir manter uma conversa civilizada com o cara que disse que eu não era “bonita o suficiente”. Por mais que tenha dito que não liguei, não tenho sangue de barata e sei que vou acabar arrumando alguma encrenca.

Será que perceberiam se eu me enfiasse embaixo dessa mesinha lateral?! Não, essas perninhas finas de madeira não são o bastante para me esconder. Esses ricos não pensam em esconderijos quando escolhem mobília, droga. Percebendo que não tenho uma rota de fuga, me conformo com o triste destino de ter que encará-lo e tento encerrar o assunto antes que minha mãe se envergonhe ainda mais e envergonhe Jana junto.

- Após esse episódio, minha irmã teve a desculpa perfeita para dispensar o rapaz. Quem diria que uma poesia poderia ser a culpada por encerrar um caso de amor, não é?!

- Surpreendente, de fato. - Henrique responde, fazendo aquele negócio de erguer a sobrancelha para mim de novo. - Até

onde me consta, jovens se impressionam por gestos desse tipo.

- Apenas jovens pouco impressionáveis, eu diria. A declamação de um texto genérico, escrito por outra pessoa e para outra pessoa, não pode ser considerada como uma prova genuína de afeto.

- Dispensa a importância de todos os poetas, senhorita Oliveira? De todos que escreveram para suas amadas ao longo da história?

- Se elas já fossem suas amadas e quando eles próprios os escreviam, aí o gesto se tornaria gracioso. Mas como se pode declamar palavras de amor roubadas e para alguém que mal se conhece? Me parece típico de histórias que acabam em páginas policiais. A linha entre o amor e a loucura é tênue e se chama reciprocidade. - Replico no mesmo tom, sem me intimidar.

- O que sugeriria que o homem fizesse então? Para demonstrar suas intenções de uma forma que fosse considerada romântica e não assustadora, ou ofensiva?

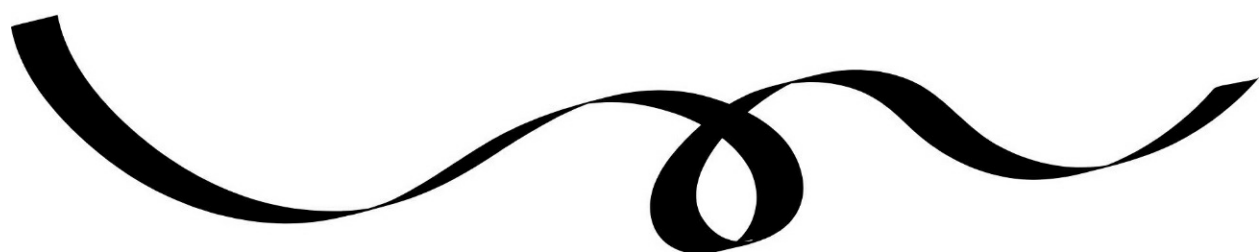
- Flores. - Respondo sem nem pensar.

- Flores? - Henrique parece confuso, franzindo as sobrancelhas marcantes para mim e interrompendo seu gole de whisky a meio caminho da boca. - Não acha um tanto impessoal? Nós levamos flores até para os mortos.

- Tudo depende da forma como é feito. Se a pessoa se dá ao trabalho de escolher pessoalmente e ainda escreve um cartão, demonstra que pensou na outra e que gostaria de fazer uma gentileza. Se escolher algo diferente de rosas genéricas, por exemplo, ainda poderá dar uma pista de como vê a jovem em questão. Orquídeas são exóticas e um tanto audaciosas. Tulipas são clássicas, mas cheias de charme. Suculentas são práticas e independentes. Por mais que o pretendente não me fosse *tentador*, ou não fosse o meu *tipo*... - Dou uma olhada significativa para ele, deixando claro que tinha ouvido tudo que falou mais cedo. - ...ficaria tocada pelo gesto.

Satisfeita com o meu discurso, dou um sorriso luminoso para todos que estavam participando da conversa e saio andando toda feliz com o prazer da vitória correndo pelas veias.

Ceci 1 x 0 Pomposo Esnobe.



CAPÍTULO 04

- André é tudo que um homem deveria ser. Educado, gentil, inteligente, sensível, cheiroso...

Jana estava espremida na minha cama de solteiro comigo, com as luzes já apagadas, só para gente poder reviver todos os acontecimentos da noite. Está se sentindo elétrica demais para dormir e eu não a julgo. Ela parece feliz, animada, cheia de esperanças e é muito bom vê-la assim.

- Não se esqueça de que ele também é muito bonito. - Eu a atijo um pouco mais, sabendo que não falaria sobre esse aspecto tão *agradável* do seu novo pretendente.

- Sim, muito bonito. - Concorde com um sorrisinho, antes de esconder o rosto no travesseiro, dando um gritinho empolgado. - Ahhhhh! Ele é maravilhoso!

- E rico. - Continuo entre as nossas risadas.

- Sabe que eu não me importo com isso, Cecília. - Abaixa a

almofada e tenta me dar um olhar de censura, mas que logo se transforma num olhar divertido. - Olha só quem fala. Sei que você gostaria ainda menos de uma pessoa se soubesse que ela tem dinheiro. Bem vi o jeito que tratou o tal Henrique.

- Não todas as pessoas que têm dinheiro, só aquelas que se acham no direito de serem arrogantes porque tem mais zeros na conta bancária do que o resto de nós. Exatamente como o tal Henrique. - Pego o travesseiro e uso para bater nela de leve.

- Eu ainda não acredito que ele falou daquele jeito sobre você.

- Está tudo bem, Jana. De verdade.

- Se ao menos você pudesse sentir o que estou sentindo agora. Ceci, eu sinto como se pudesse flutuar! - E tem outro ataque de risinhos felizes. - É possível se sentir tão feliz assim mesmo?

Tudo bem, vamos chamá-los de “Evidência B”. Só um sério caso de amor à primeira vista para deixar o ser-humano nessa condição de sentir que poderia voar, mesmo com os pés no chão.

- Claro que é possível! Inclusive, eu prevejo muitos

sobrinhos para mimar no meu futuro. Vou ser a tia preferida do André Júnior e da Jana Júnior.

- E se esse “pai dos meus filhos” tiver um irmão gêmeo que a gente não conhece?

- Aí eu até poderia pensar no assunto. - E ainda temos a opção do universo me mandar o meu Mr. Darcy. Eu não perdi as esperanças! - Mas não vamos falar sobre mim. Vamos falar sobre você e o meu futuro cunhado que eu acho muito mais útil. Conte-me tudo que descobriu!

Pelo que eu entendi, a família de André sempre foi bem de vida, mas ele, um jovem bem sensato, se formou em arquitetura e foi trabalhar com Henrique, construindo seu próprio nome na área. E daí veio o dinheiro para comprar a cobertura, seu primeiro grande investimento. Ele e Camila conhecem Henrique desde a infância, porque as mães dos dois eram muito amigas.

- Fora arquitetura, ele também é apaixonado por qualquer coisa ao ar livre e quer ter uma grande família um dia.

Evidência B está ganhando força. Eles gostam das mesmas

coisas e querem as mesmas coisas da vida. Nana sempre disse que queria ter três filhos, pelo menos. Toda vez que ela falava isso, minha mãe se acendia como uma árvore de natal.

- Ainda não acredito que André ficou ao meu lado o tempo todo. - Se vira para me encarar toda esperançosa. - Você acha que ele gostou mesmo de mim?

- Ele não teria pedido seu WhatsApp se não tivesse gostado. O homem te olhava como se você fosse a melhor invenção desde a lasanha congelada.

Se bem que ele nem deve saber o que é uma lasanha congelada.

Ao invés de me responder, só suspira mais um pouco se aconchegando contra mim e sei que está duvidando da sua própria capacidade. Por baixo da camada tranquila, existem algumas camadas de insegurança. Parece que ela não acredita que mereça um cara legal como aquele, por isso acaba se enrolando sempre com os manés que encontra por aí.

- Estou feliz que esteja suspirando por alguém como o

André. Você já gostou de caras piores. - Começo a fazer um cafuné de leve, como ela fazia em mim quando eu era pequena. - Na verdade, faz sentido essa sua precaução. O seu jeito de gostar de todo mundo é um perigo e você sabe. Todo mundo é bom e agradável na Janalândia.

- Eu não gosto de pensar mal de ninguém, não até essa pessoa me dar motivos reais para eu fazê-lo. - Me dá um olhar meio preocupado. - E não acho todo mundo agradável, aquele Henrique é um exemplo disso. Tem certeza de que está bem com o que ele disse?

- Eu até poderia perdoar sua arrogância, se ele não tivesse sido tão desdenhoso comigo sem nenhum motivo aparente.

- Não foi pessoal, todos acharam que o homem é muito desagradável. - Ela completa, querendo me consolar.

- Não importa, provavelmente não vamos nos encontrar com ele de novo. Ao contrário de você e seu André, que ousou dizer que se encontrarão muito ainda nessa vida.

E essa é a deixa para que ela volte a suspirar feliz.

No meu íntimo, faço outra prece. Dessa vez, eu peço para que minha mãe esteja certa e que esses dois vivam mesmo felizes para sempre. Espero que minhas primeiras impressões estejam certas e que André Rocha seja tão incrível quanto parece ser.

- AHHHHHHHHHHH!

Eu ouço o grito da Jana e saio correndo, ainda com a escova de dentes na boca, com a toalha quase caindo e babando pasta pelo caminho todo do banheiro até o nosso quarto.

- O que foi? O que aconteceu?

Pergunto desesperada, olhando ao redor e esperando ver, sei lá, uma barata voadora, ou Pixinguinha segurando mais um rato de presente para mim, ou descobrir que tem um cara morando embaixo da nossa cama, igual àquela notícia que vimos mais cedo no Facebook.

- Olha isso. - Ela me entrega o celular, mordendo os lábios e me olhando com expectativa.

Eu olho para a tela já esperando encontrar alguma notícia como “Roberto Carlos, Pelé e Silvio Santos morrem ao mesmo tempo”, mas era apenas uma mensagem no WhatsApp.

Bom dia, moça bonita!

*Será que você daria a honra de acompanhar
a mim e minha irmã num almoço beneficente
que iremos hoje?!*

Será num jardim, algo informal e maçante.

*Só a sua companhia poderia
me salvar do tédio completo.*

- Com a irmã? - Pergunto fazendo uma careta.

Então, não é um encontro real e oficial. Nenhum cara levaria a irmã para um encontro. Homens precisam ser tão confusos

assim? Até os caras decentes são confusos! Nem os próprios homens devem entender os homens.

- Ele é tímido, Ceci. - Jana defende, entre um suspiro e outro. - Mas me chamar para sair tão rápido é um bom sinal, não é?

- É um ótimo sinal. - Limpo um pouco da pasta na toalha, antes que pingue no nosso tapete cor-de-rosa. - Então, o que vai vestir?

- Um vestido e sapatilhas, se vai ser uma festa num jardim. O que acha?

- Acho ótimo. Agora, responda o pobre homem. Ele deve estar morrendo de ansiedade lá do alto da sua cobertura chique. - Começo a voltar para o banheiro, mas paro na porta. - Ah! E conte para a mamãe, dê a ela a chance de imaginar o futuro rosto dos netos mais um pouco.

- Tem razão! Ela vai ficar tão feliz!

Jana sai saltitando toda alegre e eu volto ao banheiro para terminar de escovar os dentes. Antes mesmo que eu consiga fechar a porta, ouço o grito empolgado de dona Lina, lá do outro lado da

casa. Acho que até o próprio André escutou, mesmo com vinte e oito andares de distância. Que Deus nos ajude!

Quando volto para o quarto, Jana está mostrando algumas roupas para a nossa mãe - que está sentada na minha cama com um balde de pipoca nas mãos, parecendo mais feliz do que nunca. Mais do que ontem, inclusive.

- Pensei em usar esse vestido azul, com as minhas sapatilhas vermelhas novas.

- Não, meu bem. Você precisa ir com aquela sandália anabela de salto alto.

- Como é? Salto alto para andar na grama? - Eu pergunto, me jogando ao lado dela.

Acho que perdeu o juízo de vez. Foi tanta alegria que deve ter queimado alguma coisa ali dentro. Deu um curto-circuito por felicidade e a sobrecarga elétrica desarmou os disjuntores do bom-senso.

- Sim, com certeza. - Pega mais um punhado de pipoca, parecendo muito satisfeita com ela mesma. - Pode confiar na

mamãe.

“Pode confiar na mamãe” são palavras que me dão arrepios. Na última vez que ela falou isso, eu acabei vestida de porquinho para a foto anual da família.

Eu tinha um rabo. UM RABO.

- Bem. Se sua filha quebrar uma perna, será um conforto saber que foi tudo sob suas ordens e em busca de um bom partido, querida. - Meu pai brinca ao entrar no quarto, sentando ao meu lado e roubando um punhado de pipoca.

- Ninguém quebra a perna por um sapato. Você deveria ficar feliz por um cara tão agradável quanto André estar interessado na sua filha. Imagina se fosse outro, como aquele tal Henrique. Tão metido que ninguém conseguiu suportá-lo, andando para lá e para cá com o nariz empinado, como se fosse melhor do que a gente. Eu odiei aquele homem.

- Junte-se ao clube, mamãe.

E olha que não contei para nenhum dos dois sobre o que eu ouvi esse cara falando sobre mim. Grandes chances de dona Lina

caçá-lo com uma de suas agulhas de tricô e torturá-lo até o homem pedir por clemência. Oh, eu consigo imaginar perfeitamente essa cena. Seria sangrento...

- Mas André é maravilhoso. Ele conversou tanto com você ontem, meu bem. E te chamar para sair já no dia seguinte, para um evento de negócios oficial e com a família dele, é perfeito. Nem eu poderia ter imaginado um desenrolar melhor!

- E aposto que você imaginou vários lindos cenários, querida.

- Com certeza. A alegria de imaginar mantém meus nervos sob controle.

Reviro os olhos para o meu par de “Evidência A”, antes de expulsá-los do quarto para que Jana possa se arrumar com tranquilidade. Eu a ajudo a fazer uma escova no cabelo, enquanto ela faz sua maquiagem leve e se ocupa em sorrir sem parar.

Que fofura! Até eu acabo contagiada pela sua alegria.

Uma hora depois, a campainha toca e eu corro para abrir, aproveitando que minha mãe está no banheiro e papai subiu para

resolver algum problema no 606. Até o *timing* desse homem é perfeito.

- André! Bom te ver de novo.

Dou meu melhor sorriso simpático e ele retribui com um ainda mais adorável. Quase tenho vontade de apertar suas bochechas, de tão fofo que ele é. AWNT!

- Cecília! Como está hoje?

- Muito bem, obrigada. E você?

Indico a nossa melhor poltrona para que se sente. Se ele sentar no sofá marrom, vai afundar a bunda direto na madeira que fica ali no meio, tadinho. Ninguém merece passar por isso e encarar a minha mãe, tudo no mesmo dia.

- Bem, bem. - Esfrega as mãos, todo nervoso. - Você se divertiu ontem? Gostou do jantar?

- Estava tudo uma delícia. - Menos a parte de ter que confraternizar com aquele bando de pomposos almofadinhas, claro.

- Que bom que gostou. Também achei que tudo saiu muito melhor do que esperava. - E o nome desse “melhor” é Janaína

Oliveira.

Como se tivesse ouvido a deixa, minha irmã entra na sala nesse momento, linda como sempre e fazendo o pobre rapaz engasgar, igualzinho aconteceu ontem. Ele tenta ficar em pé rápido para cumprimentá-la, mas acaba tropeçando na ponta do tapete e quase cai em cima na mesa de centro. É fofo, mas é um desastre e eu não quero mais ver isso. Decido dar privacidade aos dois e me levanto, indo em direção ao quarto.

- Bom, vou deixar vocês a sós. Divirtam-se no almoço!

Jana pega na minha mão por um segundo e nós trocamos uma comunicação silenciosa. “Vai dar tudo certo”, eu digo. “Obrigada. Me deseje sorte”, ela responde e eu pisco em concordância.

Evidência B está com tudo!

Aproveito o silêncio e a tranquilidade de ter o quarto só para mim e me atualizo com meu novo caso. Logo minha mãe avisa que também irá sair e eu respiro aliviada por ter algumas horinhas de sossego.

Resisto a minha vontade de pegar um novo romance para ler e me foco no trabalho. Sei que vou ficar orgulhosa de mim mesma quando estiver com aquela sensação boa de dever cumprido, de um dia que rendeu. Começo a rabiscar uma lista de tudo que tenho para fazer e minhas tarefas rendem que é uma beleza. Depois de duas horas, consigo riscar todos os itens e me recosto contra a cadeira, deixando de lado a papelada para fazer uma merecida pausa.

Eu abro o Instagram para dar uma espiada no que está acontecendo no mundo, passando por fotos de cachorrinhos, fofocas de celebridades, *selfies* sem fim, algumas propagandas e só paro quando chego numa foto de Lulu tirada ontem, onde Henrique aparece de fundo.

A curiosidade leva a melhor sobre mim e eu clico em cima da imagem, me perguntando se ela teria a coragem de marcar o cara... Sim. Luísa CSI não perde uma, estou impressionada.

Clico no seu nome, sabendo que não adiantará de nada porque mesmo que tenha sido marcado, o seu Instagram não deve

ser aberto. E...

Estou errada de novo.

Caramba! Surpresa, atrás de surpresa hoje.

Vou passando pelas publicações e sigo sem descobrir muito sobre o enigma que é esse cara. Ele tem várias fotos de paisagens de lugares diferentes do mundo, mas encontro apenas duas que aparecem pessoas: uma dele mais jovem, erguendo uma criança loira no colo para que coloque uma estrela no topo de uma árvore de natal e outra com André esquiando numa montanha cheia de neve.

Pomposo esnobe.

Pomposo é uma palavra gostosa de falar, não é? Pooom-pooo-soooo. Cheia de “os”! A janela do WhatsApp pula na minha frente, interrompendo minha divagação fonética, e eu congelo no lugar assim que leio a primeira mensagem que Jana me enviou.

“Estou no hospital.”

“Eu tropecei na grama e acabei virando o pé.

Não é nada grave, mas pode vir me encontrar?”

“Claro.

Qual hospital?”

“Estou no Einstein de Perdizes”

Caramba, o hospital mais chique de São Paulo.

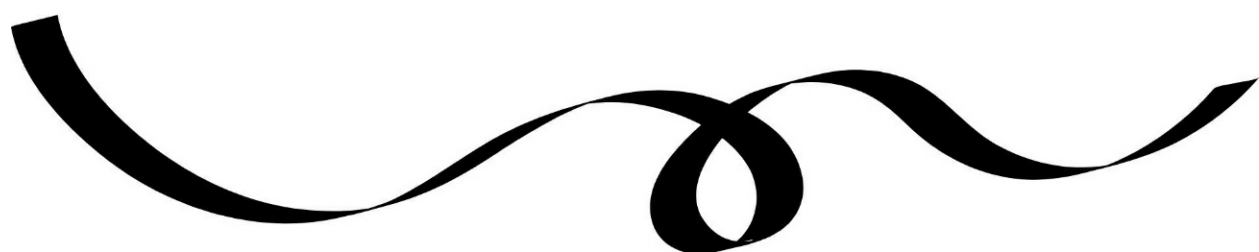
Eu levanto de um pulo, coloco uma legging preta, minha camiseta preferida com o escrito “Talk Darcy To Me”, tênis de corrida, grito o que aconteceu para Lulu - a única que está em casa no momento - e saio correndo sem esperar pela sua resposta.

Vinte minutos depois, chego no hospital ofegante e um tanto descabelada por conta da garoa fina que começou a cair bem quando estava na rua. São Paulo adora tirar uma com a cara dos moradores, acho que para manter a galera esperta e mostrar quem manda real.

Assim que subo para o andar que me indicaram, encontro as duas pessoas que eu menos queria ver hoje, sentados bem ao lado do balcão de informações e conversando com as cabeças unidas.

Henrique e Camila.

Ah, droga.



CAPÍTULO 05

Será que esses dois se pegam? Eu diria que sim. Ou melhor dizendo, esses dois devem trocar veneno. Estou pensando em promovê-los a “Evidência C”. Só dois odiosos juntos para se aguentarem mesmo.

- Santo Deus, Cecília. - Camila me dá um olhar de desprezo e nem tenta disfarçar. - Parece que você veio correndo até aqui.

Só então Henrique também percebe a minha presença e fica em pé na mesma hora, me dando um dos seus olhares indecifráveis. Tudo bem, talvez eu esteja um pouco mais do que apenas descabelada. Em contraste com ela e sua calça bege combinando com camisa branca, eu devo estar parecendo uma lunática.

Pena que eu não me importo.

- Talvez porque eu tenha vindo correndo de fato. - Dou o meu melhor sorriso insolente, erguendo o queixo para ela sem me abalar. - Como está a minha irmã?

- Foi apenas uma luxação. Ela está sendo imobilizada nesse

momento.

Henrique responde com a sua voz rouca e algo se remexe dentro de mim. Irritação talvez? Uma dose de desprezo? Também não entendo o olhar que está me dando. Não é desdenhoso, como o de Camila, mas também não deixa transparecer nenhuma emoção positiva. O homem poderia muito bem ser uma estátua de mármore parada ali, me encarando sem piscar.

Mesmo sendo sábado, ele está de terno, parecendo impecável e inabalável. Com o que será que esse cara trabalha? Será que ele trabalha até nos sábados? Se for com “coisas da bolsa de valores”, a resposta é não. O que eu posso dizer, com certeza, é que tem uma concentração muito maior de enfermeiras próximo de onde está. Sério, gente?! Ele é lindo, mas não precisa tanto.

- Eu posso entrar para vê-la?

Pergunto ansiosa para sair de perto dessa intensidade e dessa arrogância logo. Tudo que eu não preciso hoje é ficar batendo papo com meus “amigos” Camila Simpatia e Henrique Pomposo.

- Claro. André está com ela. - Ele responde e me indica a porta ao seu lado.

- Obrigada.

Eu me obrigo a dar um sorriso educado, a ser uma alma evoluída, e entro no quarto que mais parece um hotel cinco estrelas. Um enfermeiro está se ocupando em ajustar uma bota preta no tornozelo da minha irmã, enquanto André segura sua mão e sorri todo fofo.

- Olá. - Cumprimento feliz.

- Ceci! Você veio. - Nana dá um sorriso animado para mim.

- Claro que eu vim.

Paro ao lado da cama e respiro aliviada ao ver que parece ótima, sem nenhum arranhão. Na verdade, parece melhor do que o normal. O brilho de alegria no seu rosto está impagável.

- Como está se sentindo? - Além de muito apaixonada.

- Muito bem. Eu nem deveria ter vindo para o hospital, mas o André insistiu.

- Queria ter certeza de que não quebrou nada, bonita.

Franze as sobrancelhas com preocupação, antes de afastar uma mecha do cabelo dela com carinho, prendendo atrás da sua orelha.

- Fez bem, André. Obrigada por ter cuidado tão bem dela.

Mais um ponto positivo para esse cara! Mal posso esperar para tê-lo como cunhado, vai ser o melhor de todos.

- Foi um prazer. - Ele arregala os olhos para mim. - Quer dizer, não foi um prazer que ela se machucasse. Quer dizer, foi um prazer cuidar dela. Ceci, eu não sei mais do que estou falando.

Parece aterrorizado e eu só consigo rir.

- Tudo bem. Eu entendi.

Coloco a mão de leve no seu antebraço, para acalmá-lo. Aparentemente, minha irmã cozinha os neurônios do pobre homem e eu não posso julgá-lo. Depois de alguns minutos, ela recebe alta e, assim que saímos do quarto, damos de cara com Camila e Henrique. Tenho de admitir que a loira até parece um pouco preocupada com Nana.

- Tudo bem, Janaína? - Ela pergunta, se levantando.

- Tudo ótimo, obrigada. - Sorri tranquila. - Podemos ir?

- Só preciso acertar as despesas antes.

Eu olho ao redor procurando um caixa, tesouraria, ou qualquer outro lugar para ir entregar o meu rim. Aqui é um hospital, eles devem aceitar rins, não é?! Se tem alguém que sabe fazer uma nefrectomia, esse alguém são eles.

- Não será necessário. - Henrique responde com firmeza. - Camila, me acompanha de volta ao almoço? Assim podemos liberar André para levar as moças embora.

- O que quer dizer com “não será necessário”?

Pergunto fazendo uma careta, mas o homem apenas me ignora. Ele oferece o braço para Camila, que aceita feliz e os dois saem sem olhar para trás, em direção aos elevadores.

Ele me ignorou mesmo?! Apenas me ignorou?! Mas que filho de uma chocadeira! Pomposo arrogante acabou de cair mais uns dez pontos no meu conceito.

- André? Sabe onde eu posso acertar?

- Acho que Henrique já cuidou disso, Ceci. - Ele sorri. -

Mas vou me certificar.

Meu futuro cunhado nos deixa por um segundo para ir conversar com uma das recepcionistas, que está no balcão próximo a nós. Eu não acredito que o idiota pomposo achou que teria de pagar pela gente. Quem pediu para ele pagar, oras?! Eu não, com certeza.

- Ceci, calma. - Jana sente que eu estou ficando extremamente irritada. - Foi apenas uma gentileza.

- Uhum. Claro. Henrique é tão gentil.

- Aparentemente, ele é mesmo. André me disse que nunca fala muito, a menos que esteja entre seus amigos íntimos e que é bem fechado, mas que ele o considera a melhor pessoa que já conheceu.

- Então ele está precisando conhecer pessoas novas. - Eu bufo e ela ri.

- Tudo certo. Henrique pagou tudo. - André volta ao nosso lado e se posta atrás da cadeira de rodas de Nana, começando a empurrá-la.

- Que gentil. Preciso agradecer a ele.

- Não se preocupe, bonita. Ele não é do tipo que espera agradecimentos.

São Henrique da Pomposolândia é muito maravilhoso. Nossa, que homem incrível. Vamos escrever uma ode aos seus feitos impressionantes.

Ugh.

Vou admitir que não esvaziar a “Poupança do Apê” foi bom, mas o jeito arrogante com que fez isso me tirou do sério. Quer dizer, me tirou *ainda mais* do sério.

Nós seguimos para o elevador e de lá para o Netherfield no SUV esportivo de André, enquanto conversamos sobre nossas músicas preferidas. A vibe dos dois é tão boa que vou até me acalmando. Quando chegamos no estacionamento, nem estou soltando fogo pela boca mais. Como se não tivesse sido cavalheiro o bastante, ele ainda a carrega pela escada até o nosso apartamento, prometendo voltar mais tarde para ver como está.

Sobrinhos loiros, aí vamos nós!

Eu acomodo Nana no sofá, toda confortável com uma almofada macia embaixo do pé, uma xícara de chá e seu Kindle com o mais novo lançamento da sua autora preferida nas mãos. Enquanto isso, dona Lina faz um interrogatório completo e parece mais do que satisfeita quando se inteira de tudo que André fez.

- Mamãe! Você não vai acreditar no que a dona Lourdes me contou.

Lulu entra correndo nesse momento, ignorando a própria irmã machucada. Ela larga sua bolsa no chão da sala e pula por cima de uma das poltronas, se jogando ao meu lado e me espremendo toda.

- Não me diga que outro solteiro rico se mudou para o prédio?

Pergunto em tom de deboche, mas ela não consegue captar o meu sarcasmo, envolvida demais na sua bolha de alegria para isso.

- Muito melhor, Ceci. UMA REPÚBLICA DE UNIVERSITÁRIOS se mudou para o 1404. Três caras lindos e

jovens! Estudantes de publicidade!

- Mas que ótima notícia, meu bem. Ah, está tudo se encaixando. Você ouviu isso, Osvaldo?!

Para o azar de papai, ele escolheu bem essa hora para entrar na sala.

- Sim, sim. Uma filha no hospital e outra caçando desconhecidos pelos corredores. Sou um pai orgulhoso.

- Pare de caçar dos meus esforços. Você também, Cecília. Não pense que não vejo as caretas que faz para mim. - Ela funga baixinho e coloca a mão no coração, sua pose típica do drama.

- Eu só não acho que a senhora leve o crédito pela Nana ter tropeçado e torcido o pé. - Tento argumentar.

- Pois se tivesse ido de sapatilha, não teria tropeçado e não teria passado tanto tempo sozinha na companhia dele. Mamãe sempre sabe o que é melhor. Eu tenho as melhores ideias, vocês que não sabem valorizar os meus talentos.

Deus nos livre das suas piores ideias então.

Reviro os olhos e decido ir para o quarto, de volta aos meus

queridos contratos. Joga as pernas de Lulu para o chão, tirando a garota de cima de mim e me levanto, parando para dar um beijo no seu Osvaldo. Pego meu notebook, me jogo na cama e, como sempre faço antes de qualquer outra coisa, checo a minha caixa de entrada.

Piscando ameaçador bem na primeira posição, está um e-mail do meu chefe. Aparentemente, essa fusão é tão grande que exige que eu vá trabalhar direto na empresa do nosso novo cliente, começando na segunda-feira. O figurão deve ser do tipo centralizador, que precisa controlar tudo. Eu faria o mesmo no seu lugar, diga-se de passagem. Ficarei alocada lá até o processo acabar, o que me deixa fervilhando de ansiedade boa. Gosto de desafios e gosto de fazer novos contatos. Talvez até consiga algo que vá me ajudar a turbinar a “Poupança do Apê”. O que significa que preciso me dedicar o dobro do que antes, inclusive.

Passo o resto do sábado trabalhando, apesar dos protestos da minha mãe. Sem contar os momentos em que ela simplesmente ignora que eu estou ocupada e fica falando comigo, ou parada atrás

do computador, ou me pedindo para ver receitas de tricô no Youtube.

No dia seguinte, ela, papai e Lulu saem para ir ao mercado e eu fico com a desculpa de cuidar de Nana. A questão é que Janaína não dá trabalho nenhum, então ficamos nós duas em um silêncio confortável, cada uma entretida com a sua própria vida. Nosso sossego só é perturbado por volta das onze da manhã, quando a campainha toca, nos fazendo pular no lugar com o susto.

- Quem pode ser? - Pergunto.

- Não faço ideia.

Ela ajeita um pouco o cabelo e estica sua camiseta básica, enquanto eu levanto para atender. Dou de cara com um André sorridente, uma Camila com a expressão entediada e, atrás dos dois, Henrique com o seu rosto impassível de sempre.

Ah, não...

O bonde todo.

- Bom dia, Ceci. Desculpe incomodar tão cedo... - Onze da manhã é cedo? - ...Mas tenho que fazer uma rápida viagem ao

interior e queria ver Janaína antes de ir.

- Imagina, não tem problema nenhum. - Não consigo evitar sorrir para ele e toda sua doçura. - Entrem, por favor.

Dou passagem para o grupo, sorrindo para Camila só para vê-la sendo obrigada a sorrir para mim de volta. *Ai, gente. Eu não presto...*

Henrique me ignora e eu o ignoro de volta mais do que satisfeita, controlando minha vontade de confrontar o idiota pelo que aconteceu ontem no hospital. Escolto os três até o nosso quarto, aliviada por ter arrumado as camas hoje cedo e por ter guardado os meus sutiãs que estavam pendurados nos puxadores do guarda-roupa.

Assim que André e Jana se olham, as expressões dos dois se iluminam. Queria poder fazer um “awn” bem alto para essas minhas “Evidências B” fofinhas. Depois de trocarmos algumas amenidades, eu chamo Camila e o pomposo carrancudo para tomarem um café comigo na sala e darem um pouco de privacidade ao casal.

Quase rio ao ver o tão composto Henrique Alves de Medeiros, que está usando seu terno de uniforme mesmo sendo domingo, se sentar no sofá florido da minha mãe e beber da minha caneca que tem a frase “*E então satanáás disse: vamos colocar o alfabeto na matemática*” estampada.

- Desculpe por termos vindo sem avisar. - Camila começa, com seu jeito formal.

- Imagina. Eu estava apenas adiantando algumas coisas do trabalho.

- O que você faz, Ceci? - Bebe um mini gole, ou finge beber, belíssima com sua caneca de “*Eu trabalho duro para dar uma boa vida ao meu gato*”.

- Eu sou uma advogada corporativa.

- Oh. Que *inusitado*. Não esperava algo assim.

Ela esperava o quê?

Melhor nem perguntar, pelo bem da minha sanidade.

- E você, o que faz? - Viro logo meu copo todo, para deixar a cafeína me acalmar.

- Eu me ocupo em algumas causas sociais, organizo os eventos da família, vivo em uma correria... - Meu olhar de águia percebe que a boca de Henrique se moveu um milímetro, como se ele tivesse tentado segurar o riso.

Acho que foi a primeira vez que compartilhamos de um mesmo sentimento. Pelo menos, posso dizer que escolhi a caneca certa para ela - *moça trabalhadora*.

- Claro que a minha correria não é nada parecida com a que Henrique tem de lidar.

- Claro.

Concordo, virando minha xícara de “*Existe uma chance de isso ser cerveja*”, só para encontrá-la vazia. Droga! Poderia ser cerveja mesmo, aí ficaria mais fácil encarar esse dia. Será que eles vão perceber se eu der um pulinho na cozinha e abrir uma Heineken?!

- Quantas reuniões você deve ter durante uma semana, Henri? - Camila continua.

- Mais do que eu posso contar. - Ele responde seco.

- Reuniões de negócios são tão tediosas.

- É uma sorte que sejam responsabilidade minha, não sua.

Outch! Mas o seu tom não foi zombeteiro, por incrível que pareça. O sarcasmo parecer ser uma coisa que vem naturalmente para ele. Me recosto melhor contra o sofá, pronta para analisar melhor a dinâmica entre os dois.

Acho que não estão juntos, no fim das contas. Ou são um casal muito exótico. Não tem um ar de cumplicidade entre eles, nem aquela coisa de linguagem corporal em sincronia, de parecerem estar sempre conscientes da presença do outro.

Ou são feitos de gelo, também pode ser.

- Tem razão. - Ela concorda, dando um sorriso nada ofendido. - Por isso prefiro me dedicar à família, é bem menos estressante. A propósito, como vai sua irmã?

- Muito bem.

Ah! Será que a menina loira da foto é sua irmã? Aquela que vi no Instagram ontem? Pode ser. Não tem idade para ser sua filha e era nova demais para ser uma namorada. Me pergunto se ela é tão

“fofa” quanto ele.

- Diga que estou com saudade, quando falar com ela.

- Ou você mesma poderia dizer, já que tem o seu número de telefone.

Tão delicado quanto um coice de mula, Deus me livre. Se falasse assim comigo, já teria enfiado um pouco de educação goela abaixo desse cara. Preciso arranjar um apelido para ele, para torná-lo um pouco mais humano. Talvez MMC? De “Muito Muito Chato”? Não, ainda é bonzinho demais. Chili? De chiliquento? Henrinsuportável Alves? Não-Me-Toques-Medeiros? Já sei! Poms. De pomposo.

Quase começo a rir ali na cara dos dois. Poms é muito inadequado, o que só faz dele o apelido perfeito.

- Você me lembrou que eu preciso dizer o quão impressionada fiquei com o último quadro que ela pintou. A suavidade das penas das gaivotas me lembravam a textura da seda, assim como o tom do céu em um lápis-lazúli perfeito me lembrava de Saint-Tropez no verão.

- Com certeza, não faria justiça aos seus elogios, se eu mesmo os transmitisse.

Sou obrigada a concordar com o homem. Quem conseguiria imaginar o Poms dizendo algo como “me lembravam a textura da seda”, ou “lapis-lazúli”. Ai, ai. O que a gente não faz pela felicidade de uma irmã, não é?! Fazer sala para visita é muito uma prova de amor.

- Juliana é uma jovem surpreendente. Pinta, toca, canta...

- Ela é talentosa, com certeza. Muito dedicada. Mas acho que a palavra surpreendente não se encaixa bem no contexto. Poucas pessoas são surpreendentes nos tempos atuais.

- Você se considera surpreendente?

Pergunto sem resistir e ganho um levantar de sobrancelhas como resposta.

- Não sei como respondê-la sem soar condescendente, ou arrogante.

- Vou mudar a minha pergunta então. O que alguém deveria fazer para ser surpreendente aos seus olhos?

- Ler, antes de qualquer outra coisa. Ninguém mais lê hoje em dia e acredito que isso seja uma das principais causas da ruína da nossa sociedade atual.

- Não posso caçoar de você quanto a isso. - Droga, ele pareceu eu mesma falando agora. Odeio quando tenho que concordar com ele.

- Ah, mas quem encontra tempo para ler hoje em dia? - Camila dá um olhar de desdém para o meu exemplar de Dom Quixote, largado ao meu lado no sofá. - Ceci, poderia me mostrar onde fica a cozinha? Gostaria de um copo de água.

A gente mudou de assunto?! Então tudo bem. Também preciso dizer que não entendo como funciona a mente dela. A cozinha é perfeitamente visível de onde estamos sentados. Mesmo assim, deixo minha xícara de lado e me levanto, lembrando dos meus modos de anfitriã.

- Henri, quer nos acompanhar? - Ela enrosca seu braço no meu, invadindo meu espaço pessoal de uma forma que eu não esperava.

- Você só pode ter duas intenções agora, e eu interferiria nas duas, Camila. - Responde apoiando sua xícara na mesa lateral e pegando seu iPhone de última geração do bolso interno do paletó.

- O que acha que ele quis dizer, Ceci?

- Acho que não deveríamos perguntar, apenas para desapontá-lo.

- Conte-nos, Henri. - Ela me ignora, parando à porta da cozinha e obrigando o Pomps a erguer os olhos do seu celular para nos encarar.

- Já que a cozinha fica bem ali, você só pode estar querendo ou ficar sozinha com Cecília para falar algo, ou exibir seu belo vestido novo. No primeiro caso eu apenas atrapalharia, e no segundo posso apreciar melhor daqui.

- Como ficar brava com ele depois dessa resposta?

- Sempre podemos tentar, ou sempre podemos rir dele. - Sugiro.

- Ah, não. Henrique não é do tipo que gosta de brincadeiras. Nossa. Estou surpresa com essa informação.

- Ah. Se estávamos procurando um defeito no senhor, acabamos de encontrar.

- Eu te garanto, Cecília, que tenho uma série de defeitos que você poderia escolher. - E volta a me encarar com aquele erguer de sobrelancelha tão característico.

- Nos conte alguns, eu adoraria saber. - Se precisar de ajuda, eu mesma posso começar a lista por você.

- Acho que o maior deles é a minha incapacidade de perdoar, ou talvez o meu orgulho. Quando caem no meu conceito, não há mais volta.

- Não acho que isso seja um defeito, me parece mais uma defesa intuitiva. Devo dizer que não gostar de diversão é uma falha mais grave aos meus olhos. Eu adoro rir.

- Um traço de família, poderia se dizer. - Camila comenta com um toque de maldade, me inspirando a copiar seu sorriso falso.

Não, não. Ninguém pode dizer nada da minha família, além de mim.

- C. S. Lewis uma vez escreveu que "Não há nada melhor debaixo do sol do que uma família que ri em volta da mesa." - Respondo sem me abalar e vejo Henrique me dar um olhar penetrante, mas impossível de decifrar.

Será que ele fica treinando na frente do espelho como não entregar nada?

Só pode.

Assim que volto para sala, depois de servir o copo de água para a madame, ouço a porta da frente se abrir e o falatório da minha mãe invade o espaço.

Que beleza.

Pomps, Lulu e Dona Lina no mesmo espaço...

- Oh, mas que surpresa fabulosa. Visitas! Devo supor que André está aqui também? - Dona Lina fala, antes mesmo de dizer boa tarde para os nossos “convidados”.

- Está com Janaína. - Respondo meio a contragosto, já contando com a sua reação exagerada.

- Bom, bom. Excelente. Posso servir algo? Ah! Ceci já

serviu? - Ela se senta, enquanto meu pai se estica para apertar a mão de Henrique. - Estão gostando do prédio?

- É muito bem localizado. - Camila dá a resposta mais evasiva possível.

Tipo quando alguém mostra a foto de um bebê e a pessoa elogia as bochechas, ou quando você mostra seu carro novo e a pessoa elogia o aproveitamento do combustível.

- Acho que deveriam oferecer uma festa no jardim, quando papai acabar de reformá-lo. Seria uma ótima oportunidade para conhecer melhor os vizinhos. Temos novos moradores além de vocês, sabiam? - Lulu sugere descaradamente e eu controlo a vontade de afundar o rosto na almofada e gritar.

- Uma festa? Que ótima ideia. - André aparece no corredor bem nessa hora, cheio de sorrisos. - Quando Janaína estiver melhor e o jardim estiver pronto, será um prazer abrir a casa novamente para todos.

- Vamos então?

Henrique chama, ficando em pé de súbito, e acaba

derrubando uma das muitas almofadas da minha mãe no chão. Eu me abaixo para pegar ao mesmo tempo que ele e nossos dedos se tocam por um segundo. Então, sinto uma energia fluir da minha mão para a sua, como se fosse um choque daqueles que as pessoas nos dão quando menos esperamos. Olho para o seu dedo junto ao meu, meio hipnotizada, até que ele puxa sua mão de volta.

- Cecília. - Dá um aceno de cabeça para mim.

- Henrique. - Retribuo no mesmo tom.

Pomps se apressa a sair para a porta e, no caminho, eu o vejo flexionar seus dedos como se ainda estivesse sentindo algo do nosso toque.

O que acabou de acontecer aqui?



CAPÍTULO 06

- Tudo bem, vamos comer no seu lugar de matos.

Lulu bufa impaciente, enquanto subimos os degraus juntas, atrás de algo para jantar porque nenhuma de nós teve coragem de cozinhar hoje. Minha quarta-feira foi insana, assim como todos os outros dias desde que fui realocada. Eu estou amando trabalhar na empresa nova, mas aquele lugar tem trabalho que não acaba mais.

O dono deve pensar que está vivendo em uma partida eterna de “Banco Imobiliário”: quer comprar tudo o que vê pela frente, credo. E o homem ainda nem deu as caras pela empresa, nem para eu conhecê-lo e ver pessoalmente o lindo responsável pelo grande avanço na minha “Poupança do Apê”. Aparentemente, ele passa metade do seu tempo visitando as filiais que tem no Rio de Janeiro e em Porto Alegre - sem contar a filial de Londres.

Bem que poderiam me mandar passar um tempinho lá...

- Não é mato, é comida saudável. Eu não tenho mais

dezoito anos, não posso comer hambúrguer todo dia e...

- GUI!

Ela grita, correndo para jogar seus braços ao redor de um cara loiro, com o cabelo comprido preso em um rabo de cavalo despojado e vestido com roupas caras. Eu nunca vi o homem na vida e minha irmã o cumprimenta como se fosse alguém da família. Contem com Lulu para conhecer toda e qualquer pessoa que mora, ou circula por aqui. Acho que ela consegue ganhar de mamãe e até de Dona Lourdes, que eu suspeito ter câmeras escondidas em todos os corredores.

- Luluzinha! Como vai você, garota?

Pelo menos, o cara a cumprimenta com a mesma empolgação, levantando e rodando minha irmã no ar como grandes amigos.

- Estou melhor agora que te encontrei, gato.

Sutil. Suave. Discreta.

- E quem é essa?

Ele me dá um olhar cheio de segundas intenções,

começando nas minhas sapatilhas pretas e chegando até o meu rosto, sem se preocupar em esconder a malícia. Ok, preciso admitir que ele é bonito. *Bem bonito*. Tem uma coisa meio descolada, meio cafajeste, meio de quem saberia o que fazer com uma mulher, se é que você me entende. Humm...

- Eu sou Cecília, a irmã mais velha desse ser pendurado em você.

- É um prazer te conhecer, Cecília. - Ele coloca Lu no chão, se inclina e dá um beijo na minha bochecha, me fazendo sentir o cheiro bom do seu perfume masculino. - Eu sou Guilherme Tavares, novo morador do Netherfield e grande apreciador das moças da família Oliveira.

- E um galanteador nas horas vagas. - Lu dá uma risadinha que parece muito com a da minha mãe, toda coquete. - Nós duas estamos indo jantar, Gui. Quer ir com a gente?

Luísa convida, na cara dura. Essa menina perdeu os filtros quando perdeu o cordão umbilical, não é possível. E pensar que ela estava quietinha no seu quarto, fazendo sabe-se lá o quê, e fui eu

quem a chamou para sair comigo.

- Mas olha que coincidência, estava justamente indo buscar algo para comer. - Sorri para nós, indicando o caminho do hall.

Uhum. Coincidências. Sei. Se eu não conhecesse bem minha irmã, até poderia cair nessa. Mas não existem coincidências na Lululândia. Só existem planos muito bem traçados e com objetivos claros. A CIA está perdendo um talento e tanto.

Nós saímos juntos para a noite abafada de São Paulo e atravessamos a rua, andando para o restaurante vegetariano que fica no quarteirão de trás do nosso prédio. Descubro que Gui é um dos moradores da nova república que tanto deixou minha irmã animada e que eles se conheceram no dia da mudança mesmo, quando ela se prontificou tão generosamente a ajudá-los com a arrumação.

Lulu é uma alma bondosa.

Acabamos gargalhando o caminho todo com as histórias que conta sobre a faculdade e sobre os outros meninos. Ele é divertido e galanteador, de um jeito quase descarado, mas eu acho

que gosto disso. Primeiras impressões muito positivas sobre esse garoto, só não sei se seria bom para Luísa... Sempre torci para que ela achasse alguém certinho, que talvez a “endireitasse” um pouco, que a fizesse ter vontade de ser uma pessoa melhor.

Eu faço o meu pedido de sempre, salada morna com queijo, e Lu consegue pedir a coisa mais gordurosa que existe em um restaurante como esse: stroganoff de cogumelos com chips de batata-doce.

- Ceci, paga para mim? - Pede com seu típico olhar de irmã caçula.

- Luísa, eu paguei todas as últimas oito vezes. Você já está me devendo uma fortuna.

- Deixa comigo.

Guilherme começa a pegar sua carteira e passa por nós, oferecendo o seu cartão. Eu ia pagar! Só queria fazer com que ela sofresse um pouquinho. Não vou estar sempre por perto para acudir essa garota.

- Não, por favor. Pode deixar comigo.

Tento segurar seu braço, mas Gui só sorri e faz um sinal para a moça do caixa cobrar do cartão dele mesmo.

- Será um prazer. - Ele responde.

Foi uma gentileza, eu sei. Não era para me irritar. Eu preciso aprender a ser menos chata, menos defensiva, menos implicante. Engulo o meu protesto, planto um sorriso no rosto e pego a nossa nota fiscal, indo procurar uma mesa. Escolho uma bem próxima ao balcão, para não correr o risco de perder a senha. Estou faminta! Não tive tempo de almoçar hoje... Na verdade, nem lembrei de almoçar.

Guilherme se senta na minha frente, se largando na cadeira de um jeito totalmente descontraído. Imagino que queira Lulu sentada ao seu lado, para roubarem batatas do prato um do outro, dividirem um suco verde e todas essas outras coisas fofas de casal. Quer dizer, eles são um casal? Não são?

- Sua irmã foi ao banheiro. - Ele avisa.

- Ah, certo.

Sinto que meu rabo de cavalo está se soltando todo, então

tiro o elástico e começo a puxá-lo para cima de novo. Odeio comer de cabelo solto. Odeio fazer qualquer coisa de cabelo solto, sendo bem sincera. Parece que não consigo nem pensar de cabelo solto.

- Gostei do seu esmalte. Diferente.

Olho para as minhas mãos, lembrando que Jana pintou minhas unhas com algo chamado “Baba de Unicórnio” ontem, enquanto esperava André chegar para o encontro diário deles.

- Um homem que repara em detalhes? - Eu brinco.

- Logo vai descobrir que não sou um homem convencional.

Ele se inclina por cima da mesa na minha direção e pisca para mim de um jeito muito “flertante”. Não entendo mais nada! Achei que estivesse a fim da minha irmã, mas isso foi um flerte descarado. Ou é do tipo que flerta com todo mundo, ou o negócio dele com Lulu é apenas uma amizade estranha.

Eu perderia uns cinco minutos com ele, admito.

- Não ser um homem convencional é uma coisa boa, ou ruim? - Eu provoco, me inclinando também e decidindo entrar no seu joguinho.

- Acho que vai ter de provar para saber.

Ele chega ainda mais perto e nós trocamos um olhar cheio de significados por alguns segundos, antes de ouvirmos os passos de Lulu vindo pelo corredor. Não sei quanto a Gui, mas eu senti como se tivesse sido pega no flagra e me afasto para trás na cadeira, fingindo que tinha me inclinado para olhar a senha no painel.

A minha irmã se senta e monopoliza todo o assunto, tagarelando sem parar com o seu jeito destrambelhado, mas que é bem relaxante. A noite acaba sendo muito mais prazerosa do que eu imaginava. É bom estar com pessoas simples, depois de um fim de semana com os riquinhos e mais três dias naquela empresa cheia de almofadinhas esnobes.

Por falar em almofadinhas... Quando entramos no Netherfield de volta, ainda rindo feito um bando de idiotas, cruzamos com André descendo de um elegante sedã preto.

- Ceci! Luísa! - Nosso futuro cunhado acena feliz, correndo para nos encontrar. - Como estão vocês nessa bela noite?

- Muito bem. - Sorrio de volta. - E você?

- Ótimo! Ansioso para ver o progresso do jardim. Seu pai me disse que até amanhã já estaria tudo pronto.

- Ele é muito eficiente.

- Tenho de concordar com isso. Como está Janaína?

- Está bem melhor, já andando com a bota para lá e para cá.

Você vai descer para vê-la?

- Com certeza. Acho que vamos assistir a um filme juntos hoje. Trouxe alguns bombons para ela também.

- Bom plano. - Qualquer coisa que envolva chocolate é a decisão certa.

- André, você conhece o Gui? Ele é um dos moradores aqui também. - Lulu se enfia no nosso meio, fazendo as apresentações que eu esqueci.

- Na verdade, eu conheço. - Sua expressão alegre se fecha no mesmo instante. - Boa noite, Guilherme.

- André. - Nosso novo amigo dá um aceno de cabeça educado.

Eu, hein! Que estranho. Estou quase fechando o portão, pronta para acompanhar meu grupo, mas vejo outro homem descendo do mesmo sedã, falando no seu celular.

Pomps.

- E o meu cunhadinho aqui disse que vai dar uma festa no jardim nesse final de semana. - Lu segue falando. - Você deveria vir, Gui! Já se conhecem mesmo.

Nessa hora, Henrique ergue os olhos como se algo tivesse chamado a sua atenção. Ele analisa André, Lulu e a mim com sua expressão blindada habitual, mas tudo muda quando coloca seus olhos em Guilherme. Franze as sobrancelhas grossas, seus lábios se crispam e ele começa a emanar uma energia que só pode ser descrita como fúria pura. É quase como se uma névoa nos envolvesse e uma tensão pesasse no ar.

Então, ao invés de descer e seguir seu amigo como achei que faria, ele volta para dentro do carro sem dizer nada e o sedã dispara pela rua.

- Acho que ele teve alguma emergência. - André tenta

justificar o comportamento estranho, mas seu sorriso nervoso não engana ninguém. - Vamos indo então?

- Claro. - Eu concordo rapidinho para tentar aliviar o clima.

Lulu fisga nosso cunhado num papo sobre os preparativos para a festa no jardim e eu consigo dar um jeito de ficar um passo para trás dos dois, ao lado de Guilherme, a curiosidade me corroendo toda.

- Impressão minha ou você e Henrique já se conheciam também? - Pergunto baixinho, andando devagar para prolongar nosso tempo juntos.

- Sim, nós nos conhecemos. - Ele suspira, fisgando minha isca. - Fomos criados juntos em uma fazenda chamada Pember, no interior de São Paulo. Os meus pais eram funcionários dos Medeiros, mas os donos do lugar me tratavam como um filho, como parte da família. Por isso eu conheço André também.

- Sério? Nunca poderia imaginar...

Nem em um milhão de anos!

- Eu entendo, principalmente se levarmos em conta o modo

como nos comportamos agora. Mas você não vai querer ouvir uma história longa e triste.

- Na verdade, eu adoro histórias longas e tristes.

Eu me sento no primeiro degrau da escada e ele senta atrás de mim. Pela sua expressão sacana, acho que está pensando que eu quero passar mais tempo sozinha com ele. Mal imagina que só estou estranhamente fascinada pela oportunidade de confirmar se Henrique Alves de Medeiros é tão péssimo quanto eu acho que é.

Minhas primeiras impressões não falham. Eu sei que não.

- Muito bem. Vamos começar do começo. - Ele aproveita para chegar ainda mais perto, nossas pernas se tocando de leve. - Henrique sempre se ressentiu pelo seu pai gostar mais de mim, do que dele. A verdade é que eu era uma criança mais falante, mais alegre, enquanto Henri sempre foi fechado e tímido.

Posso imaginar isso.

- Os pais dele morreram num acidente de carro dez anos atrás, quando Henrique tinha vinte e dois anos e eu tinha dezoito. Então, ele assumiu todo o comando da empresa e das propriedades

da família. Só não contava que seu Medeiros me deixaria uma soma significativa de dinheiro no testamento, porque sabia que meu sonho era abrir um pequeno negócio próprio. O problema é que Henri nunca me passou essa grana. Ele me renegou completamente, apesar da vontade do pai.

- Não acredito! - Pego seu braço, querendo confortá-lo de algum jeito, e ganho um sorriso em resposta.

Não acredito mesmo! A história é ainda pior do que eu imaginava. Sabia que Henrique não era uma pessoa agradável, mas daí para ser maldoso é um passo grande demais.

- Pois pode acreditar. Agora, eu sou esse pé-rapado que luta com a vida, estuda com uma bolsa e vive num apartamento alugado. - Faz um biquinho de drama que eu admito ser muito gracioso.

- Lembro que Henrique me falou sobre ser do tipo que não perdoa fácil, mas eu iria além. Acho que tem um sério problema de caráter rolando ali.

- Eu não posso opinar sobre o assunto. Não conseguiria ser

justo, ou imparcial. O que eu posso dizer é que sempre procurei me aproximar dele e de sua irmã, mesmo depois de tudo que aconteceu. Só que Henri continuou me afastando.

- Que horrível! Imagino que o seu orgulho não o deixou ser justo com você. O ego ferido por não ser o favorito se transformou em desonestidade pura. - Estou tão brava agora! Acho que nada me tira tanto do sério quanto injustiças. - Você é um ser humano muito melhor do que ele, com ou sem dinheiro.

- Obrigado, Ceci. - Me dá um sorriso doce, que parece ser a sua especialidade. - Por mais que eu esteja amando a companhia, preciso ir. Tenho uma prova amanhã.

Nós dois ficamos em pé e eu dou um abraço rápido nele. Ainda que tenhamos acabado de nos conhecer, conseguiu despertar um estranho carinho em mim.

- Boa sorte na sua prova. E acho que deveria ir no jantar que eles vão dar sábado. Não deixe que o cara te intimide, Gui.

- Você estará lá? - Ele faz um carinho de leve na minha bochecha.

- Sim... - Respondo baixinho.

- Então acho que isso seria motivo mais do que suficiente para eu ir.

Dá uma última piscadinha charmosa para mim e se afasta, acenando feliz antes de seguir para o elevador. Olha só! Acho que tenho um “paquera”, como diria minha mãe.

Eu sorrio e desço os degraus meio saltitante, meio com vontade de rir sozinha. É boa essa perspectiva de ter alguém. Não sei se ele é exatamente o cara que me faria sentir algo mais, mas eu gostei mesmo da primeira impressão que tive dele.

Entrando em casa, ouço o som alto dos funks de Lulu sai do seu quarto e não tem ninguém na sala. Imagino que mamãe e papai ainda não chegaram do jantar da igreja e que Nana e André estejam juntos no nosso quarto. Eu que não vou entrar lá!

Pego meu notebook e aproveito para trabalhar um pouco. Duas horas depois, coincidentemente quando dona Lina e seu Osvaldo chegam, André aparece no corredor meio descabelado e com um sorriso gigante no rosto.

- Está indo já? - Mamãe pergunta e eu tenho de dizer que estou orgulhosa dela por ao menos tentar disfarçar sua expressão feliz.

- Já sim, senhora. Tenho que trabalhar amanhã cedo.

- Não gostaria de ficar para um café?

“Não gostaria de ficar para sempre?” é o que sua cabeça está pensando de verdade. É o que eu estou pensando também, sendo bem sincera.

- É muito gentil, mas devo ir mesmo. Até amanhã. - Dá um último aceno, tropeça de leve no degrau da sala e abre a porta ao mesmo tempo em que cora de vergonha.

Não consigo evitar rir dele e do seu jeito desastrado, mas quase apanho da minha mãe por isso. Aproveito que a barra está limpa e volto para o nosso quarto, fazendo o máximo de esforço possível para não rir da cara de palerma apaixonada da minha irmã.

- Tenho uma fofoca para te contar!

Fecho a porta atrás de mim, me jogo ao seu lado e despejo tudo que Guilherme me contou mais cedo.

- Não sei. Toda história tem dois lados, Ceci. - Nana parece meio incerta, mesmo depois de ter ouvido tudo. - Sua primeira impressão do Henrique foi terrível, mas eu ainda acho que pode ter havido algum mal-entendido.

- Porque você nunca pensa mal de ninguém.

Embora nunca tenha gostado dele, isso é verdade, não pensava que Henrique pudesse ser tão malvado *de fato*. Eu supunha que ele desprezasse as pessoas em geral, mas não suspeitava que pudesse ser do tipo despeitado, rancoroso e vingativo.

- Tem razão. - Pensa por alguns segundos. - Vamos fazer assim. Vou tentar descobrir algo com o André amanhã à noite.

- Não acho que vai ser preciso. Não vamos encontrar mais esse cara. - Eu espero que não, pelo menos. - Deixa essa história para lá.

- Pobre Guilherme, se for tudo verdade.

- Isso só faz dele um cara muito mais decente do que Henrique.

- E, ao contrário de certas pessoas, parece que esse Gui acha

que você é exatamente o *tipo* dele. Então, vamos torcer para que ele esteja mesmo na festa sábado e que o Pomps não dê as caras por lá.

- Você o chamou de Pomps! Estou orgulhosa, Nana. - Nós duas caímos na risada e eu a abraço, sentindo o conforto bom de estar ao seu lado.

Mais tarde, quando ela já está dormindo, eu repasso mentalmente a expressão que vi no rosto de Henrique mais cedo. Um lado da minha mente me fala que aquela não era uma expressão de orgulho ferido, ou de despeito. Aquela expressão, a primeira emoção que eu o vi demonstrar até agora, era algo mais profundo. Parecia enfurecido sim, mas tinha um quê de mágoa, de tristeza. Além disso, algo não me cheira bem nessa história de testamento. Por lei, o dinheiro deveria ter sido dado. Sem desculpas.

Será que algum dia eu vou conhecer o outro lado dessa história?



CAPÍTULO 07

Henrique

Um dos principais motivos pelo qual André virou meu amigo, mesmo quando ainda éramos crianças, foi o modo tranquilo com que encara a vida. Sempre foi muito despreocupado, o que forma um ótimo contraste com a minha preocupação constante; sempre conversa com as pessoas, o que me ajuda a não ter de conversar com as pessoas; sempre vê o lado bom de qualquer situação, enquanto eu me ocupo em ser um pessimista crônico.

Por outro lado, o homem é tão bondoso que despertou alguma espécie de senso de proteção em mim desde sempre. Alguém precisava cuidar dele, ou os caras mais velhos sempre pegavam seu lanche e o deixavam sem nada para comer. Alguém precisava cuidar dele, ou as garotas diziam estar apaixonadas, apenas para conseguir sorvete de graça. Alguém precisava cuidar dele, ou sairia distribuindo seu dinheiro a qualquer um que pedisse. E é justamente esse senso de proteção que me trouxe até o Edifício

Netherfield nessa noite.

No entanto, no segundo em que eu piso no seu apartamento, já me arrependo por ter vindo. Muitas jovens me dando risadinhas e olhares de canto, muitas senhoras olhando para mim e me imaginando casado com suas filhas, muitos homens me lançando olhares de inveja mal disfarçada.

Odeio ser o centro das atenções.

Encontro um canto para me acomodar e fico observando a dinâmica social ao meu redor. Vejo o momento exato em que a mãe das Oliveiras chega e dá um abraço, seguido por um... tapa no traseiro do André?! Ok, preciso tomar um bom whisky depois dessa. Faço o pedido para um garçom, que se apressa para me atender, parecendo meio aterrorizado. E olha que eu até tentei sorrir... Talvez tenha sido justamente isso que assustou o pobre rapaz.

Dou um longo gole, deixando a bebida passear pela minha língua, antes de engolir. Muito boa... Melhor do que a do outro dia, inclusive. Conseguiu me surpreender.

Falando em surpreender, eu me estico um pouco e começo a procurar por Cecília no meio dos convidados. Cecília e sua língua afiada; Cecília que viu o momento de hostilidade que eu e Guilherme compartilhamos na outra noite; Cecília que conquistou toda a minha equipe no momento em que se tornou nossa nova advogada.

A propósito, preciso deixá-la saber que está trabalhando para mim, antes que descubra por outra pessoa. Tenho adiado esse momento porque algo me diz que vai se demitir na hora, quando souber.

Ela deixou bem claro que não gosta de mim, mas ainda assim é muito boa no que faz. Suas considerações e mudanças nos contratos me fizeram perceber que é a melhor especialista em direito corporativo que tive até hoje. Sei reconhecer um bom profissional quando encontro, esse meu talento foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da Alme desde que eu assumi, e por isso sei que não posso me dar ao luxo de perdê-la.

Eu tomo mais um gole, ao mesmo tempo em que a

concentração de pessoas perto da porta se dispersa, me deixando ver o momento em que Janaína entra pela porta. Está graciosa, ainda que esteja mancando levemente, e meu velho amigo parece alguém que acabou de encontrar seu próprio nirvana particular.

- Estou muito feliz por estar aqui. - Ele fala, antes de se abaixar para dar um beijo na bochecha da moça, que não responde nada, apenas sorri.

Humm... Estranho. Será que Jana não está tão envolvida quanto ele?! Seria um desastre se não fosse correspondido, porque acho que está se apaixonando para valer dessa vez. Não é como as garotas interesseiras do sorvete, que ele logo superava.

Superava enchendo a cara de sorvete, ironicamente.

Talvez Janaína esteja encorajando-o apenas por pressão da família? Por ele ser um bom partido? Não sei, mas sei que preciso analisar melhor essa situação. Decidir se devo interferir ou não...

Camila dá um de seus olhares impacientes para a quase cunhada e indica, de um jeito nada discreto, as outras pessoas que estão esperando para cumprimentar os anfitriões. Essa necessidade

que ela tem de ser arrogante é bem cansativa, sendo honesto. Posso dar um desconto, se pensar que essa é sua arma para lidar com as suas inseguranças, mas ainda assim é cansativo.

Graças à sua deixa, as pessoas se movem e eu coloco os olhos em Cecília pela primeira vez na noite. Até abaixo o meu copo, pronto para analisá-la melhor. Se está usando maquiagem, quase não dá para perceber. Seu cabelo também parece estar ao natural, meio ondulado e caindo pelas costas até a cintura. A calça preta que veste abraça muito bem suas pernas longas e a camisa meio caída em um dos ombros, mostrando apenas a alça do sutiã preto, é um charme que me faz engolir em seco.

Eu gostaria de ver esse sutiã.

O pensamento me alarma e eu bebo outro longo gole.

Não sei por que toda essa minha curiosidade com relação a ela, ou de onde veio todo esse fascínio repentino. Acho que posso culpar o seu jeito diferente, em todos os sentidos possíveis. Tudo que é exótico prende a atenção do ser humano, não é?! Enquanto as outras mulheres estão tão produzidas que parecem prontas para um

casamento, ela parece apenas... *simples*. Sim, a simplicidade não deve ser subestimada. É muito fácil ficar bem com uma produção elaborada, mas é muito difícil ficar bem com a simplicidade.

E ela conseguiu.

De longe, sua aparência poderia ser considerada normal, como na primeira noite em que nos encontramos e eu não lhe dei atenção suficiente. No entanto, tudo muda quando você se digna a prestar atenção em detalhes como o seu sorriso que sempre parece ter um toque de insolência, ou a elegância natural com que se move. Além disso, consegue ficar confortável consigo mesma, mesmo sem as armaduras em forma de maquiagem e penteados que as mulheres usam normalmente. O que me leva a concluir que Cecília Oliveira é uma mulher segura de si. Outra qualidade que eu admiro...

Ela começa a andar sozinha em direção à cozinha, sem ninguém da sua família junto e, por algum motivo, eu me vejo seguindo seu rastro. Parece estar procurando alguém... *Mas quem?* Sua amiga Gabriela? Alguma outra amiga? Talvez a mim? Esse

pensamento quase me faz rir. Só espero que não esteja procurando por Guilherme e que ele não tenha a audácia de aparecer por aqui.

Não, ele não vai aparecer. Covardes sempre se escondem.

Então, eu a vejo se encontrar com Gabriela mesmo e elas conversam por alguns minutos, rindo o tempo todo. Depois, Janaína se reúne com elas e fala algo que apaga o bonito sorriso do rosto de Cecília, a deixando claramente desanimada. *O que poderia ser? Será que aconteceu algo?*

Um homem jovem a quem ainda não fui apresentado se reúne ao grupo e dá um beijo em Gabriela, então imagino que seja o seu namorado. O que ninguém parece perceber é que, mesmo estando acompanhado, esse cara não tira os olhos de Cecília. Curioso... Me pergunto se há alguma história não resolvida ali.

Na verdade, vários olhares se detém nela, mas ela não percebe nada disso. Quando se afasta para conversar com um grupo de funcionários da minha empresa, todos se empertigam e começam a competir pela sua atenção. Isso me faz pensar que o mesmo deve estar acontecendo pelos corredores da Alme e não

gosto nada dessa ideia.

Eu aperto meu copo com mais força e decido interferir. Assim que Cecília se afasta, talvez para voltar para perto das amigas, eu me coloco na sua frente fazendo com que trombe comigo.

- Henrique! - Diz em tom de surpresa. - Desculpe, eu não te vi.

- Cecília. - Dou um aceno de cabeça. - Estou indo para a varanda tomar um ar, gostaria de me acompanhar?

Tudo bem, não sei de onde veio isso. “*Me acompanhar?*”. Ficar sozinha comigo? Desde quando eu quero ficar sozinho com pessoas em eventos sociais? Desde quando eu falo sem pensar?! Sinceramente, não estou me reconhecendo. Vou culpar o whisky de André. Alguma coisa meio macabra tipo o whisky dele ter um pouco da sua própria essência. Uma poção polissuco^[2] versão alcoólica.

Mas o que está dito, está dito.

- Ahn...

Ela dá uma olhada ao redor antes de me responder e nós dois vemos o namorado da sua amiga se aproximando sozinho. O homem parece decidido a falar com Cecília e consigo sentir a tensão se formando nos seus ombros. Com certeza há alguma história não resolvida ali.

- Na verdade, acho que a gente poderia ir espiar o jardim novo. - Se vira e sai andando, me obrigando a segui-la.

- A grande inauguração não será mais tarde?

- Não vá me dizer que é do tipo que não quebra regras? - Ela me dá um sorriso insolente por cima do ombro.

Sem parar, anda até a varanda, contorna o espaço e chega até uma escada lateral de madeira, meio improvisada, meio escondida nas sombras. Só alguém que mora aqui poderia saber da sua existência. Ou alguém que morou a vida toda no prédio e é filha do zelador, claro.

- Regras existem por um razão, senhorita. - Eu respondo com a intenção de provocá-la um pouco.

- Sim, para impedir a gente de se divertir.

Obviamente, nem se abala com o que eu disse.

Eu planejo subir na sua frente para estender a mão e ajudá-la, mas ela não me espera e já está escalando os degraus como se tivesse feito isso várias vezes na vida. Apoio meu copo numa mesa de ferro que há ali e não tenho outra opção, a não ser segui-la.

Assim que chego no telhado, fico impressionado com o que encontro. Seu Oliveira é um homem muito talentoso que deveria ser paisagista, ao invés de zelador. Ele transformou o que antes era apenas uma laje sem graça alguma, em um espaço todo ornamentado com luzes suaves, um caminho de pedras no meio da grama fofa, flores e árvores por todos os lados. Parece um oásis no meio de São Paulo.

“Era uma vez uma flor que nasceu no meio das pedras” - como diria o poeta.

- Não estava esperando algo assim. O seu pai é muito talentoso, Cecília.

- Sim, ele é. Um dia, gostaria que ele pudesse viver apenas cuidando de plantas. Acho que não tem nada que goste mais... - Ela

passa os dedos pelo tronco de uma árvore, sentindo a textura. -
Todos deveriam poder trabalhar com algo que amam.

- Você ama o que você faz? - Pergunto com curiosidade.

- Muito. Para outras pessoas poderia parecer tedioso, mas eu encaro contratos como enigmas. Um jogo cheio de pistas ocultas que preciso descobrir para chegar ao prêmio final. Não faz sentido, eu sei.

Balança a cabeça, andando um pouco na minha frente e parando para tocar flores, folhas e até a grama. Eu quase tenho vontade de imitá-la, para entender o que pode ter de tão interessante nessas texturas, mas mantenho minhas mãos bem firmes para trás do corpo. Posso estar possuído pelo espírito do André, mas também não precisamos exagerar.

- Na verdade, faz sentido sim.

Acabei de descobrir por que ela é tão boa.

Porque ama o que faz.

- E você? Ama o seu trabalho? - Cecília pergunta.

- Eu aprendi a gostar. - Me limito a responder.

Sempre penso se eu teria seguido outra carreira, se não tivesse nascido na família em que nasci. Se não fosse esperado, desde criança, que eu seguisse tocando os negócios do meu pai. A verdade é que nunca cheguei a ter outra perspectiva...

- Acho que essa também é uma opção válida. - Chegamos ao fim do caminho de pedras e paramos lado a lado no parapeito, com toda São Paulo se estendendo na nossa frente. - Eu costumava fugir para cá sempre que o apartamento estava desocupado. Sou apaixonada por essa vista.

- Eu gosto da vista, mas gosto ainda mais do silêncio.

Ela me dá um olhar curioso de volta.

- Alguns acham o silêncio um tanto deprimente.

- Eu não.

- Nem eu. - Confessa.

Suspira profundamente e fecha os olhos por alguns segundos, como se quisesse apenas desfrutar do momento, como se estivesse escutando o silêncio. Aproveito a oportunidade para estudá-la com mais calma. Sua boca cor-de-rosa, sua pele que não

tem maquiagem alguma mesmo - porque dá para ver pequenas sardas pelo seu nariz - o modo como o seu queixo se eleva naturalmente, como se sempre estivesse enfrentando o mundo.

Cecília é linda.

Não entendo como posso não ter percebido isso antes. Talvez André estivesse certo. Eu estou tão acostumado a não prestar atenção em coisas que não tenham a ver com a Alme, que nem reparo no mundo ao meu redor.

Eu volto a olhar para frente, incomodado pelo modo como estou confuso essa noite. Como se tivesse sentido a mudança, ela abre os olhos, se virando para mim.

- Bom, eu já falei sobre a vista, agora é sua vez de falar sobre o tempo, os convidados, ou as últimas notícias do Palmeiras. Responsabilidade social, sabe?! Puxar papo quando se está com um conhecido.

- Ficarei feliz em agradá-la. Por favor, diga-me quais desses você prefere. Eu chutaria que o Palmeiras é o mais adequado?

- Seria, se eu torcesse para esse time. - Me dá outros dos

seus sorrisos de deboche. - A verdade é que estou feliz por ter saído lá de baixo, ao menos por alguns minutos. Então, posso te dar um desconto.

- É costume seu fugir de reuniões sociais? - Pergunto para tentar descobrir mais sobre a cena que presenciei lá embaixo.

- Sempre que possível. Me divirto em ser antissocial e acho que o senhor concorda comigo.

- De fato, mas você consegue disfarçar isso muito melhor do que eu. Percebi que você e suas irmãs sempre interagem com os demais moradores.

- É meio inevitável, quando se vive em uma família tão sociável quanto a minha. Mas acabei fazendo bons amigos, como Gabriela e Guilherme. - Ela cruza os braços e me dá um olhar de repreensão. - Acredito que você saiba de qual Guilherme estou falando.

Ah. Então ela percebeu o “momento afetuoso” que nós dividimos aquele dia. Aposto que, além de aproveitar a desculpa para fugir da festa, Cecília também deveria estar doida para me

confrontar diretamente. Ao contrário do próprio Guilherme, ela é corajosa e adora dizer exatamente o que está pensando.

Eu me pergunto qual história em que eu sou o grande vilão que devora criancinhas ele inventou dessa vez. Pela fúria nos olhos castanhos, acho que a nova novela foi especialmente dramática.

- Sim, eu sei de qual Guilherme está falando. - Me limito a responder.

- Ele pareceu muito sentido por ter perdido o contato com você. Alguma chance de se acertarem num futuro breve? - Ergue o queixo como se estivesse me fazendo um desafio, ao invés de uma pergunta.

- Nenhuma chance. Guilherme sabe como conquistar as pessoas, mas não é nada bom em mantê-las. - Eu ergo uma sobrancelha, retribuindo o seu desafio. - Por que o interesse repentino nesse assunto?

- Nada demais. - Dá um passo para frente, como se quisesse me intimidar mesmo sendo ao menos vinte centímetros mais baixa do que eu. - Só queria analisar que tipo de homem você é.

- Ah, é?! - Também dou um passo para frente, começando a sentir a irritação crescer dentro de mim, como sempre acontece quando o assunto é o bom e velho Guilherme. - E o que concluiu?

- Concluí que as primeiras impressões desastrosas que tive ao seu respeito estavam mais do que corretas.

- Você não me conhece, Cecília. - Abaixo o rosto e a voz. - Não presuma nem por um segundo que me conhece.

- Não, eu não conheço. A questão é... - Sua voz acompanha o meu tom. Quando ergue seu rosto, seu hálito bate contra a minha pele. - Por que eu gostaria de conhecer?

Porque eu quero beijá-la. Só o que eu quero agora é te beijar até que a gente não se lembre mais nem dos nossos nomes. Bastaria eu me mover alguns centímetros para pegar seus lábios nos meus...

Ela parece pensar o mesmo, seus olhos fixos na minha boca.

Eu começo a me mexer, meu cérebro esquecendo de como raciocinar, pronto para sentir seu gosto. Ela sobe suas mãos para os

meus ombros e eu sinto seu toque quente queimando a minha pele, mesmo por cima do terno. Então, fica na ponta dos pés e eu passo os braços pela sua cintura, acabando com o espaço entre nós.

Eu vou beijá-la.

Eu vou beijar Cecília.

No momento em que nossos lábios se encostam de leve, ouvimos o bipe do elevador indicando que alguém chegou, ouvimos vozes e passos dos outros convidados subindo para o jardim e nos afastamos abruptamente, cada um dando um passo para trás. Como se só agora tivéssemos percebido o que estávamos fazendo, ou prestes a fazer.

Cecília me dá um olhar assustado, antes de correr em direção a parte lateral do espaço, fora da vista de todos. Eu me sento em um dos muitos bancos de ferro, tentando ignorar o jeito acelerado com que o meu coração está batendo e fingindo que sempre estive sentado ali sozinho.

Inferno.

Eu não lembro quando foi a última vez que alguém me

afetou assim.

Eu acho que *nunca* fui afetado assim.

Como se a noite não tivesse sido inesperada o bastante, logo que os convidados se espalham, sou abordado pelo namorado de Gabriela - aquele que eu tenho certeza de que sente algo mais pela minha Cecília. O jovem, aparentemente, conhece minha tia Odete e achou que isso o dava o direito de se considerar o meu melhor amigo e ficar ao meu lado tagarelando sem parar.

Olho ao redor, procurando por Ceci, mas ela não está em nenhum lugar à vista. Encontro Luísa que ri tão alto e fala tão alto para chamar a atenção que só falta pendurar uma melancia no pescoço, como dizia minha mãe. Isso para não contar o momento em que quase arruma uma briga com outra jovem, porque a mulher em questão estava “a encarando”. Também encontro a mãe das meninas, que está dizendo em alta voz todas as reformas que fará aqui no apartamento de André, quando ela se mudar para cá com a filha após o casamento dos dois.

Francamente.

Aproveito a deixa para procurar pelo meu amigo. O pobre homem só tem olhos para Janaína, que apesar das atenções, se mantém afastada e contida. Ela não dá nenhum sinal de que esteja tão envolvida quanto ele, nem um toque, ou mesmo um desses olhares de adoração que se espera de alguém cheio de paixão nas veias.

É a cara de André confundir tudo e se envolver sem incentivo, ficando cego para qualquer realidade diferente do “final feliz” que pintou na sua mente. Afinal, como ele mesmo diz, todos são tolos quando estão apaixonados.

Se Jana não está interessada pelo meu amigo, só pode estar recebendo mesmo uma pressão da família para se aproximar por outros motivos. Sua mãe falando sobre o apartamento... O jeito de Luísa tentar chamar a atenção dos arquitetos... Definitivamente, preciso refletir melhor sobre toda essa situação.

Eu faria isso agora, mas Camila se senta ao meu lado no segundo em que Eduardo sai, não me deixando nem alguns minutos para pensar em paz.

- Não consigo evitar o sentimento de que começarão a dançar uma quadrilha a qualquer momento. - Muito mais óbvia em expressar suas impressões do que eu. - Se isso acontecer, você vai ser o meu par.

- Eu não vou me demorar muito mais, então acho que terá de escolher outro sortudo. - Respondo já me levantando, mas ela pega a minha mão, me impedindo de seguir em direção à porta.

- Você precisa conversar com André, Henrique. Não é possível que ele esteja falando sério sobre essa garota. Olhe bem para essa família! As intenções deles não poderiam ser mais óbvias.

Humm... Então não sou só eu que pensei sobre isso. O que só mostra que estou certo. Acho que precisarei agir em breve, antes que ele fique ainda mais envolvido e saia muito machucado dessa história.

- Tenha uma boa noite, Camila.

Eu me despeço, sem querer entrar em detalhes com ela ainda. Dou uma olhada pelo jardim, fazendo uma última tentativa de encontrar Cecília. Também não a encontro na parte de dentro do

apartamento, na sacada, ou no hall.

Ela fugiu...

Fugiu de mim.



CAPÍTULO 08

- CECÍLIA! CECÍLIA ELIS DE OLIVEIRA!

Minha mãe entra gritando no meu quarto, fazendo a porta bater com tudo na parede, com as mãos na cintura e parecendo possuída. Eu levanto o rosto do travesseiro assustada, pensando rapidamente no que eu posso ter aprontado dessa vez. Deixei a toalha molhada em cima da cama? Não. Eu estou em cima da cama! Voltei a garrafa de água vazia na geladeira?! Não, eu até enchi antes de vir dormir.

Será que ela descobriu o que aconteceu no jardim com Henrique...

Bom, só há um jeito de saber.

- O que foi agora, mãe? - Pergunto tentando abrir os olhos e me preparando para me defender.

- Como você pôde?

Ela coloca a mão no coração, começando a sua ceninha

típica de drama habitual. Acho que essa será das boas, porque até se sentou na cama de Jana. A propósito, onde está Janaína?

- Como eu pude o quê mesmo?

Como eu pude querer beijar Henrique? Eu bem queria saber também. Louca? Possuída? Bebida adulterada? Pomba-gira? Todas as opções anteriores? Não faço ideia.

- A mãe do Eduardo me contou que ele te pediu em casamento no ano passado, antes de começar a namorar a Gabriela.
EM CASAMENTO, CECÍLIA. CASAMENTOOOOOOOO.

Oh, droga.

Eu tinha esperanças de que essa história não chegasse aos ouvidos dela. Consegui esconder por mais de um ano, poxa! Esse foi um recorde, nunca tinha conseguido esconder algo de dona Lina por tanto tempo.

- Eu sei que ele pediu. Eu estava lá.

- Você estava lá e você disse não! - Agora começa a se abanar, o que é o nível sete na “Escala Richter” do drama. - Como você pôde?!

- Ele não tem nada a ver comigo. Eu tentei, juro que tentei. Mas já tinha decidido acabar com tudo quando ele apareceu com essa ideia absurda. - Tento me justificar, mas ela continua se abanando.

Ainda tenho medo de que ele não tenha superado esses sentimentos, mesmo estando com Gabriela. Por isso fugi dele o máximo que pude nessa noite. Pensando bem, tudo que eu fiz hoje foi fugir de homens...

- Mas Eduardo tem um carro e um apartamento! Vem de uma ótima família! Se eu soubesse, nunca teria te deixado fazer uma loucura insana como essa.

- Por isso mesmo eu não contei nada.

- Ai, senhor. O que eu fiz para merecer tanto desgosto? O que o seu pai vai dizer quando souber?

- Que ela tomou a decisão certa. - Seu Osvaldo fala, passando pelo corredor a caminho da cozinha, sem dar muita importância ao assunto.

Maravilhoso.

- Vocês não têm compaixão nenhuma pelos meus nervos. Eu poderia ter uma filha casada! Com um ótimo partido! Mas não, ela decidiu ser uma rebelde! Uma rebelde que vai ficar solteira e ter trinta e dois gatos que comerão o seu corpo quando ela morrer.

Dona Lina devia escrever livros de terror com essa criatividade. Sério, está desperdiçando um belo talento aqui com a gente.

- Se eu morrer assim mesmo, juro que deixo você falar “eu te avisei” quando a gente se encontrar na próxima vida, mas realmente queria dormir agora.

- Criança ingrata. Como eu vou poder te perdoar depois dessa? Eu juro que nunca te entendi, Cecília. Jana e Lulu são garotas tão tranquilas, tão boas. Mas Ceci não... - Sua voz desaparece depois que fecha a porta, apagando a luz ao sair.

Eu suspiro e fico encarando o teto, relembrando aquele período da minha vida. Se Gabs encontrou o amor com Eduardo, eu super apoio a minha amiga, mas ele não era para mim. Eu quero *mais*. Eu quero alguém *especial*. Eu quero um Mr. Darcy, não um...

um... Senhor Collins.

Evidências A e B estão aí me provando que o amor pode existir. Eu quero ser a Evidência C. Não quero ser parte daquela galera casada que olha para os amigos solteiros com inveja, ou que se esquecem de quem são, ou que acham que precisam se contentar com algo, só porque é o que está disponível.

Você não bebe água de enxurrada apenas por estar de graça na rua. Você vai beber a água filtrada e geladinha da sua casa. Eu quero minha água filtrada e geladinha, nem que eu tenha de esperar por isso e passar um bom tempo com sede.

Caramba, sou ótima com analogias.

Antes de dormir, aproveitando minha falta de sono, fico imaginando diversos cenários fictícios em que eu conheço um astro do rock, um rei de um país da Europa, um ex-agente secreto, um personal trainer gato, ou quem sabe ainda, um bailarino mundialmente famoso. Em todas as histórias, eu acabo perdidamente apaixonada e meu par romântico acaba perdidamente apaixonado por mim. Seria um romance daqueles que mereceria ser

contado e que inspiraria as pessoas a acreditarem no amor. Não consigo imaginar nenhum cenário em que Eduardo - o cara mais sem graça que já caminhou pela terra, que só pode ser descrito como *bege* - fosse um herói romântico.

O único cenário do qual eu me mantenho bem longe são aqueles que envolvem homens poderosos que usam terno e gravata o tempo todo e que tem olhos claros blindados, mas que ficam suaves ao chegar bem próximos da gente, quando estão pensando em nos beijar e...

- Eu perdi o juízo de vez.

Falo para mim mesma e me obrigo a deixar as imaginações de lado, contando carneirinhos até cair no sono. Sim, carneirinhos são muito mais seguros.

Na manhã seguinte, minha mãe ainda não parece ter me perdoado e fica me lançando olhares furtivos por cima da mesa, enquanto tomamos o café em família. Lulu parece estar com uma ressaca daquelas, papai lê o jornal tranquilo e Jana está sorridente, depois de ter chegado quatro da manhã em casa. Ah, a paz de

quando tudo está como deveria estar... e que me faz suspeitar de que algo ruim está prestes a acontecer.

Mar calmo antes que a tempestade chegue...

Nós acabamos de comer e eu vou lavar a louça, enquanto Nana enxuga. Ficamos fofocando sobre a noite anterior, mas eu deixo de lado a parte sobre o quase-beijo com Henrique, conto apenas que eu o confrontei sobre a história do Guilherme e ele ficou todo na defensiva como se a culpa não fosse dele.

Não acredito que eu sequer cogitei me aproximar daquele ser desprezível. Poderia tentar respeitá-lo um pouco mais se ele tivesse admitido o seu erro, como um homem de verdade faria, mas não. Além de tudo, é covarde.

Já estamos de volta no quarto, tentando decidir o que assistir na Netflix, quando o celular dela apita na tomada perto da janela, anunciando uma nova mensagem. Ela me entrega o notebook com um grande sorriso e vai saltitante ler, provavelmente imaginando que é um “bom-dia” do seu futuro namorado preferido.

Awnt.

Depois de alguns segundos com os olhos fixos na tela, vejo seu sorriso cair do rosto e o ar animado da sua expressão se transforma em tristeza. Tristeza pura. Ah, não... Ela abaixa o braço e sei que vai deixar o celular cair no chão, então corro e o salvo bem a tempo, fazendo com que se sente no baú que fica ao lado das camas, antes que acabe caindo também.

- Respira. - Eu mando e ela suspira profundamente. - Isso. De novo. Muito bem. Agora me conta o que está acontecendo, antes que eu tenha um treco.

- O André... - Ela olha para frente, meio em choque, antes dos seus olhos começarem a se encher de lágrimas.

- Aconteceu alguma coisa com ele? - Ai, meu Deus.

- Não. Quer dizer, sim. - Ela funga baixinho e esconde o rosto nas mãos. - Como eu pude ser tão burra?!

- Janaína, eu não estou entendendo nada. - Seguro seus ombros e a obrigo a me encarar.

- O ANDRÉ ESTÁ INDO EMBORA. - Ela grita.

Caramba.

Eu acho que nunca vi minha irmã gritando.

- Embora para onde? - Faço uma careta, tentando entender o que quer dizer com isso.

- Londres.

- O que tem Londres?

Ele não iria embora para *Londres*. Acabou de comprar e reformar o apartamento aqui. Acabou de conhecer Jana. Acabou de voltar da Inglaterra...

- André vai voltar para Londres por tempo indeterminado.

É.

Acho que iria.

Putz.

- Ele está indo embora, Ceci. Está indo embora sem se despedir. Acabou... - Ela fica com o olhar perdido por mais alguns segundos, antes de correr e se jogar na cama, chorando sem parar.

Ah, não.

Não, não, não.

Minha “Evidência B”...

Eu sento ao seu lado e começo a fazer um carinho suave nas suas costas, subindo e descendo devagar, tentando consolá-la. Eu esperava tanto desse cara... Eu tinha tanta certeza de que ele era diferente. Ainda não consigo acreditar que simplesmente disse “Estou indo embora. Tudo de bom”, assim do nada.

- Jana, o que estava escrito na mensagem? - Pergunto.

Às vezes, houve algum mal-entendido.

- Pode ler. - Ela consegue falar entre soluços, com a voz quebrada. - Não me importo.

Eu volto para perto da janela e pego o celular. Digito sua senha e, assim que a tela desbloqueia, vejo uma enorme mensagem. Mas não de André... É uma mensagem da Camila.

O longo texto explica que iriam para uma fazenda no interior hoje, para encontrar com a irmã do Henrique. Ela dá a entender que André e Juliana - a irmã em questão - são um casal, ou pelo menos espera-se que sejam num futuro breve. *Cobra odiosa*. E, de lá, meu ex-cunhado seguirá no jatinho da empresa até Londres, porque surgiu algum grande imprevisto nessa filial e

apenas André poderia resolver.

“Não sei quanto tempo ele ficará, mas acredita-se que seja coisa de um ano ou mais”.

Não, sem mal-entendido. Sei exatamente o que acabou de acontecer aqui.

- Camila sabe que o irmão está apaixonado e deve ter inventado tudo isso só para separar vocês. Está na cara que ela não gosta da gente.

- Mas parece que André também não gosta tanto assim, ou não teria aceitado nada disso. - Ela responde, ainda com a voz abafada pelo travesseiro.

Ver minha irmã triste desperta todos os meus instintos assassinos. Se isso não fosse fazê-la sofrer ainda mais, eu iria agora mesmo até qualquer buraco em que André tenha se enfiado, só para gritar com o imbecil. Talvez rolasse uma agressão. Nada permanente, apenas um pequeno susto...

- Eu ainda acho que André adora você. Absolutamente adora. Algo deve ter acontecido... Quem sabe se a gente for no

apartamento, ele ainda esteja lá?!

- NÃO! A última coisa que eu quero é olhar para a sua cara.
Ele me dispensou, Ceci.

- Tudo bem, eu posso entender isso. Não concordo, mas posso entender.

Volto a fazer carinho nas suas costas e ficamos em silêncio por vários minutos, perdidas nos nossos pensamentos. Eu queria poder consertar tudo, consertar o mundo, mas realmente acho que não tem nada que eu possa fazer agora. ARGH! Essa sensação de impotência me mata.

Depois de quase meia hora, sinto seu corpo se acalmando, os soluços passando e a tensão deixando seus ombros. Ela tira o rosto do travesseiro e se senta, enxugando as lágrimas e exibindo um brilho de determinação novo no olhar.

- Já sei o que vou fazer. - Fala decidida.

- Vamos caçá-lo e obrigá-lo a te pedir desculpas de joelhos? Topo. Vou calçar meus tênis. - Começo a me levantar, mas ela me puxa para sentar de volta.

- Não, Ceci. - Revira os olhos com diversão. - Eu vou aceitar dar aquele treinamento para os professores da escola no Rio de Janeiro. Vai ocupar a minha mente e vai me tirar do Netherfield.

- Acho que uma mudança de ares seria ótima, Nana. - Faço um carinho na sua bochecha. - Mas se quiser partir para o plano B e caçar aquele cara, é só dizer. Uma palavra e eu aciono meus contatos. Sabe que advogados têm ótimos “contatos”.

- Eu sei. - Ela ri com gosto. - Vou manter isso em mente, mas por enquanto vou só mandar um e-mail para o meu coordenador e dar a notícia para mamãe. Oh, Deus. Ela vai surtar, não vai?

- Acho melhor escondermos as facas da cozinha, antes de você falar qualquer coisa.

- Vai escondendo, enquanto eu mando o e-mail então. - Ela levanta e se senta na nossa escrivaninha.

Quem olhasse de fora, diria que está perfeitamente bem. Mas eu reconheço os sinais. Vejo como está mordendo a parte de dentro das bochechas e como suas mãos tremem de leve ao digitar.

Sei que ela disse para eu não fazer nada, mas talvez essa seja uma ótima oportunidade para eu gastar minha carta de réu primário.

Quando saio para o trabalho na manhã seguinte, mamãe está sentada na mesa olhando para o nada, seu café esfriando na sua frente, ainda sem se recuperar do choque do dia anterior. Ela gritou, ela chorou, ela ameaçou, ela comeu docinhos e fez a maior cena da história. Até parece que foi o quase-namorado dela que partiu para o outro lado do oceano. Olhando pelo lado bom, se seus nervos sobreviveram a esse momento, vão sobreviver a qualquer coisa.

Para piorar, eu chego na empresa em que estou alocada e percebo que o clima está bem diferente do normal. Todo mundo parece mais nervoso e mais quieto. Os seguranças não fazem piadinhas sem graça quando eu entro, as senhoras da limpeza não

estão fofocando no corredor, as secretárias do meu andar estão se maquiando na frente dos seus computadores e trocando as sapatilhas por sapatos de salto alto.

Parece que eu entrei direto no “Diabo Veste Prada”.

Começo a correr direto para a minha sala, querendo ficar longe de toda essa loucura o mais rápido possível. Eu entro e tranco a porta atrás de mim, antes de me sentar na grande escrivaninha que eu já amo. Quando esse serviço acabar, vou sentir falta desse cantinho. Uma janela com vista para a Avenida Paulista e ar-condicionado é tudo que uma garota precisa para viver.

Abro minha agenda, checando o que programei para essa segunda-feira. Para começar, tenho uma reunião com o dono do conglomerado Alme. Finalmente vou conhecer o chefe! Ainda tenho meia hora para me preparar, então separo os contratos que redigi, separo as informações sobre as empresas que farão parte da fusão e pego tudo que posso precisar. Hora de impressionar!

Cinco minutos antes do horário marcado, eu saio marchando decidida em direção à presidência. A secretária, uma

senhora que deve ter os seus sessenta anos e que é sempre muito simpática, dá um sorriso caloroso assim que as portas do elevador se abrem.

- Ceci, querida. Bom dia! Como você está nessa manhã?

Pelo menos, ela não foi afetada pela loucura que contagiou todos os outros.

- Estou ótima. Aqui, trouxe aquele livro que te falei. - Passo para ela um exemplar novo de “Orgulho e Preconceito”.

Tinha prometido que “emprestaria” o meu para ela, mas de jeito nenhum deixaria a minha cópia de estimação sair de perto de mim. Rola todo um apego emocional ali, seria como emprestar a Pixinguinha para alguém.

- Ah, você lembrou! Muito obrigada, começarei a ler hoje mesmo.

E assim seguimos com a missão de divulgar Mr. Darcy pelo mundo e de espalhar a palavra de Santa Austen para todos que se dispuserem a ouvir. Amém!

- Depois quero saber tudo que achou. - Olho ao redor para

me certificar de que estamos sozinhas e me abaixo para sussurrar bem perto dela. - Cris, o que aconteceu nessa empresa hoje que está todo mundo estranho?

- Ah! É que o chefe está aqui e as pessoas morrem de medo dele.

- Com razão?

- Claro que não! Ele é um chefe exigente, mas não seria CEO se não fosse. - Agora parece realmente aborrecida. - Eles não conhecem o cara e já se apressam em julgá-lo só porque é uma pessoa discreta e reservada. Isso me irrita!

Percebi.

Não sei o que esse cara fez, mas conseguiu a lealdade incondicional da sua secretária.

- Não tenho nada a temer então?

- Absolutamente nada. Ele é o melhor patrão para quem já trabalhei, Ceci. Você é eficiente e ele respeita isso. Vá tranquila que tudo dará certo.

Parece sincera, então vou escolher acreditar nela. E seja o

que Deus quiser.

- Obrigada. - Pego sua mão e aperto de leve, agradecendo.

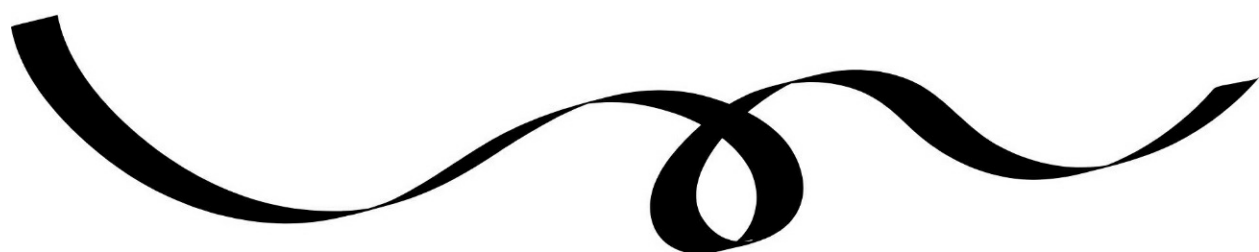
- Ele está te esperando. Só dê uma batidinha e entre direto.

Eu faço como mandou e abro a pesada porta de madeira escura, entrando em um escritório muito diferente do que eu esperava. Pensei que fosse encontrar algo todo em tons de branco, alumínio e estéril, mas não poderia estar mais errada. Este lugar parece uma biblioteca antiga com móveis em madeira escura, tapetes macios por todos os lados e grandes estantes cheias de livros. Caramba! Se eu mesma pudesse montar um escritório para mim, com certeza, seria algo exatamente assim. *Aconchegante.*

- Olá, Cecília.

Uma voz rouca me chama e eu reconheço esse jeito brusco de falar na hora. Fecho os olhos por alguns segundos, sem acreditar na peça que o universo acabou de me pregar. Só depois de respirar fundo várias vezes é que me obrigo a olhar para frente e confirmo minhas suspeitas.

Ah, inferno.



CAPÍTULO 09

Estou congelada no lugar. Chocada. Atordoada. E mais uma meia dúzia de adjetivos, mas estou confusa demais para exteriorizar todos.

- Henrique?

- Eu mesmo. Faz trinta e três anos, aproximadamente.

Ele se recosta na sua cadeira pomposa e cruza os braços na defensiva, como se estivesse se preparando para um combate.

Ok, nós já vamos brigar.

Só me deixa voltar a pensar primeiro.

- Você é o dono da Alme? *Você?*

Pergunto com incredulidade, só para ter certeza de que não estou confundindo nada, nem me enfiei em algum universo alternativo perturbador. Como foi que eu não percebi isso antes?
COMO?

- Al-ves de Me-deiros. Al-Me.

Responde com o seu sarcasmo habitual, num tom que usaria para explicar algo óbvio para uma criancinha. Não sei quem eu quero estapear mais: Poms, ou eu mesma.

- Você é meu chefe temporário e, pela sua falta de surpresa, você sabia que eu era a sua nova advogada. - Recapitulo mais uma vez, para ver se a verdade entra no meu cérebro.

- Sim, eu sabia. Eu sei de tudo que acontece na minha empresa. - Cruza os dedos na altura da boca, como se estivesse me analisando.

Imagens de nós dois discutindo no jardim me voltam à mente, mas eu obrigo que se escondam na mesma hora. Isso já vai ser difícil o suficiente sem trazer Guilherme e o quase-beijo para essa equação.

Ando decidida até as duas cadeiras na frente da sua enorme mesa, aliso a saia que escolhi para usar hoje e me sento com o máximo de dignidade que eu consigo, apoiando os papéis na sua mesa, antes de cruzar as pernas numa pose relaxada.

- Eu achei que não gostasse de mim. - Ergo o queixo, o

desafiando a negar.

- Eu achei que você era a melhor profissional para conduzir essa fusão. - Ergue a sobrancelha. - E isso basta para mim.

- Bom, você achou certo. Eu sou a melhor. - Aponto um dedo na sua direção. - Mas você deveria ter me contado.

- Eu não misturo assuntos pessoais com profissionais. Você é meu primeiro compromisso, no meu primeiro dia de volta à empresa. Então, podemos concordar que eu deixei que soubesse na primeira oportunidade que tive.

- Vai tentar argumentar com uma advogada? Sério?

- Eu acho que acabei de fazer isso.

Ele apenas me olha por alguns segundos, me dando a oportunidade de analisá-lo de volta. Bom, seu cargo explica todos esses ternos que usa o tempo todo - e que ele enche tão bem... Sinto um cheiro de banho no ar, além do seu perfume caro. A barba cerrada está bem aparada e os cabelos ainda estão úmidos.

Ele pode ser um odioso.

Mas é um odioso lindo para caramba.

Ah, ótimo.

Agora estou cobiçando o meu chefe que eu odeio.

Tento me apegar à ideia de que essa é uma situação temporária e respiro fundo, quebrando nossa conexão visual estranha.

- Bom, vou ter de conviver com isso. Podemos começar o trabalho? - Me acomodo melhor na ponta da cadeira, organizando meus papéis.

- Certo. - Ele se inclina para frente também. - Me explique as mudanças que fez, por favor.

Eu o odeio ainda mais quando saio da sua sala, duas horas depois. Pomps é brilhante. *Ridiculamente brilhante*. E, mais do que tudo, ele me tratou como um igual. Ouviu o que eu tinha a dizer, fez as perguntas necessárias, confiou na minha orientação e me deixou muito confusa.

É tão raro achar um homem numa posição de poder que escute seus subordinados, ainda mais quando são mulheres. TÃO RARO. Como pode um homem brilhante assim quando se trata de

negócios, ser tão babaca no mundo real?

Fico até depois das oito da noite para terminar tudo, porque quero mandar o e-mail com as alterações ainda hoje. Não quero dar nem meio motivo para que Pomps duvide da minha capacidade. Não sei por que sinto que tenho de provar algo a ele, mas algo dentro de mim quer que Henrique me ache inteligente...

Vou o caminho todo para casa ainda refletindo sobre a loucura que foi o meu dia. Quando entro, encontro o caos de sempre. Lulu ouvindo aqueles funks que fazem um desserviço completo aos anos de luta feminista da história, mamãe papeando com Dona Lourdes em algum lugar por aí, Pixinguinha reclamando que ninguém lembrou da sua comida e o jantar esquecido no fogão.

- Acabei de deixar sua irmã no aeroporto.

Papai se abaixa para me dar um beijo na bochecha, enquanto eu acabo de picar a cebola para fritar junto com os filés de frango que achei descongelando na pia.

- Ela já foi?!

- Sim. O pessoal da escola ficou tão feliz por ela ter

aceitado ir, que a colocaram no primeiro avião. Sabe, antes que mudasse de ideia.

Acho que faz um ano que estão convidando Nana para falar nas outras filiais do colégio. Tentar inspirar os outros professores a ser um pouco mais como ela. Não posso julgá-los, até eu queria que Janaína fosse a minha professora. Quem sabe ela não conhece algum carioca bonitão, sarado e que fala “meixxxxxmo” para ajudá-la a esquecer André?!

- E como ela estava? - Pergunto, colocando tudo na panela para refogar.

Ah, cheirinho de alho... Amo!

- Ela estava triste, mas uma moça gosta de sofrer por amor de vez em quando, não gosta?

- Em livros? Sim. Na vida real? - Faço uma careta. - Nem um pouco.

- Não? Nem para ter algo a contar para as amigas? Para hidratar as retinas?

- Para isso existem colírios, pai. - Reviro os olhos.

Deus abençoe a inocência de seu Osvaldo.

Também tenho de admirar a sua resiliência. Entre a descoberta do meu pedido de casamento negado e o que aconteceu com Nana, minha mãe não deve ter parado de reclamar no seu ouvido nem por um segundo. A única alheia aos dramas da família é Luísa, que fica o tempo todo isolada no seu quarto, na rua, ou digitando no seu celular. Mesmo com a tensão de hoje na mesa, parece a mesma de sempre, inabalável na sua bolha.

Depois de comermos, decido deixar a louça para ela lidar e subo para o apartamento de Gabi. Preciso desabafar com alguém sobre essa loucura toda de Henrique ser o meu novo chefe. Foi informação demais para o meu pobre cérebro processar em pouco tempo.

O problema é que assim que minha amiga abre a porta, eu percebo que também está estranha. Com a expressão fechada, meio nervosa e embolando os dedos na frente do corpo. *Ah, não. O que aconteceu agora?* Seria pedir muito um pouco de paz e tranquilidade? Não estou gostando desse ritmo de ter uma dúzia de

emoções por dia na minha vida.

- Está tudo bem, Gabs?

- Preciso te contar uma coisa, mas você tem de prometer que não vai me julgar.

Eu entro no apartamento e suspiro, já me preparando para sei lá o que virá na minha direção agora.

- Eu prometo.

Ela me puxa em direção ao seu quarto, trancando a porta atrás de si. Ela nunca tranca a porta! Estou ficando seriamente preocupada. Me jogo na sua cama e abraço seu velho ursinho de pelúcia, em busca de um pouco de conforto.

- Ok, manda ver.

- Não é nada de ruim. Muito pelo contrário, na verdade. É uma ótima notícia e eu não poderia estar mais feliz.

Pelo menos isso!

Coloco as pernas embaixo do corpo, esperando com ansiedade. - Então desembucha para gente poder ficar felizes juntas de uma vez, mulher.

- Ceci... - Ela fecha os olhos. - Eduardo e eu estamos noivos.

Ah.

Nossa.

Calma.

- Noivos... como em para se casar?

- Claro que é para casar, Ceci. Para fritar pastel que não seria!

- Uau. Não esperava por essa. - Fico em silêncio por alguns segundos, processando a informação. - Ele te faz feliz, Gabs? Acha que pode ser feliz ao lado dele?

Ela pega minhas mãos nas suas, me encarando com urgência. - Não quero mais a pressão de flertar, conquistar e ter de ficar aguentando minha família preocupada por eu ainda estar solteira. Só quero ter alguém! Eu tenho tanto medo de acabar sozinha, Ceci... Isso faz de mim uma pessoa patética?

- Claro que não. - Eu a abraço. Abraço muito apertado. - Eu só quero que você seja feliz. Se você acha que será feliz com

Eduardo, então eu estou feliz.

- Ele gosta de mim e é um cara decente. Não posso me dar ao luxo de ser romântica, mas acho que eu o amo...

- Então, não se importe com o que ninguém pensa. - Digo para tranquilizá-la. - Parabéns, querida. Parabéns de verdade.

- Você vai no meu noivado? Esse final de semana, na fazenda da família do Edu? Meus pais insistiram para que a gente tivesse um jantar formal, trocasse alianças e tudo mais.

- Claro. Eu não perderia isso por nada. - Sorrio com toda sinceridade, separando nosso abraço. - Você é minha irmã! Além disso, sem a Jana aqui, tudo vai ficar muito tedioso. Um final de semana fora é mais do que bem-vindo.

- Você pode ir no sábado de manhã então? Vou ficar mais tranquila com você lá comigo, para o caso de eu começar a surtar.

- Pode contar comigo.

- Ufa, estou tão aliviada. Estava morrendo de medo de te dar essa notícia. Vocês têm essa história e tudo mais...

- Sabe que ele nunca foi a pessoa certa para mim.

- Não, não mesmo. Falando em homem para você, como vai o Guilherme?

- Ah. Ele me seguiu no Instagram, comenta algumas coisas que eu posto, mas quando eu o chamei para jantar, disse que estava ocupado em semana de provas. Vejo que ele só curte foto de mulheres seminuas, só segue mulheres... Está na vibe da faculdade. Bem diferente de mim.

- Imaturidade meio broxante?

- Total. Até para alguém com quem eu só perderia uns cinco minutos. Mas a fofoca do dia que eu queria te contar é... - Faço um pouco de suspense. - Henrique é o meu novo chefe temporário.

- Como é? - Seu queixo cai.

- Meu escritório me alocou numa empresa na Paulista, faz uns dias já. Um conglomerado gigante. O CEO estava viajando, ocupado com as outras filiais, e só veio trabalhar hoje. Quando entrei numa reunião para conhecê-lo... Pumps!

- Não acredito! O que você fez?

- Passei horas trabalhando com o idiota numa fusão milionária que a empresa dele está fazendo. Só nós dois, numa sala fechada.

- E como ele é na empresa? Tão pomposo quanto nós conhecemos aqui?

- Eu não sei o que dizer. Por um lado, todos parecem ter medo do cara. Por outro, sua secretária o defendeu com unhas e dentes. Se o tivesse conhecido hoje, teria achado que é apenas um homem excepcionalmente inteligente. O Henrique que André descreve e que a Cris descreve, não combina com o Henrique que acabou com a vida de Guilherme, nem com o Henrique arrogante que desfez de mim e destratou todos nós.

- Só sei que quando eu o vejo, tenho vontade de me abanar. Arrogante ou não, eu acho o homem lindo. - E começa a se abanar de verdade.

Não adiantaria dizer que não concordo. A mulher teria de ser cega para não se sentir atraída pelos seus traços bonitos, pela sua elegância e por aqueles malditos olhos.

- Ele é lindo, se você gosta desse “tipo”. - Nós duas caímos na risada, curtindo nossa piada interna. - Mas hoje o dia é seu. Conte-me tudo sobre o pedido!

Pela próxima hora, nós discutimos como será o seu noivado e ficamos procurando por modelos de vestidos de noiva e de madrinha na internet. Claro que eu vou ser uma das madrinhas! Sei que isso será outro motivo de drama para a minha mãe - madrinha no casamento do ex - mas eu não poderia me importar menos. Gabi me quer lá, então eu estarei lá.

Estou feliz por Eduardo também. Ele nunca foi um cara ruim, só não era o cara para mim. Muito inseguro, muito tedioso, muito... *bege*. Espero que ele goste mesmo da minha amiga e que os dois formem uma boa parceria. Talvez, um dia, eu até os promova como a minha “Evidência C”.

Na manhã seguinte, eu me pego levando um pouco mais de

tempo para me arrumar e tento não pensar muito nos meus motivos para isso. Vamos dizer apenas que acordei com vontade de me sentir bonita.

Não foi por causa de ninguém.

Não foi!

Coloco uma saia de couro até os joelhos, uma camisa preta e uma sapatilha de verniz. Até coloco um sapato de salto na bolsa para trocar quando chegar lá, e eu nem lembrava da última vez que tinha usado um salto.

O pobrezinho estava até empoeirado.

Eu deixo meu cabelo castanho cair ondulado pelas minhas costas e passo uma camada de rímel - que é o máximo de maquiagem que o meu talento permite. Analiso meu reflexo de um lado para o outro, tentando me ver como alguém de fora veria. Posso não ser uma “Deusa Divina” a ponto de deixar alguém tentado, mas sou bem... Ok.

E quer saber? Eu vejo isso e azar de quem não vê.

Vou repetindo esse mantra durante todo o meu caminho a

pé até a Paulista, ouvindo música e repassando mentalmente tudo que terei para fazer. Estou virando a esquina da Avenida Brigadeiro, quando trombo bem de frente com um cara que vinha correndo na direção oposta, levando o maior susto.

- Desculpa. Mil desculpas. Eu não vi você e... - O desconhecido me firma no lugar e eu reconheço a voz rouca na hora. - Cecília?

Pomps... Claro.

Essa hora da manhã... Simplesmente ótimo.

- Bom dia, Henrique.

Eu me desvencilho dos seus braços e dou um passo para trás, alisando as minhas roupas. Só então reparo no que está vestindo: bermuda de basquete preta, camiseta esportiva colada no corpo, cabelos bagunçados, fones nos ouvidos e parecendo quase... humano. Quase real.

E mais lindo do que nunca.

Ah, mas que droga.

Odeio ter de odiar caras gostosos.

- Está indo para a empresa? - Eu pergunto em nome da boa educação.

- Sim. - Tira uma toalha do cós dos shorts e enxuga um pouco do suor, me obrigando a acompanhar todo o movimento.

Eu não posso estar cobiçando seriamente o meu chefe. Poupança do Apê. Comissão polpuda. Fusão milionária... É apenas nisso que eu preciso me concentrar. APENAS ISSO. MAIS NADA.

- Então, você vem para o trabalho correndo todo dia?

Finjo analisar a arquitetura do prédio em que estamos parados, olho para o céu, olho para o letreiro da Starbucks, tudo para não olhar diretamente para o Poms.

- Fujo do trânsito e faço exercícios. Todo mundo sai ganhando.

- Esperto. - Respondo olhando para a vitrine da loja mais próxima.

- Hey, Cecília? - Ele chama e eu me obrigo a encará-lo. - Se importa se pararmos para um café, antes de seguirmos juntos?

Ele aponta para a Starbucks atrás de nós.

- Claro, sem problemas.

Além disso, não consigo pensar numa desculpa rápido o bastante para fugir.

Pomps abre a porta para mim e eu sinto o cheiro do seu perfume ao passar ao seu lado. O cara consegue ser cheiroso até depois de correr e isso é muito injusto. MUITO INJUSTO.

Assim que pisa no lugar, atrai todos os olhares femininos na hora. Elas não conseguem nem disfarçar que estão cobiçando o homem na cara dura. Caramba... Deve ser difícil viver assim. Ele nem é tudo isso! Ou é?!

Bom, deve ser pelo seu corpo. Ele é... sólido. Sim, muito sólido. Alto e *firme*. Nossa, firme é péssimo. Por que eu estou descrevendo alguém como *firme*?! ARGH! Eu o sigo para a fila, ignorando os olhares assassinos que as suas pseudo-fãs estão me dando e ignorando minha própria mente problemática.

- Bom dia. Eu vou querer, por favor, um chocolate quente venti e um machiatto tall? - Ele pergunta olhando para mim, como

se esperasse pela minha confirmação.

Acertou em cheio. Ou ele me observou no escritório ontem, colocando leite no meu café, ou tem um grande dom para adivinhar as bebidas das pessoas.

- Sim, obrigada.

- Qual o seu nome?

- Henri.

Henri...

André e Camila o chamam assim. Eu acho que Pomps combina mais.

Ele tira um cartão de crédito preto do bolso - daqueles que nunca viram uma mensagem de “Não Autorizado” na vida - para pagar e ainda coloca uma nota de cinquenta na caixinha de gorjetas quando o caixa não está olhando. Mais uma pecinha que não se encaixa no quebra-cabeça que é Henrique Alves de Medeiros.

Nós andamos até o canto, para esperar nossas bebidas e eu não resisto a vontade de provocá-lo, já que estamos sozinhos.

- Então... Chocolate quente?

- Algum problema com a minha bebida? - Ergue a sobrancelha, me desafiando como sempre.

- Imaginei que fosse pedir expresso puro, sem açúcar. Sabe, forte e amargo.

- Como a minha alma?

Tenho de admitir que ele é um bom adversário para me enfiar em um jogo de provocações verbais. E, dessa vez, não é uma provocação “do mal”. Posso estar muito louca, mas acho que está quase sorrindo. Então, se inclina na minha direção, os olhos claros bem menos blindados do que o habitual.

- É você quem está dizendo. - Finjo uma expressão de inocência pura.

- Digamos que chocolate quente seja a minha pequena indulgência diária.

- Pequenos prazeres da vida, claro. O que mais um garoto de dez anos poderia querer?

Ele dá um pequeno sorriso e seu celular apita, quebrando nosso momento divertido. Poms tira o iPhone da pochete

esportiva e dá uma checada rápida, antes de voltar a guardá-lo.

- Qual é o seu livro preferido?

- Como é? - Faço uma careta confusa.

- Uma vez você me lembrou da responsabilidade social de trocar amenidades quando se está ao lado de um conhecido. Conversar sobre o Palmeiras e tudo mais... - Definitivamente parece estar se divertindo agora. - Então, estou conversando com você.

- Você estava prestando atenção! Quem diria?! - Reviro os olhos. - Para a sua informação, meu livro preferido é “Orgulho e Preconceito”.

- Mr. Darcy, claro. Mas devo dizer que não imaginava que você fosse do tipo romântica. - Cruza os braços, me observando com curiosidade.

Ele e essa coisa de “tipo” de novo.

- E eu não imaginava que você fosse do *tipo* que conhece romances clássicos.

- Eu fiz algumas aulas de Literatura Inglesa na faculdade.

- Henri!

O atendente chama, dando alguns segundos para eu me recuperar desse último choque. Literatura Inglesa?! Ah, qual é?! Bufo incrédula, ao mesmo tempo em que ele passa o copo para mim e nossos dedos se tocam por um segundo, dando um choque leve. Nós dois olhamos com uma careta confusa para o ponto exato onde nossas peles se encostaram, como se esperássemos encontrar alguma coisa ali.

- Isso sempre acontece quando esbarro em você. - Fala como se estivesse reclamando.

- Acho que nossas energias se estranham. - Eu sugiro, sem resistir.

- Faz sentido.

Claro que faz. Nós dois nos repelimos naturalmente.

- Então, qual é o *seu* livro preferido? - Voltamos para a manhã quente de São Paulo, andando devagar e desviando dos pedestres apressados. - Crime e Castigo? A Arte da Guerra? O Príncipe, de Maquiavel? O Capital, do Karl Marx?

- Na verdade, eu gosto de “O Apanhador no Campo de Centeio”. Eu li quando era um adolescente e me identifiquei muito com o personagem principal.

- Você era um rebelde que tirava notas ruins e, por isso, fugiu do internato?

Impossível não reparar na sua altura ao meu lado. Comparada com a minha, é quase como se ele fosse um prédio. Mesmo assim, seus passos são largos e elegantes. Seguros do seu lugar no mundo.

Tomara que ele tenha sido desajeitado na adolescência. E que tenha o pé feio.

- Eu tive meus momentos de rebeldia, mas não foi por isso que mais me identifiquei. - Ele dá um longo gole no seu chocolate.
- Digamos que eu fui um adolescente meio perdido, meio solitário, como o personagem.

Ando o resto do quarteirão em silêncio, sem saber como responder a isso. Quando chegamos, Pomps abre a porta do edifício Alme para mim e, na mesma hora, os seguranças o cumprimentam

com um aceno de cabeça, correndo para destravar a catraca e liberar sua entrada. Como reles mortal que sou, preciso caçar o meu cartão de entrada na bolsa, antes de liberar o meu próprio acesso.

Mesmo assim, ele me espera e digita o código no seu elevador exclusivo, indicando que eu entre junto. O botão da cobertura já está apertado e eu aperto o botão para o décimo segundo andar.

- Pode se reunir comigo daqui, digamos, meia hora? Quero ver mais algumas coisas sobre a fusão.

- Tudo bem. - Concordo e um silêncio incômodo cai sobre nós. Ainda faltam dez andares... - Responsabilidades sociais de novo?! - Eu o lembro.

- Ah, certo. Vejamos... Música preferida?

- Que pergunta clichê!

- Fruta preferida?

- Eca! Alguém tem fruta preferida?

- Cor preferida?

- Isso é tão impessoal.

- Backstreet Boys preferido?

- Estamos numa revista adolescente dos anos 90?

A cada resposta, o sorriso que ele tanto luta para esconder vai se tornando maior e maior. Antes de continuar, ele faz uma expressão quase arteira, quase de quem se diverte em provocar a outra pessoa e eu pressinto que vem coisa boa por aí.

- Flor preferida?

As portas duplas se abrem, indicando que chegamos ao meu andar, e sei que fez essa pergunta para me cutucar pelo discurso daquele dia em que nos conhecemos. Ainda bem que sou uma adversária MUITO à sua altura. Eu dou um passo para fora e coloco a mão para segurar o elevador, o encarando diretamente nos olhos azuis.

- Eu não gosto de flores.

Faço uma pausa para dar o drama necessário e saio andando decidida pelo corredor, com o queixo erguido.



CAPÍTULO 10

Eu ligo o notebook e vou separando meus papéis, antes de tirar minhas sapatilhas e trocá-las pelos sapatos de salto que trouxe na bolsa. Parece que, no fim das contas, sou igualzinha àquelas secretárias que decidiram se arrumar só para impressionar o chefe. A diferença é que elas querem conquistá-lo, enquanto eu só quero a altura extra para encará-lo nos olhos. Quero estar preparada para o nosso próximo embate, *apenas isso*.

Prendo todas as páginas que precisam de revisão em uma prancheta e, assim que a meia hora se completa, saio marchando para a presidência.

- Bom dia, Cris. - Cumprimento ao sair do elevador. - Tudo bem?

- Olá, querida. Não estou nada bem. Você arruinou a minha vida.

Dou uma gargalhada, sabendo exatamente do que ela está

falando.

- Você não consegue fazer mais nada que não envolva Mr. Darcy?

- Exatamente! Eu esqueci de jantar ontem, Ceci! De tão entretida que eu estava, eu me esqueci de *comer*! Aquele negócio é viciante demais.

- Orgulho e Preconceito é um caminho sem volta. Depois que ler, precisa assistir ao filme. É um dos poucos casos em que a adaptação faz jus ao livro.

- Vou pedir para a minha neta arranjar para mim.

- Eu tenho o DVD. Você ainda tem um aparelho de DVD?

- Mas é claro. Onde mais eu assistiria meus filmes preferidos?

Deus abençoe as doces senhoras que ainda não descobriram as maravilhas da Netflix.

- Então, está combinado. Amanhã eu trago para você.

- Ótimo. Agora, se apresse. O chefe está especialmente bem-humorado nessa manhã, mas não queremos deixá-lo

esperando.

Bem-humorado?! Humm... Curioso. O que pode ter deixado nosso querido *boss* de bom-humor?! Ah. Só pode ser uma coisa: CHOCOLATE QUENTE. Vou me lembrar disso, caso precise amaciá-lo no futuro.

- Tem razão. Te vejo depois!

Aceno feliz para ela, dou uma batidinha na porta e entro decidida. Henrique está em pé olhando pela janela, já vestido com seu terno impecável, os cabelos penteados de lado, o cheiro bom do seu perfume dominando o ambiente, misturado com cheiro de banho. Poxa, eu queria ter um banheiro no meu escritório. Se bem que... nunca iria para casa, se tivesse um mesmo.

- Henrique?

- Você está atrasada e eu tenho uma reunião daqui cinco minutos. - Responde com brusquidão.

Essa é sua versão bem-humorada? Eu, hein. Cancela o chocolate quente.

- Não vou tomar muito do seu *precioso* tempo. Só preciso

que revise essas cláusulas.

Estico a prancheta para ele, que passa os olhos com agilidade pelas páginas. Nem me convida a sentar! Vira a primeira, lê tudo em trinta segundos. Vira para a segunda, lê tudo em vinte segundos. Terceira e...

- Encontrei um erro. - Anuncia quase vitorioso.

Como se estivesse procurando por erros de propósito.

Ok, tudo bem. O trabalho dele é procurar por erros mesmo.

Não seja tão implicante, Ceci.

- Qual erro?! - Tento não ficar muito na defensiva.

- Você não assinou aqui, onde deveria ter a rubrica do advogado.

Eu poderia responder que estava esperando o documento ser todo revisado, antes de gastar tinta nas páginas que caberiam a mim, mas dar o gostinho de mostrar que ele me tirou do sério é tudo que não quero. Então, puxo a prancheta das suas mãos e bato com tudo no seu peito, usando ele mesmo como mesa para assinar.

Isso acaba nos deixando próximos demais, os dois

respirando o mesmo ar, sua boca a milímetros do meu rosto. *Ah, droga...* Minha letra sai um pouco mais tremida, mas finjo não me abalar, e ainda coloco uma dose extra de força.

- Pronto. - Ergo o queixo, nos deixando ainda mais próximos. - Mais alguma coisa, *chefe*? - Capricho no sarcasmo.

- Envie esse contrato para o meu e-mail e comece a trabalhar em outra aquisição que vou te mandar.

- Sim, *chefe*.

Eu não deveria estar chegando mais perto a cada vez que falo *chefe*. Eu deveria estar me afastando. Eu deveria estar bem longe. Beeeeeeeeeeeem longe.

- Quero que você venha trabalhar para mim, Cecília. - Sussurra no seu tom mandão, como se tivesse acabado de me dar outra ordem.

Trabalhar direto na Alme? Não mais como terceirizada?

Uau. Não esperava por essa.

Acho que, apesar de tudo, fiz alguma coisa certa.

- Me faça uma proposta formal e eu analisarei. - Respondo

do mesmo jeito.

- Faça uma proposta ao RH e eu direi se aprovo ou não.

- Não sou **eu** que quero um trabalho aqui. É **você** quem me quer. - Só então percebo o que falei.

Ótimo, Ceci. Apenas ótimo.

Seus olhos caem para a minha boca e eu mordo o lábio, sentindo a mesma sensação daquele dia no jardim começando a crescer entre nós. Como se alguma força me puxasse para ele, como se alguma magia estranha nublasse o meu cérebro e eu só conseguisse pensar em beijá-lo.

Céus, eu quero beijá-lo.

- Você trocou de sapatos. - Fala baixinho.

Sua voz está mais suave do que nunca. É quase como se eu pudesse ver suas defesas se abaixando, seus olhos ficando num tom de azul límpido e tranquilo.

- Troquei. - Respondo no mesmo tom, meio hipnotizada.

Não acredito que reparou nisso.

- Cecília, eu...

- Senhor Medeiros, o conselho está a sua espera.

A voz de Cris ecoa pela sala, vinda do telefone na sua grande escrivaninha, e eu me afasto rápido, começando a andar para a porta no mesmo instante. Não acredito que isso quase rolou de novo. DE NOVO! Qual é o meu problema?! Ou melhor, qual é o **NOSSO** problema?!

- Cecília? - Ele chama outra vez, mas eu ignoro.

- Tenha uma boa reunião, chefe.

Apresso ainda mais o meu passo, no limite de estar correndo e acabar sendo totalmente inapropriada. Aceno para Cris sem parar minha “marcha atlética” e, quando chego na minha sala, estou ofegante e abalada.

Eu me jogo na cadeira, tomo um longo gole de água da garrafa que sempre deixo aqui, e tento obrigar o meu corpo a voltar ao normal. Ok, tenho de admitir que Poms me afeta. A sensação engraçada no meu estômago, meu coração acelerado, minhas mãos suando... Nunca passei por nada disso! Será que estou ficando doente?! Mas sábado foi igual. Talvez Henrique tenha uma energia

tão ruim que consegue até sugar as minhas forças... Não. Essa não é uma sensação ruim. É diferente, mas não ruim.

Bom, chega de drama.

Preciso focar minha mente no trabalho porque hoje o dia vai ser longo.

Depois de duas horas digitando sem parar, consigo adiantar bem tudo, então faço uma pausa para checar o meu e-mail. O primeiro na caixa de entrada é do próprio chefe, mas o assunto quase me faz cair da cadeira.

De: henrique@alme.com.br

Para: cecilia@bennetassessoriajuridica.com.br

Assunto: Eu quero você

Cecília,

Segue em anexo a proposta formal do RH para a sua contratação.

Tomei a liberdade de marcar uma reunião para você com o

meu CHRO^[3] hoje, às 17h. Ele poderá tirar suas dúvidas sobre benefícios, planos de carreira e demais detalhes da vaga. Como deve saber, estamos sem um CLO^[4] no momento e estou certo de que você seria a pessoa mais capacitada para o cargo.

Atenciosamente,

Henrique Alves de Medeiros

CEO Alme

Caramba.

CLO?! Nem nos meus maiores sonhos poderia me imaginar como CLO de uma empresa do tamanho da Alme. É o tipo de desafio que faz meu coração acelerar de empolgação. Ponto alto da minha carreira, sem dúvidas. Na verdade, é o ponto alto que eu nem sabia que queria atingir.

Abro o arquivo que me foi enviado e xingo alto quando chego na parte financeira da história. O salário mensal é quase uma ofensa de tão alto. Minha “Poupança do Apê” está abanando o

rabinho de alegria nesse momento. A responsabilidade é gigante, o trabalho vai sugar a minha vida, mas eu mal posso esperar para começar!

Eu peço comida na minha sala mesmo e só levanto da cadeira para ir ao banheiro. Quando faltam cinco minutos para às 17h, subo ao andar do RH tentando controlar o meu nervosismo. Saio da reunião quase oito da noite e abraço a pasta com a minha proposta. Abraço com o mesmo abraço que eu reservo apenas para minha cópia de Orgulho e Preconceito.

O meu trabalho dos sonhos... A função perfeita para mim... O Mr. Darcy dos empregos... E agora ele é meu.

Volto para a minha sala - que não será a minha sala por muito tempo mais, já que amanhã estou de mudança para o andar onde ficam os outros “Cs”. CCO, CMO... e euuuuuu! Vou ter até uma equipe, uma secretária e um... BANHEIRO.

Vai, Ceci!

Aproveito para enviar um e-mail muito alegre para a minha antiga empresa, avisando que não seguirei trabalhando como

consultora para eles. Depois, fico mais três horas trabalhando em alguns últimos detalhes do contrato, com algumas informações adicionais que chegaram após a tal reunião do conselho, e quando dou por mim, já são mais de onze da noite. O que significa que o metrô já está quase fechando. Droga! Vou ter que andar até em casa, ou pegar um táxi. Acho que andar é a melhor opção. Até eu receber meu primeiro salário, preciso continuar vivendo a minha vida paulistana de sempre.

Apago a minha luz e vou em direção ao elevador, tentando me controlar para não sair saltitando pelo corredor, de tanta alegria por esse dia maravilhoso que eu tive. Tirando os momentos confusos que passei com Pomps, claro. Se bem que se não fosse por Henrique, eu não teria todo o resto.

Será que minhas primeiras impressões sobre ele estavam tão erradas assim?

Bom, as minhas primeiras impressões sobre André estavam bem erradas.

Vai saber...

Aperto o botão para chamar o elevador e sorte que ele não demora para chegar, porque esse lugar vazio é bem assustador. Acho que não tem mais ninguém no prédio todo... Me apresso pelo saguão de entrada, ansiosa para sair logo, mas a porta principal está trancada. Tento todas as outras, mas estão fechadas também.

“Esqueceram de Mim” - versão corporativa.

Procuro por algum segurança, mas não vejo nenhum ali. Então, decido subir para procurar alguém nos outros andares. Todos os elevadores estão no térreo, só o da presidência está no andar dele, então pode ser que o vigia tenha subido para checar alguma coisa, ou para tirar um cochilo naquele sofá fofinho que tem na sala do chefe.

Eu digito o código que vi Pomps digitar mais cedo e acerto de primeira. Olha só, já posso ser uma espiã! O toque avisando que o elevador chegou no térreo faz um barulho tão alto que quase parece uma sirene ecoando por todo o mármore, me fazendo pular de susto e parar de divagar.

Credo! Preciso sair daqui *logo*.

Eu me apresso a entrar e vou contando os andares, até chegar na cobertura. Quando desço na presidência, também não encontro uma alma viva à vista. Espero que não encontre nenhuma alma morta também, só para deixar claro.

- Olá? Tem alguém aqui? - Chamo alto.

Ouçó uma movimentação e uma sombra grande começa a aparecer no corredor. Me encolho um pouco, pensando que talvez não tenha sido uma ideia tão boa anunciar a minha presença quando estou sozinha numa empresa vazia.

Se eu morrer, deixo registrado que todo o meu patrimônio vai para a Pixinguinha.

- Cecília? O que está fazendo aqui ainda?

Voz rouca! Isso!

É só o Pomps, não o tarado da machadinha.

Usando a mesma roupa de hoje cedo, parecendo cansado, mas ainda impecável. Nenhum fio de cabelo fora do lugar, até a gravata está perfeitamente alinhada e amarrada. Se a empresa fosse minha, se eu fosse homem e ficasse trabalhando até esse horário, já

estaria descalça e sem camisa. No mínimo!

- Eu perdi a noção do tempo e, quando tentei ir embora, descobri que todas as portas já estavam trancadas. Então, vi que o elevador estava aqui e achei que poderia encontrar algum segurança para me liberar.

- Ah. As portas são trancadas às dez da noite. Depois disso, só é possível sair pela garagem.

- Eu não fazia ideia. Desculpe por invadir assim.

- Não tem problema. Eu posso te dar uma carona até em casa?

- Não é necessário. - Balanço a cabeça decidida.

Tudo que eu não preciso hoje é ficar MAIS sozinha com Henrique.

- Eu já estava indo embora de qualquer forma e o Netherfield fica bem no meu caminho.

- Você mora por ali?!

- Estou ficando hospedado no Tryp.

- Você não tem uma casa? - Faço uma careta.

- Não aqui em São Paulo.

- E por que não fica com André?

- Porque eu gosto de silêncio. - Dá de ombros.

- Não posso dizer que não te invejo. - E como invejo... -

Vamos então?

- Deixa só eu pegar minhas coisas.

Ele desaparece pelo corredor e eu acabo reparando em como a calça abraça bem o seu traseiro firme de quem corre todo dia. Ótimo, agora estou secando a poupança do Pomps. Pior! Estou secando a poupança DO MEU CHEFE!

Viro de costas e finjo estar analisando um quadro abstrato que há no hall, até ouvir os seus sapatos com sola de madeira fazendo barulho contra o mármore, indicando sua aproximação.

- Pronta?

- Pronta.

Eu digito o código e ele me dá um olhar sério, mas não fala nada. Poxa! Deixei que soubesse que eu vi sua senha, para ele mudar se quiser. Fui honesta, oras. Mereço pontos. Ou, quem sabe,

um zero a mais no meu salário astronômico.

Henrique indica que eu entre primeiro e aquele silêncio familiar cai entre nós.

- Acho que agora é sua vez. - Ele diz, se encostando na parede de metal.

- De puxar assuntos sobre os quais nenhum de nós quer falar?

- Exatamente.

- Muito bem.

Eu penso por alguns segundos... Poderia perguntar o que rolou com Guilherme, mas acho que agora não seria um *timing* muito bom. Não justo no dia em que ele me deu a maior promoção de todas e mudou a minha vida.

- Comida preferida?

- Clichê.

- Signo?

- Não faço a menor ideia.

- Dia ou noite?

- Noite. Porque, na verdade, eu sou um vampiro.
- Praia ou cidade?
- Campo.
- Se pudesse trocar de lugar com qualquer pessoa viva ou morta, quem seria?
- Por que eu iria querer trocar de lugar com alguém?

Descemos na garagem e eu tento segurar uma risada. Droga, eu não esperava conhecer esse lado divertido dele. Suas respostas foram perfeitas!

O único carro no estacionamento é o seu sedã preto chique. Ele se apressa a abrir a porta para mim e eu agradeço com um aceno de cabeça. O interior tem o seu cheiro, mas muito mais concentrado, o que faz com que eu dê um gemido de sofrimento involuntário.

Homens cheirosos são golpe baixo.

Eu o vejo tirar seu paletó e jogar no banco de trás antes de entrar com a sua elegância natural. Então, tira alguns segundos para dobrar as mangas da camisa, exibindo seus antebraços musculosos

para quem quiser ver.

É oficial.

Eu estou atraída pelo Pomps.

Ele dá partida e manobra para fora do estacionamento, sem se intimidar pela minha inspeção descarada. Acho que já está acostumado em receber atenção feminina, afinal. Saímos nas ruas desertas de São Paulo e eu me obrigo a olhar para fora do carro, antes que comece a babar no assento de couro.

Sempre acho engraçado quando vejo minha cidade assim - nem parece a mesma que nós vemos durante o dia. Quase parece um lugar normal...

Mal viramos a primeira esquina e meu estômago ronca alto, parecendo um trovão no meio na noite. Ah, é! Esqueci daquele pequeno detalhe chamado *comida*.

- Isso foi... - Henrique pergunta, me olhando assustado.

- Minha barriga?! Sim.

- Cecília, quando foi a última vez que você comeu?

- Ahn... - Tento lembrar. - Comi um sanduíche no almoço.

- Você sabe que nós temos um refeitório na empresa aberto das 8h às 20h, certo?

- Eu me distraí com os contratos. - Cruzo os braços. - Qual é a sua desculpa?

- Como sabe que eu não comi?

- Eu não sabia, mas você acabou de confirmar.

- Vocês, advogados, são impossíveis. - Balança a cabeça, mas há outro início de sorriso brincando no canto da sua boca. - Então, McDonald's da Avenida Angélica? Acho que é só o que vamos encontrar aberto.

- Acho ótimo. Podemos passar no drive-thru, porque eu esqueci minhas sapatilhas na Alme e não consigo dar mais nenhum passo com esses saltos.

A verdade é que eu só quero uma desculpa para encerrar essa noite o mais rápido possível, comer a minha dose de gordura no aconchego da minha cama e assistir a alguma coisa bem bobinha na Netflix.

- Tudo bem.

Pomps manobra pela entrada e a atendente fica momentaneamente chocada quando olha para ele. Sério?! O tempo todo assim?! Ninguém merece.

- Boa noite. Nós vamos querer um Big Mac...

- Dois. - Interrompo.

- Um com suco de laranja...

- E o outro também. - Completo. - Ah. E quero nuggets no lugar das batatas.

Henrique me olha assustado. - Sim, para mim também.

- Tudo deu R\$ 51,80. - Ela fala olhando direto para ele e me ignorando completamente.

Mais uma vez tira seu cartão preto da carteira e paga por tudo, antes mesmo que eu consiga abrir a minha bolsa. *Exibido... Tão exibido...* Passamos para a próxima janela, aguardando nosso pedido, e ele se vira no banco para me encarar.

- Por que você pediu o mesmo que eu pedi?

- Eu não pedi o mesmo que você. Eu pedi Big Mac porque tem pickles e pickles é maravilhoso. E eu não tomo refrigerante, por

isso o suco de laranja. Foi você quem copiou os meus nuggets.

- Hey. Nuggets tem gosto de infância! - Se defende. - E, para que conste nos autos das evidências, estamos falando de uma quantidade menor de fritura, se compararmos a um pacote de batatas.

- Você falou muito como um advogado agora. Também estudou Direito, nas horas vagas da Literatura Inglesa?

- Não se preocupe, você é a única advogada do conglomerado Alme.

- Então, já soube que eu aceitei a proposta?

- Eu sou o CEO, Cecília. Eu preciso saber de tudo.

- Você é um CEO de multinacional que come McDonald's e toma chocolate quente... - Balanço a cabeça. - Sabe que isso não combina nada, não é?!

- Ninguém é uma coisa só. Você é uma advogada implacável e que assusta toda a minha equipe, mas nas horas vagas compra livros de romances para senhoras idosas.

Touché.

- Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

- Dois pesos e duas medidas, claro. Igual ao fato de você ter toda essa coisa de “fique longe”, mas adorar dar sua opinião sobre tudo.

- Gosto de dar a minha opinião *apenas* quando ela não é solicitada.

Dessa vez ele sorri de verdade, mostrando uma fileira de dentes brancos perfeitos e fazendo seu rosto mudar completamente. Quase como se ganhasse vida e virasse humano, ao invés de ser o vampiro de sempre.

- Prontinho. Tudo aqui. - Um atendente diferente aparece na janela, desviando nossa atenção, para a minha sorte.

Sorrisos podem ser perigosos.

Duas sacolas de lanche e uma bandeja de bebidas depois, ele manobra pelo caminho indicado, mas ao invés de sair para a rua, vira e entra no estacionamento. Acho que não compartilhamos dos mesmos planos de comermos cada um nas nossas próprias casas. Separados. Sozinhos. Em silêncio. Com espaço pessoal.

- Se importa se eu ligar o rádio enquanto comemos?!

- Vá em frente.

Já que vamos comer aqui, que tenha um som ambiente pelo menos.

O rádio do carro começa a tocar uma velha canção de rock clássico e eu relaxo contra o banco. Tudo fica melhor com música, é o que eu sempre digo. Até Pimps! Pode ser um idiota arrogante, mas é um idiota arrogante com bom gosto musical.

- Você quer o lanche ou o nuggets primeiro? - Pergunto abrindo os pacotes e sentindo o cheiro bom de fritura.

- Nuggets. - Ele responde e passo a caixinha, pegando também a minha para acompanhá-lo. - Nuggets precisam ser consumidos quentes, para serem devidamente apreciados.

- Acho que nunca concordei tanto com você. - Reviro os olhos. - Você recebeu a proposta que aquela empresa de tecnologia enviou? Não estou confortável com a parte que diz...

Passamos os próximos minutos falando sobre a nova aquisição que pretende fazer. Ele não liga de comermos no seu

carro - o que eu acho quase um milagre quando se trata de homens. Eduardo não deixava nem eu entrar de sapatos no seu SUV!

- Porque a situação financeira deles está bem problemática e não pretendo ficar com as ações de... - Ouvimos um estalo alto ao longe, talvez um estouro de escapamento de moto e nós dois nos assustamos.

A mão dele que estava segurando o suco escorrega com o susto e vejo o desastre iminente acontecendo em câmera lenta. Eu tento intervir para salvar o dia, me inclino para o seu lado e nós dois pegamos o copo ao mesmo tempo.

O problema é que acabamos cara a cara. Nariz a nariz.

Meus sintomas de “Pomposite” começam a surgir com força total. Meu coração se acelera, meu estômago se revira e eu sinto aquela estranha química fluindo entre nós... Ficamos nos encarando, a música tocando baixinho no fundo e nenhum de nós se mexe, ou se afasta.

Eu quero beijá-lo.

Quero muito beijá-lo.

Caramba, eu quero subir no seu colo e passar as mãos por todo o seu corpo, enquanto o beijo.

E, por isso, eu preciso sair daqui o mais rápido possível. Eu quebro o nosso contato visual e me afasto o máximo que o banco permite, quase me colando na porta.

- Acho melhor eu ir embora.

- Sim, tem razão. - Ele limpa a garganta e se afasta também, apoiando o copo no painel e dando partida no carro.

Seguimos o curto caminho até o Netherfield em um silêncio completo e desconfortável. Silêncio externo, porque internamente estou gritando muito comigo mesma. Henri para na entrada do estacionamento e fica todo tenso, com as mãos no volante.

- Cecília, preciso que esteja na Alme amanhã às sete. O dono da empresa de tecnologia virá para uma reunião às oito e quero que faça um resumo para o conselho antes que ele chegue. - Pomps comunica sem me olhar, seu tom arrogante de volta com força total.

- Isso é daqui sete horas.

- Algum problema? - Se vira e faz aquele negócio de erguer a sobrancelha para mim.

- Nenhum. Nenhum problema.

Começo a reunir o nosso lixo com um pouco mais de fúria do que o necessário.

- Eu posso ver que você tem um problema com isso.

- Então, por que perguntou?!

Jogo o saco de volta no chão, olhando para ele sem paciência. O negócio é rasgar o verbo, para não correr o risco de rasgar o sujeito. Ainda mais quando o sujeito é seu chefe.

- Porque você deveria ser sincera comigo.

- E você deveria perceber sozinho que eu tenho um problema com isso, porque é ABSURDO. Sem contar o seu jeito de falar. Você poderia simplesmente dizer “Sei que está em cima da hora, mas acha que poderia me acompanhar numa reunião amanhã cedo, por favor?!”. Um pouco de educação nunca matou ninguém!

- Não somos amigos decidindo um cinema. - Volta a chegar perto de mim, me deixando ainda mais brava. - Eu sou o seu *chefe*.

Cutuco seu peito com força. - Você é um arrogante, isso sim.

- Por dizer que sou seu chefe? Essa é a mais pura e simples verdade.

- Ah, por favor. Você está só se gabando.

- E você é *impossível*. - Parece completamente exasperado.

- E você é um idiota pomposo arrogante!

- E você é...

Antes que ele consiga terminar sua frase, eu acabo com o espaço entre nós e calo sua boca com um beijo, terminando com a discussão da melhor forma que encontro.

Seus lábios são macios e quentes, suas mãos sobem para o meu cabelo, me prendendo contra ele e aprofundando nosso contato. Minha pele se arrepia e meu cérebro se apaga. Tudo que eu consigo me concentrar é em como seu gosto é bom, em como seu cheiro é bom, em como ter suas mãos em mim é bom. Sua língua é determinada e exigente contra a minha e, sem perceber, me vejo completamente rendida nos seus braços.

Melhor. Beijo. Da. Minha. Vida.

Só nos afastamos quando o ar acaba e eu descanso a minha testa na sua, esperando minha alma voltar ao corpo. Aos poucos recobro a minha consciência e a ficha do que acabamos de fazer vai caindo...

Oh, céus.

Eu beijei o Pomps.

- Henrique, me desculpa. - Eu me afasto dele, balançando a cabeça. - Mil desculpas, não sei o que deu em mim e...

- Tudo bem. Eu também participei.

Ele continua no lugar e descansa para trás no banco, parecendo muito mais tranquilo do que eu. Não blindado e composto como antes, apenas... tranquilo. Como se o que nós acabamos de fazer não o tivesse deixado totalmente aterrorizado, como eu estou.

- Foi um erro. - Digo convicta e espero ele concordar, mas Henri parece pensar por alguns segundos.

- Eu diria que fomos levados pelo calor do momento. - É só

o que responde.

- Sim, nós fomos. E agora vou pegar o lixo, descer do carro e fingir que isso nunca aconteceu. Boa noite. - Desço com o máximo de dignidade que me restou, mantendo o queixo erguido.

- Hey, Cecília. - Ele chama antes que eu feche a porta.

Eu me viro para trás, o encontrando muito mais perto do que esperava, atingida mais uma vez pelos seus lindos olhos azuis.

- Sete horas amanhã.



CAPÍTULO 11

Seis e meia da manhã.

Nem o sol nasceu ainda!

E eu já estou entrando na Alme.

O segurança da portaria me cumprimenta sonolento, erguendo seu copo de café como se me fizesse um brinde. Claro, um brinde à nossa triste situação de assalariados que fazem de tudo para garantir o salário no fim do mês. Quer dizer, quase tudo. Ainda não estou disposta a fazer coisas ilegais.

Ainda.

Depois de dormir quatro horas apenas, meu humor está um desastre. Sinto que poderia rosnar para Henrique, ou coisa pior, se ele aparecesse na minha frente agora. Isso depois que eu me escondesse embaixo da mesa mais próxima, porque lembraria do que aconteceu ontem e iria querer desaparecer em uma nuvem de poeira.

Eu beijei o meu chefe *na boca*.

E não posso culpar a ninguém, além de mim, por isso.

Acredite, eu tentei procurar alguma desculpa. Mercúrio retrógrado, epidemia de pólen alucinógeno, suco de laranja adulterado no McDonald's... Mas não. A verdade é que eu estou atraída por Henrique, ao mesmo tempo em que tenho vontade de matá-lo.

Uma vez, li que a pessoa que a gente menos quer por perto, pode ser exatamente a pessoa que a gente mais precisa. Eu me sinto exatamente assim. Metade de mim quer que ele desapareça, a outra metade sente uma necessidade quase inconsciente de estar perto dele, de tocá-lo, de saber mais sobre a sua vida...

Eu entro no elevador, tomando cuidado de não olhar para o lado do elevador da presidência. Não quero nem saber se Pomps já chegou. Ao invés de ir para o 13º andar, vou para o 25º: o andar onde os “Cs” ficam. Porque agora eu sou um “C” também.

Yay!

Checo meu e-mail novamente, vendo o número da sala que

o RH designou para mim: 208. Vou procurando pelas portas, até que chego na minha. Respiro fundo e abro de uma vez, fazendo questão de entrar com o pé direito. Ela tem o triplo do tamanho da anterior, com grandes janelas como a sala de Henrique, uma escrivaninha gigantesca de madeira escura e UM BANHEIRO! Uma prateleira vazia numa das paredes - que em breve abrigará todos os meus livros - duas poltronas macias e um tapete fofo. Não resisto e chuto minhas sapatilhas para longe, pisando nele e sentindo meus pés afundarem.

Ah, que delícia!

Acabo sentando ali mesmo e separando os papéis que preciso, enquanto checo a minha agenda. Quando dá sete horas em ponto, eu volto a calçar meus sapatos, pronta para marchar até a presidência e começar o meu dia.

Se Henrique tiver o mínimo de compaixão, vai fingir que a noite de ontem nunca aconteceu. Pomps não parece do tipo que adoraria me torturar por um “assunto pessoal” como esse, ele faz mais o tipo cavalheiro, pensando bem. Vou me apegar a essa ideia,

porque só ela para me ajudar a manter a sanidade.

Deixo o elevador de lado e subo de escada o único andar que nos separa. Eu bato na porta e abro em seguida, como Cris me instruiu. O problema é que assim que coloco os olhos dentro da sala, dou de cara com Henrique usando apenas a calça do terno. *E aberta ainda!* Um peitoral largo cheio de pelos escuros, uma barriga lisa com oblíquos se destacando de cada lado, braços fortes na medida certa e a beirada de uma cueca preta espreitando pelo cós.

Toda aquela sua corrida dá resultados, tenho de admitir.

- Bom dia, Cecília.

Não parece nada abalado pela minha interrupção. Continua secando seu cabelo com a toalha na mão, fazendo todos os músculos se flexionarem e se exibirem para mim.

- Bom dia. - Suspiro e decido fingir que também não estou abalada.

Ando decidida até uma das poltronas e sento ali com toda a dignidade que consigo reunir, apoiando meus papéis no colo.

- Podemos começar antes do conselho chegar. Faça um resumo para mim sobre o que achou da proposta deles.

Ele espera que eu consiga falar sobre negócios quando está na minha frente só de calça?! E uma calça que poderia escorregar a qualquer momento ainda?! Caramba, isso que é teste de fogo.

Começo a tagarelar sem parar, enquanto mantenho meus olhos fixos nele, que continua sua rotina de se preparar para o dia. Me sinto uma *voyeur* invadindo seu espaço pessoal, compartilhando um momento de intimidade que ninguém deveria ver.

Eu o observo acabar de secar o cabelo, andar até o espelho que fica na parede acima de um aparador e arrumá-lo com os dedos para o lado. Então, caminha até uma das portas que eu descubro ser um armário, tirando de lá uma camisa branca perfeitamente passada. Ele a veste pelos braços e começa a abotoá-la com seus dedos bonitos, ao mesmo tempo em que presta atenção em mim. Depois, enfia o tecido por dentro da calça e começa a ajeitá-lo, me fazendo engasgar sozinha com esse *striptease* ao contrário.

O próximo passo são as meias. Ele anda descalço até a poltrona ao meu lado, se senta e começa a calçá-las. Não faço ideia do porquê estou achando isso tão fascinante, mas ainda assim é fascinante. Para terminar, repete o processo e se abaixa para calçar os sapatos pretos. E não, ele não tem o pé feio.

Droga.

- Certo. E quanto às projeções de mercado? - Ele pergunta.

Eu estava falando sobre o que mesmo?!

Ah, certo.

- Só um instante.

Começo a procurar entre as páginas, enquanto ele se levanta e se enfia mais uma vez no seu armário.

- Qual você prefere?

Ergo o rosto e vejo Pomps me mostrando duas gravatas, uma vinho e uma azul-claro. A azul tem a cor dos seus olhos e eu imagino que vá combinar bem com o pacote todo. Então, só tenho uma opção:

- A vinho.

- Certo. - Ele começa a fazer um nó complicado e acaba em questão de segundos, mesmo sem se olhar no espelho. - Estamos combinando.

Só então lembro que hoje escolhi uma camisa cor-de-vinho também, para combinar com as minhas calças pretas. *Ah, que lindo.* Somos um belo par de vasos.

Ele se senta ao meu lado e vejo que uma parte da sua gola ficou levantada atrás do colarinho. Eu me inclino na sua direção e arrumo o tecido no lugar, ignorando mais essa dose de intimidade. Também decido ignorar a forma como a sua pele ficou arrepiada, quando meus dedos encostaram ali sem querer.

Volto a me afastar e entrego a folha com a informação que pediu. Ele passa os olhos por ali e vejo que não gosta de algo.

- Quero comparar esse com o contrato de outra empresa de tecnologia que compramos alguns anos atrás. Pode vir comigo ao arquivo, por favor?

- Claro.

Qualquer coisa para sair dessa sala que tem o seu cheiro

concentrado.

Antes de sairmos, ele veste o paletó, porque Deus nos livre de alguém vê-lo sem o seu traje formal completo. Abro a porta e vou chamar o elevador, aproveitando para sanar minha curiosidade de saber se ele mudou a senha, ou não...

Não.

Olha só quem confia em mim!

Ele entra e aperta o botão para o subsolo. Mais de vinte andares... Essa será uma longa viagem.

- Sem perguntas hoje?

- Sem perguntas. - Respondo.

Quanto menos contato a gente tiver, melhor.

Ao chegarmos, Henrique digita uma senha na trava eletrônica e segura a porta aberta para mim. A sala do arquivo mais parece um calabouço: um pequeno lugar sem janelas e com todas as paredes cobertas por estantes com caixas. Para terminar, uma única mesa no centro, que deve servir de apoio e uma cadeira solitária no canto. Pomps começa a procurar pelas pastas, de costas

para mim, e eu tento me concentrar na parte do trabalho para variar um pouco.

- Aproveitando que estamos aqui, pegue o da Gablehouse também? Quero dar uma olhada em como fizeram da última vez e... - As luzes se apagam do nada, deixando nós dois no escuro completo. - AH! O que aconteceu?! Não fui eu!

- Deve ter acabado a energia do prédio. - Henrique fala baixinho de algum lugar na minha frente, sua voz soando preocupada.

- Nós conseguimos sair mesmo assim, certo?

- A fechadura eletrônica entra em modo de emergência quando isso acontece e não pode ser destrancada, nem por dentro e nem por fora.

- Mas o gerador logo deve assumir, não? - Minha voz é quase desesperada agora.

- O gerador só é acionado caso a queda de luz dure mais de meia hora.

- Claro.

Porque desgraça pouca é bobagem.

Vou tateando até alcançar a parede lisa do fundo da sala e me sento no chão, esticando as pernas na minha frente, conformada com o meu triste destino.

- Você também não está com o seu celular, não é? -
Pergunto com um último fiapo de esperança, imaginando o meu lá dentro da minha bolsa, dentro da minha sala perfeita, tão distante de mim...

- Não. Não achei que fosse precisar dele aqui. Além disso, se não percebeu, ainda estava me vestindo quando você chegou.

Acredite.

Eu percebi.

Ouçó seus passos andando devagar até onde estou e sinto seu grande corpo se sentando ao meu lado. O cheiro do seu perfume bom invade meu nariz - aquele mesmo cheiro que fica impregnado em mim ao fim de cada dia. Só mais uma forma de tortura, nada demais.

- Bom, só nos resta esperar. - Sua voz rouca chega até mim

e eu fecho os olhos, mesmo estando no escuro.

- Só nos resta esperar.

“Trancada em uma sala” não era bem o que tinha pensado para o meu plano de “quanto menos contato melhor”. O silêncio passa a me incomodar depois de alguns minutos, porque minha mente pervertida começa a pensar em uma dúzia de cenários impróprios envolvendo escuro e a boxer que vi mais cedo.

- Então, o que vai fazer de bom no final de semana? -
Pergunto para tentar puxar um assunto neutro e me impedir de ficar pensando besteiras.

- Agora voltamos a conversar? - Ele provoca.

- Acho que não temos muita escolha.

- Tem razão. Bom, eu vou trabalhar no final de semana. -
Sabia que responderia isso. Tudo que tem de gostoso, tem de *workaholic*. - E você?

- Vou ao noivado da Gabriela, numa fazenda no interior.
Recanto das Aves, se não estou enganada.

- Eu conheço. É um lindo lugar. - Sua voz está um

pouquinho mais suave do que o normal e eu volto a me encostar na parede, nossos braços se resvalando de leve. - Me conte um pouco mais sobre você, já que estamos presos aqui.

- O que quer saber?

- Qual foi o último livro que leu?

Ainda bem que ele não consegue ver o quanto estou corando nesse momento. Tinha que perguntar justo isso?!

- Ahn... Se chama “Redenção de um Cafajeste”.

- É um romance?

- Nós chamamos de romance *hot*.

- Tipo “Cinquenta Tons de Cinza”?

Ai, caramba.

- Mais ou menos. Não rola BDSM, mas é erótico.

- Você gosta desse tipo de livro?

Esse é um dos poucos momentos da minha vida em que eu preferia não optar pela honestidade, mas vamos lá. - Sim.

- E eles são explícitos mesmo?

- Sim, bem explícitos. Descrevem de um jeito que você

consegue imaginar a cena com perfeição, imagina as sensações, imagina como seria estar no lugar da garota e... e isso é meio impróprio. Desculpa, não sei o que anda acontecendo comigo ultimamente.

- Não sei você, mas eu tenho a impressão de que o mundo decidiu virar de pernas para o ar.

- Não poderia concordar mais. - Eu suspiro. - Por que não me conta alguma coisa que você saiba sobre mim, ao invés de eu contar?! Acho que seria mais seguro. - Peço em tom de brincadeira, para tentar mudar o clima meio intenso que está brotando entre nós.

- Vamos ver... - Faz uma pausa. - Eu sei que você prefere ficar com o cabelo preso. Seu cabelo solto parece te irritar. Sei que quando está muito concentrada em algo, discute sozinha, franze o nariz e morde a tampa da caneta. Sei que pode tagarelar sobre contratos mesmo que sua mente esteja em outra coisa, porque você os conhece tão bem que chega a decorá-los. Sei que nunca tem medo de dizer o que pensa. Sei que é a pessoa mais corajosa que já conheci e...

Eu busco pelo seu rosto com as minhas mãos e colo nossas bocas com urgência, precisando interromper seu discurso. ODEIO quando ele é fofo. ODEIO. Odeio mais ainda como meu corpo reage ao seu... Henrique retribui meu ataque segurando o meu rosto com uma mão, a outra se enrolando no meu rabo de cavalo e me puxando para mais perto. Sua língua invade a minha boca exigindo cada espaço e despertando um frenesi louco dentro de mim.

Subo em cima das suas pernas e me sento nas suas coxas, aumentando nosso contato, tentando aplacar uma fome que eu nem sei de onde veio. Minhas unhas arranham o seu pescoço, enquanto ele me puxa com mais força, descendo sua boca para o meu colo e deixando um rastro de mordidas por onde passa. *Henrique tem um lado selvagem...* Gosto!

Suas mãos mudam para a minha bunda e ele me esfrega de encontro ao seu volume impressionante, me fazendo ofegar alto. - *Cecília...* - Ele geme contra a minha pele, lambendo desde a base do meu pescoço, até a minha orelha, pegando o lóbulo entre os seus dentes com força.

- Sim, por favor...

Meu sussurro parece funcionar como um combustível que acaba incendiando tudo de uma vez. Fica em pé comigo no colo e me coloca em cima da mesa, derrubando a cadeira que estava no nosso caminho. Eu tateio o seu peito e o puxo pela gravata de volta para mim, mordendo seu lábio grosso, ao mesmo tempo em que ele tira seu paletó e joga no chão. Nossas mãos estão em toda parte. Nossos toques são desajeitados, desesperados, cheios de paixão e urgência.

- Mais...

Imploro contra a sua boca e ele me empurra para deitar na mesa sem delicadeza nenhuma, do jeito que eu gosto. Separa as minhas pernas e me puxa para ficar com o quadril bem na beirada do tampo. Então, se abaixa e passa o nariz pelo tecido da minha calça, como se quisesse sentir o meu cheiro.

A luz escolhe justo esse exato momento para voltar e eu consigo ver o sorriso de luxúria pura que tomou conta do seu belo rosto. Depois desse sorriso?! Nada mais me importa no mundo. Ele

inclina seu grande corpo por cima de mim e abre a minha camisa apenas o suficiente para exhibir meu bonito sutiã de renda preta.

- Eu sonhei tanto em fazer isso...

- Pode fazer mais, eu não vou reclamar.

Consigo responder ofegante, tentando controlar os meus gemidos e tentando controlar a bagunça que está acontecendo dentro de mim. Suas mãos deslizam pela frente do meu corpo, brincando com o botão da minha calça. *Isso, aí mesmo.* Já estou imaginando como será ter os seus dedos dentro de mim, mas assim que ele começa a abaixar o zíper, ouvimos uma batida forte na porta e congelamos no lugar.

- Tem alguém aí?!

Oh, inferno.

- Sou eu, Henrique. - Sua voz consegue soar perfeitamente composta.

- Ah, que bom. Sua secretária está procurando pelo senhor. Disse algo sobre uma reunião que está prestes a começar.

- Avise que eu já vou subir, por favor.

- Ok, senhor.

Ele ainda paira por cima de mim por alguns segundos, antes de descansar sua testa na minha e fechar os olhos. E lá se foi o clima, lá se foi a parte divertida. Agora, vem aquele momento quando descobrimos se o cara é apenas um moleque inconsequente, ou um homem de verdade: como ele age depois que o tesão passa.

Henrique dá um beijo leve na minha bochecha e se levanta, estendendo a mão para me ajudar a sentar. Então, ajeita os meus peitos dentro do sutiã e começa a fechar os botões com cuidado. Antes de abotoar o último, ele dá uma mordida na carne macia dali, fazendo meu corpo voltar a ficar ligado.

Shiu. Aquiete-se.

Para terminar, arruma a minha gola e segura meu rosto com as duas mãos, me olhando como se estivesse vendo a coisa mais incrível que já caminhou pela terra.

- Você está bem? - Pergunta com uma preocupação clara.

- Não. - Respondo com sinceridade.

- Nem eu. - Dá um suspiro profundo e parece relutante em

me soltar. - Está arrependida?

- Eu ainda não sei. - Sincera mais uma vez.

Acho que vou me arrepender mais tarde, quando o lado racional do meu corpo acordar. Agora, só consigo pensar que Henrique me fez sentir todas as coisas que os livros de romance sempre me prometeram e que a vida nunca cumpriu.

Gruda seus lábios nos meus num selinho demorado que tem gosto de promessas não ditas e que acalma toda a inquietação que estava ameaçando surgir dentro de mim, pelo menos por enquanto.

- Eu não estou nem um pouco arrependido. - Ele me puxa para baixo e me ajuda a descer da mesa. - Está tudo no lugar?

Abre os braços para mostrar sua aparência deliciosamente bagunçada. Fico na ponta dos pés e ajeito o seu cabelo, antes de alisar sua gravata e arrumar o nó. - Só falta seu paletó e você estará o CEO perfeito. E quanto a mim?

Ele me analisa mais um pouco, depois me vira de costas, tira o elástico que estava prendendo meu cabelo e começa a trabalhar em um novo rabo de cavalo. Puxa os fios para trás com os

dedos, quase fazendo um cafuné e, de novo, meu corpo fica todo aceso - por mais inocente que seja a carícia. Quando se dá por satisfeito, volta a me virar de frente, fazendo um carinho na minha bochecha.

- Linda.

O homem é bom nisso.

- Escute, Cecília. Eu preciso viajar hoje, depois da reunião. Tenho assuntos urgentes para resolver na filial de Porto Alegre.

- Tudo bem. - Concordo sem saber o que mais dizer.

- Podemos conversar sobre o que acabou de acontecer? - Ele pede.

- A última coisa que eu quero é conversar, Henrique.

- Certo. - Dá um longo suspiro e se afasta, deixando sua mão cair ao longo do corpo. - Vamos então?! - Ele nem espera pela minha resposta, destravando a porta e saindo a passos largos.

Impressão minha, ou eu acabei de magoar o inabalável Henrique Alves de Medeiros?



CAPÍTULO 12

Sábado chega e empresto o carro do seu Osvaldo para sair rumo ao noivado de Gabi. Adoro a sensação de estar na estrada, de ter apenas o horizonte na minha frente, de poder ficar um pouco sozinha, só ouvindo música e relaxando.

Minha semana foi insana. Tudo que eu preciso é de alguns momentos de tranquilidade para conseguir colocar meus pensamentos em ordem. Até consegui deixar o notebook em casa, para ver se desligo meu cérebro um pouco. Dois dias sem pensar na Alme: essa é a meta.

Assim que chego na bonita fazenda da família do Eduardo, sou levada para o quarto de hóspedes por uma Gabriela muito feliz. Acho que nunca vi minha amiga mais feliz. Finalmente encontrei algo que posso admirar em Edu - o fato de ele conseguir fazer Gabs brilhar como se tivesse acabado de ganhar na Mega-Sena.

Mal tenho tempo para tomar um banho rápido, porque ela

me informa que todos irão almoçar numa fazenda vizinha, inclusive eu. Coloco um vestido de verão simples, uma sandália sem salto e prendo meu cabelo em um coque baixo, para conseguir dar conta do calor.

- Não fique intimidada, Ceci. Apesar de serem uma das famílias mais ricas do Brasil, são pessoas muito simples - A mãe de Gabi fala, dando uma boa olhada na minha roupa quando me reúno a todos na porta da casa, antes de sairmos.

Uhum. Claro.

Quando eu penso que me livreii dos almofadinhas, me enfio no meio de mais almofadinhas. E bem no meu dia de folga ainda... Para piorar, na divisão dos lugares nos carros, acabo tendo de ir com Eduardo e Gabriela.

- Ceci. Pode tirar os sapatos, por favor? - Ele pede, assim que eu entro.

Controlo meu suspiro entediado, mas obedeco, descalçando minhas sandálias e plantando um sorriso educado no rosto. *Longo dia pela frente. Bem longo...* Depois de rodarmos por uns quinze

minutos, viramos em uma entrada de tijolos, com grandes portões de ferro com um leão de cada lado. Um caminho de pedras vai ladeando a propriedade até desembocar de frente para uma verdadeira mansão gigantesca.

Estamos enfrentando um nível novo de almofadinhas pomposos dessa vez.

- Uau. - Gabi exclama, deixando Edu todo convencido, enquanto se gaba de como ele sempre passava férias ali e de como sua família é influente.

Somos guiados por uma empregada de uniforme até a parte interna, onde o grande hall se abre numa escadaria de mármore branco, obras de arte brilham penduradas nas paredes em molduras douradas e tudo parece antigo e valioso. De lá, entramos em uma sala de visitas e uma senhora com os cabelos muito brancos, mas ativa como uma rainha, nos recebe. Todos a cumprimentam com um certo respeito e distância e eu consigo entender bem o porquê. A mulher é assustadora!

- E essa é a melhor amiga de Gabriela, Cecília. Ceci, essa é

a senhora Odete Alves.

Só de ouvir esse sobrenome, já tenho arrepios.

- É um prazer conhecê-la. - Eu digo.

Então, um cachorro entra desabalado pela porta do nada, indo direto para um canto da sala e fazendo todas as mulheres darem gritinhos desesperados. Eu o sigo pronta para tentar distraí-lo, enquanto nossa anfitriã grita para que um empregado venha buscá-lo. Tento chamar o vira-lata, mas ele só para quando chega no fim do espaço, onde uma mão se abaixa para fazer um carinho atrás da sua orelha. O sem-vergonha abana o rabo feliz, então só posso supor que achou seu dono.

Ergo o rosto para ver quem é o responsável por aquela bolinha de pelo fujona e quase xingo alto quando me deparo com a cara do desgraçado.

- Henrique?

- Olá, Cecília. Fica, Max. - Ele fica em pé e o cachorro se senta ao seu lado, todo obediente.

- Conhece meu sobrinho? - Odete pergunta, vindo até nós.

- Eu sou advogada na empresa dele, senhora. - Explico virando de costas para Pomps e tentando me recuperar um pouco do choque.

Quer dizer, eu acho que ainda trabalho para ele. Porque não conversamos, ou nos cruzamos desde que saímos daquela bendita sala de arquivo.

- Oh, mas que coincidência.

Ela dá um olhar astuto para o sobrinho e, se ele não fosse um homem de trinta e três anos e 1m86, diria que Henrique estava encrencado. Não sei por que, mas ela parece prestes a colocá-lo de castigo.

- Bom, deixe-me acabar de fazer as apresentações. Essa é minha afilhada, Michele. - Odete mostra uma moça loira que está sentada num canto, parecendo quase invisível. - E esse que está chegando atrasado é outro dos meus sobrinhos, Felipe.

Um rapaz que deve ter seus vinte e poucos anos entra animado, nem se abalando com o que sua tia falou. - Olá para todos!

- Agora que nos conhecemos, vamos comer? O almoço está pronto para ser servido.

Ela indica com as mãos uma porta ao meu lado e eu saio na frente, fugindo deliberadamente de Henrique. Entramos em uma enorme sala com uma mesa de vinte lugares no centro. Poms foi levar o seu cachorro para fora, o que me dá a oportunidade perfeita para tentar me enfiar entre duas pessoas e não acabar sentada ao lado dele.

Fico com essa esperança no meu coração até que chego perto das cadeiras e vejo que há cartões com os nomes dos convidados. Nunca tinha visto isso no mundo real. Claro que acabo sentada justamente ao lado do meu próprio chefinho querido e de Felipe.

Certo. O plano será dar um jeito de falar apenas com o tal Felipe durante o tempo todo.

Assim que eu me sento, Henri entra na sala, seguindo diretamente para onde estou, como se soubesse que seu lugar marcado era ali. Para evitar olhar o idiota, começo a analisar a sala

onde estamos, reparando em um lindo piano brilhante que descansa em um canto.

- Sabe tocar piano, Cecília? - Dona Odete pergunta, percebendo para onde estou olhando.

- Não muito bem. Eu fiz aulas durante muitos anos, mas sempre acabava deixando as professoras doidas com meus improvisos e saraus regados à Metallica.

- Oh, que pena. - Responde impassível, não parecendo nada triste.

Acho que essa coisa de quase não ter expressões faciais está no DNA da família.

- Realmente é uma pena. - Concordo mesmo assim.

- Qual você diria que é seu talento então?

Isso lá é coisa que se pergunte?

E se eu respondesse que o meu talento é o pompoarismo?!

Aí eu queria ver.

- Talento?

- Sim. Todos têm um talento. Michele, por exemplo, é

ótima em desenho e pintura.

A pobre criatura só se abaixa mais, parecendo querer sumir embaixo da mesa, ou se fundir com a sua cadeira.

- Que lindo, Michele. - Tento ser educada, mas ser o alvo das atenções só faz com que a moça core e abaixe ainda mais o rosto.

- Muito lindo. - Odete responde pela garota. - Conte-nos mais sobre você, Cecília. Está casada? Tem filhos?

- Não, senhora. Ainda moro com meus pais.

- E tem mais irmãos?

- Duas irmãs, todas solteiras também.

- Sua mãe deve estar desesperada por netos.

- Seria mais preocupante se qualquer uma de nós desse ouvidos aos desesperos dela. - Respondo em tom de brincadeira, fazendo todos rirem.

Até o Pomps.

- A senhorita é a mais velha das três, eu suponho.

- Sou a do meio.

- E a mais velha ainda não se casou? Qual a sua idade, Cecília?

- Esse é o tipo de pergunta que eu não gosto de responder já faz alguns anos, senhora.

- Vejo por que se tornou advogada. Tem respostas na ponta da língua.

Sorrio e dou um gole na minha taça de água, decidindo encarar isso como um elogio. Mesmo que eu tenha certeza de que não foi um elogio. Para a minha sorte, ela volta sua atenção para Gabriela pelo resto do almoço e Henrique parece feliz em me ignorar também. Eu me distraio com Felipe, que é muito divertido, até que somos chamados de volta para a sala onde estávamos antes.

Alguns empregados nos servem café e chá em xícaras de porcelana com pires combinando e eu me sinto em um romance de época. Daqui a pouco, aposto que os homens serão convidados para uma caçada, enquanto as senhoras irão cuidar dos seus bordados.

- Por que não toca um pouco para nós, Cecília? - Odete pede em um tom que soa como uma verdadeira ordem.

- Perdão, mas acho que estou muito enferrujada. Faz anos que não toco.

- Oh, mas não tem importância. Eu sou uma grande apreciadora de música em todas as suas formas. Aposto que seria ótima pianista, se tivesse tido a oportunidade de aprender. Michele também seria ótima, se sua saúde tivesse permitido.

- Não sou dada a falsas modéstias, realmente acho melhor não. - Eu insisto.

- Toque, Cecília. - Ela não desiste.

- Ceci, Odete está pedindo. - Eduardo me faz uma cara de “não nos envergonhe”.

Gabi me dá um olhar como se implorasse, os pais dela me dão um olhar de repreensão, então não tenho outra opção. Nem tento esconder o meu ar exasperado, enquanto ando até o piano que há nessa sala - menor do que o outro, mas ainda assim impressionante.

Começo a tocar “Clair de Lune” e erro algumas teclas, meus dedos desacostumados com o exercício. Não vão poder dizer

que eu não avisei...

- Juliana sabe tocar, Henri? - Ouço Odete perguntar.

Alguém tem uma tara real pelos talentos alheios.

- Muitíssimo bem.

Juliana, claro.

A perfeita Juliana. Aquela que é mais apropriada para André do que Jana. Aposto que ela toca piano vendada, com as mãos amarradas para trás, enquanto equilibra um coco no nariz.

- Espero que ela continue treinando. Sem treino, as habilidades perdem completamente o sentido.

Ignoro a indireta e tento continuar lembrando das notas. Henrique anda até onde estou, parando ao lado do piano com a sua pose impressionante, e eu preciso redobrar a minha concentração.

- Você veio aqui para me intimidar? Já sabemos que eu não toco tão bem quanto a sua irmã, não me faça piorar as coisas.

- Eu te conheço bem o suficiente para saber que não tenho o poder de te intimidar. Nem se eu quisesse.

- Acho que essa é a coisa mais sábia que já ouvi você dizer.

Felipe vem para junto de nós, nos salvando de ficar sozinhos.

- Estou curioso. Me conte, por favor, como o meu primo se comporta como chefe?

- Tem certeza de que quer saber?

- Eu não espero nada menos do que histórias terríveis, quando o assunto é Henrique Alves de Medeiros.

Ah, mas que ótima fama tem o cara que eu andei beijando por aí.

- No primeiro dia em que apareceu na empresa, depois de um tempo afastado, eu o comparei com o “Diabo Veste Prada”.

- Tão ruim assim?

- Pior do que isso, só a sua participação em eventos sociais. Estive em duas festas em que ele também estava e foi... *intrigante*.

- Deixe-me adivinhar. Ele não falou com ninguém?!

- Eu não conhecia ninguém, além do meu grupo. - Pomps diz em tom de defesa, se pronunciando pela primeira vez.

- Sabia que Henrique é terrivelmente tímido, Ceci?!

- Felipe! Preciso de você. - Odete chama e o moço dá um olhar de desculpa para nós, antes de se afastar em direção à tia.

- Tímido? - Pergunto sem me conter.

- Não tenho a capacidade de conversar facilmente com quem eu não conheço bem.

- Então, sugiro que aceite o conselho da sua tia e *treine*.

Nosso olhar se trava pela primeira vez desde aquela noite e eu prendo a respiração, sendo inundada pelas lembranças da sua boca na minha.

- Cecília, sobre aquele dia...

- Não. - Eu interrompo e balanço a cabeça. - Vamos apenas continuar fingindo que nada aconteceu.

Volto a tocar concentrada, ignorando o meu corpo que está no auge de uma crise de Pomposite. Ele parece pensar no que fazer por alguns minutos, antes de decidir se afastar para junto de Felipe.

Eu o sigo com o olhar, tentando não admirar como ficou bem no terno cinza que escolheu para hoje. Por que tem que ser tão difícil?! POR QUÊ?!

O bom é que a minha música afugentou todo mundo, porque depois de três canções, os pais de Gabriela anunciam que estão prontos para ir. Antes que nós tenhamos que nos despedir, o celular de Henrique toca e ele sai para atender.

Ufa.

A tarde passa sem mais incidentes e logo voltamos para a casa da família de Eduardo. Estou acabando de me arrumar para o jantar de noivado, fechando o meu vestido de noite vermelho, quando ouço uma batida na porta. Abro esperando que seja Gabriela, mas acabo dando de cara com o próprio Pomps em pessoa.

- Henrique?! - Faço uma careta.

- Boa noite, Cecília.

Fico esperando que fale alguma coisa, mas continua quieto, apenas olhando para mim. Então, me lembro dos meus bons modos.

- Ahn. Você quer... entrar?

- Tudo bem.

Ele balança a cabeça parecendo meio perdido por alguns segundos, mas dá três passos para dentro. Sem saber o que fazer, eu fecho a porta atrás de mim. Ficamos parados frente a frente, os dois desconfortáveis.

- Você veio para o noivado? - Tento mais uma vez.

- Não, na verdade tenho outro jantar para ir.

- Ah...

- Mas acho que será uma festa adorável. Acredito que minha tia e meus primos virão.

- Que gentil da parte deles.

Outro silêncio desconfortável e eu mando a boa educação às favas.

- O que está fazendo aqui, Henrique?

- Eu estava andando pela propriedade e achei isso. - Ele estica a mão que estava atrás do corpo e me entrega uma pequena fruta vermelha. - É uma lichia.

- Uma lichia? - A cada segundo que passa, eu entendo menos o que está acontecendo.

- Sim. - Limpa a garganta, antes de continuar. - A lichia tem uma casca grossa por fora, mas é muito doce por dentro. Também é difícil de encontrar, quase uma fruta exótica. Sei que não gosta de flores, mas não disse nada sobre frutas. Também não é exatamente um bilhete, mas queria dizer que... ela me lembrou de você.

Posso estar muito louca, mas acho que isso foi alguma espécie de declaração.

Ele começa a descascá-la com agilidade, como se já tivesse feito isso várias vezes. Então, tira a polpa meio branca, meio transparente, de dentro e coloca na boca, sem nunca deixar de me olhar. Em seguida, ergue uma sobrancelha como se estivesse me desafiando.

E eu nunca fujo de um bom desafio.

Acabo com o espaço entre nós e roubo um pedaço da fruta com a ponta dos dentes, deixando meus lábios resvalarem de leve nos seus. Mordo a polpa doce e um pouco do suco escorre pelo meu queixo. Henri acompanha tudo com os olhos azuis cravados em mim, até que algum instinto primitivo parece despertar nele. Se

abaixa devagar e lambe a minha pele com a ponta da língua, desde o queixo, até a minha boca.

Caramba...

Meu corpo responde ao gesto puramente sensual com uma descarga de excitação direta. Acho que vai me beijar, mas ao invés disso, crava seus dedos na minha cintura e me puxa de encontro ao seu corpo, nos virando e me prendendo contra a parede mais próxima.

Só quando estou completamente rendida, é que ele se abaixa e me beija com desespero. A lichia passa da minha boca para a sua, tornando tudo ainda mais doce, ao mesmo tempo em que nossos corpos decidem se explorar. Eu me esfrego contra os músculos que tanto admirei e que consigo sentir mesmo com o terno, e ele dá um jeito de descer suas mãos para brincarem com a barra do meu vestido. Seus dedos sobem pela minha coxa, levantando junto o tecido, enquanto eu passo a explorar seu pescoço...

Até que um barulho alto de porta batendo faz com que a

gente congele no lugar, seguido pelas vozes de Gabriela e Eduardo que são um verdadeiro banho de água fria. *Sempre interrompidos.* Henrique me dá um olhar perdido por um momento, antes de passar as mãos pelos cabelos, parecendo não saber o que fazer.

- Acho que Gabriela está vindo para cá. - Consigo dizer baixinho.

- Você quer que eu vá embora?!

Sim. Não. Sim. Não.

EU NÃO SEI!

Ele entende a minha hesitação como uma afirmativa e se afasta em direção à porta parecendo magoado mais uma vez.

- Tenha uma boa noite, Cecília. - Fala por cima do seu ombro, antes de abrir e desaparecer no corredor.

Eu corro para fora a tempo de vê-lo descendo as escadas a passos largos...

- Esse saindo do seu quarto era o Henrique? - Gabi pergunta chegando ao meu lado.

Ótimo, ela presenciou toda essa cena.

- O próprio.

- O que ele queria?

A verdade?!

Nem eu sei.



CAPÍTULO 13

- Ele só veio tirar uma dúvida sobre o trabalho. - Balanço a cabeça para a minha amiga, tentando desconversar e organizar meus pensamentos ao mesmo tempo. - E então?! Pronta para ficar noiva oficialmente?

- Sim! - Dá uma voltinha, mostrando o seu look completo para mim. - O que acha?

- Eu acho que você está linda, Gabs.

E está mesmo. Para essa noite, ela escolheu um vestido justo todo de renda branca, sapatos altíssimos e uma maquiagem elaborada em tons de dourado. Com certeza, é a imagem da noiva perfeita e adequada. Seus futuros sogros da alta sociedade não achariam um único fio de cabelo fora do lugar para criticar. Mais uma prova de que ela combina muito mais com Edu, do que eu poderia combinar em dez mil anos.

- Obrigada. - Parece respirar aliviada. - Vamos descer?

Eduardo está esperando a gente lá no hall.

- Vamos fazer de você uma mulher honesta, como diria dona Lina.

Ela ri e enrosca seu braço no meu, nos guiando pelos vários corredores do lugar. Assim que chegamos na parte externa, onde a festa foi montada, aparafuso um sorriso no meu rosto, pronta para deixá-lo ali pelo resto da noite. Faço meu papel de madrinha adequada por horas! Sorrio para os convidados e converso com todos, menos com Odete, porque dessa eu cortei volta mesmo... Aplaudi quando as alianças foram trocadas, fiz um breve discurso charmoso, propus um brinde pela felicidade dos noivos e fiquei completamente desgastada por tanto esforço social. Depois de mais de duas horas sendo nada além de uma borboleta simpática, decido me dar uma folga e encontro uma mesa meio afastada para me sentar e descansar um pouco os pés. Meus sapatos são lindos, o que quer dizer que são completamente assassinos, claro.

- Cecília! - Felipe se joga ao meu lado, sorrindo despreocupado. - Está se divertindo?

Difícil de acreditar que ele compartilhe genes com Odete e com aquele-que-não-deve-ser-nomeado. Parece tão descontraído, tão simples, tão normal... E ELE SABE SORRIR. O pobrezinho deve ser adotado, só pode. Mesmo assim, acho que é meu “Alves” preferido.

- Estou me divertindo muito. E você?

- Também, também. Claro que, no meu caso, a diversão atende pelo nome de “open bar”. - Não disse? Melhor pessoa. - Para ficar melhor, só se a doçura da minha tia não tivesse vindo.

- E o Henrique? Não quis vir com vocês também?

Pergunto como quem não quer nada, tentando arrancar algumas informações sobre o meu chefe. Sabe, aquele que estava me lambendo algumas horas atrás?! Então. Esse mesmo. O cara da lichia.

- O safado conseguiu escapar, porque já tinha um jantar de negócios com algum investidor. Em pleno sábado! - Balança a cabeça. - Henri é um bom cara, pena que trabalha demais.

- Vocês dois são próximos?

Ótimo. Ele físgou a minha isca. Talvez o álcool ajude ainda mais. Abençoado seja esse negócio azul que está bebendo. Parece meio radioativo, de tão brilhante, então não deve ser nada menos que absinto.

Ah, saudade da minha juventude.

- Henri é o meu primo preferido. Ele sempre me ajuda a sair das enrascadas em que eu me enfio. - Dá um sorriso de moleque e eu bem consigo imaginá-lo se metendo em vários problemas.

Só não sei se consigo ver Henrique largando uma reunião do conselho no meio, para acudir um garoto que bebeu demais e precisa de uma carona para casa, ou sei lá.

- Sério? Tem certeza de que estamos falando da mesma pessoa?

- Henrique Alves de Medeiros, o próprio. Pratinho tem a mania de querer salvar o mundo. Um tempo atrás, por exemplo, fiquei sabendo que ele salvou o seu melhor amigo de se meter numa enrascada gigante.

- Não me diga...

Uma sensação ruim começa a escalar pela minha garganta. Espero que Felipe não esteja falando de quem eu acho que está... Ele se inclina mais na minha direção e abaixa a voz, exatamente como dona Lina faz para contar algo que considera uma fofoca classe A.

- O pobre André estava prestes a sofrer um golpe do baú daqueles. A moça nem gostava dele e Camila - Camila é a irmã do André - já estava desesperada. Sorte que Henrique interveio e fez com que o cara recuperasse o juízo. Ainda mandou ele para uma viagem a trabalho em Londres, só para que não tivesse recaídas. Incrível, não acha?!

O que eu acho mesmo é que meu coração nem está batendo mais.

Como sempre faço nos piores momentos, deixo uma risada nervosa escapar.

- Incrível. Tão incrível que é quase difícil de acreditar que ele possa ter feito isso mesmo.

- Não é?! Enfim, vou aproveitar um pouco mais do *open*

bar. Esse negócio que eu não sei o que é está maravilhoso. - Vira todo o resto de uma vez. - Quer que eu te traga alguma coisa?

Uma machadinha, um saco preto, água sanitária e um álibi.

- Não, obrigada. Ainda tenho minha cerveja. - Mostro minha garrafa meio cheia e ele sorri, piscando antes de sair.

Um trovão corta o céu e eu sinto que vai começar a chover a qualquer momento. Ótimo, o tempo vai combinar bem com o meu humor atual. Sem conseguir lidar com o turbilhão de emoções fervilha dentro de mim, faço a única coisa que sei fazer para colocar os pensamentos em ordem: saio para andar. Aproveito que ninguém está prestando atenção em mim e passo por trás dos grandes arbustos que circundam o lugar, contorno pelo jardim e acabo em um grande pasto aberto.

Gotas grossas começam a pingar e eu xingo baixinho. Vou acabar encharcada e doente, tudo por causa daquele idiota do Pomps. IDIOTA. IDIOTA. IDIOTA. Começo a correr, mesmo sabendo que isso só vai fazer com que eu me molhe ainda mais. Depois de alguns minutos, quase congelada de frio, vejo ao longe

um pórtico de pedras, quase como um pergolado abandonado, e corro para me abrigar lá.

Assim que entro no lugar, dou de cara com a razão do meu surto em carne e osso. Tão molhado quanto eu, parecendo preocupado e mais abatido do que eu jamais acharia possível.

- Henrique?!

- Cecília.

Não parece surpreso em me ver, então só posso supor que sabia que eu estaria aqui. Era só o que me faltava... Onde está aquela machadinha, quando a gente mais precisa?!

- Você me *seguiu*?

- Sim. Cheguei na festa e a vi sair correndo para cá. - Seus olhos azuis estão estranhos... - Tentei te chamar, mas você não me ouviu.

- POR QUÊ? - Abro os braços, mais exasperada e confusa do que nunca. - Por que você está aqui?! Por que foi atrás de mim na festa?!

- PORQUE EU NÃO POSSO MAIS! - Ele grita de volta, se

fazendo ouvir por cima da chuva.

- NÃO PODE MAIS O QUÊ, INFERNO?!

Ele dá três passos e para na minha frente com toda a sua altura intimidante, as íris azuis brilhando, a postura clássica totalmente esquecida, a sua expressão impassível se transformando em uma de emoção pura.

- Eu não posso mais ficar longe de você, Cecília. - Sua voz soa como uma confissão, sussurrando baixinho com os olhos cravados em mim.

Ignoro o aperto no meu peito e fecho os olhos.

Não, isso não pode estar acontecendo.

Não agora.

- Olha para mim. - Ele pede, ao invés de ordenar como sempre, e eu acabo obedecendo. Então, acaba com o espaço entre nós e segura o meu rosto com as duas mãos, quase com reverência. Sinto sua pele me queimar, de tão fria que está. - Eu vim para a fazenda da minha tia hoje apenas porque você me disse que estaria nesse noivado. Você me enfeitiçou, Cecília, e não consigo pensar

em mais nada. Você não é como nenhuma mulher que eu já conheci. Contra tudo o que eu esperava, eu quero você.

Calma! Como é que é?!

- Contra tudo o que *esperava*? - Suas palavras doem dentro de mim e eu me afasto, deixando suas mãos caírem.

- Você não pode dizer que nós fomos *exatamente* feitos um para o outro.

- Com certeza, não. - Dou as costas para ele e tento formar alguma pensamento consciente que não envolva machadinhas.

- Saia comigo então. - Ele para atrás de mim. - Dê uma chance para nós. Dê uma chance para a gente se conhecer melhor.

Aí já é demais. Eu não aguento e começo a rir, virando apenas para poder rir bem na sua cara linda e ridícula.

- Está rindo de mim? - Franze o cenho, parecendo ofendido e confuso.

- Estou rindo dos seus absurdos! Eu poderia ignorar a parte do “contra tudo que eu esperava”, eu poderia até ignorar toda a sua superioridade típica, se não fosse pelo que acabei de descobrir.

Separar André e Janaína? Isso foi cruel, Henrique. Você não fez só minha irmã sofrer, como também fez o seu melhor amigo sofrer. Eles estavam apaixonados! - Desabafo com raiva, fazendo com que ele se afaste, balançando a cabeça.

- Eu não nego que influenciei André a...

- COMO PÔDE? COMO. VOCÊ. PÔDE?! - Eu grito, perdendo o resto da calma que restava no momento em que ele confessou.

Céus, eu poderia estrangulá-lo agora com as minhas próprias mãos, não preciso nem da machadinha mais.

- Ah, por favor! Pode dizer que a sua irmã estava tão envolvida quanto ele? Com certeza, não passava essa impressão a ninguém.

- É claro que estava. Janaína é a alma mais bondosa, sensível e incrível que poderia encontrar, mas é muito tímida e reservada. Mal se abre para mim! O que você esperava? Que ela se sentasse na sua cama, trançasse o seu cabelo e abrisse o seu coração? Ficou devastada quando André foi embora. Quando ele

nem teve a decência de se *despedir*.

- Eu não fazia ideia que era assim... - Ele se vira para olhar a chuva que cai, parecendo meio perdido. - Mas André aceitou quando eu sugeri esse plano.

- Porque você o influenciou! Obviamente é inseguro, até eu poderia dizer isso e quase não o conheço.

- Eu só queria o bem dele, Cecília. Isso eu posso te garantir.

- Queria o bem dele e queria salvá-lo de casar com uma pobretona que estava prestes a dar o golpe do baú, não é?! - Alfineto, sem resistir.

- Claro que não. Não sou fútil a esse ponto e nunca pensei isso sobre a sua irmã especificamente, ou sobre você. Mas admito que a atitude da sua mãe, dizendo como esse seria um casamento vantajoso e discutindo reformas no apartamento, não ajudou em nada. Nem o modo como ela e sua irmã se comportavam. Não pode esperar que eu ache ótima a situação de vocês. Nem você acha, ou não teria se tornado uma pessoa tão diferente.

Ainda não posso acreditar que tudo isso está acontecendo.

Sério.

Quer saber?! Agora que começamos, vou lavar toda a roupa suja de uma vez.

- E quanto ao Guilherme? Qual a sua desculpa?

- Está muito interessada em Guilherme, não é?

Sua voz tem uma pontada de ciúmes com a qual eu não estou pronta para lidar agora. Definitivamente, não. Com a raiva eu lido de boa, mas ciúmes vindos de Pomps é demais para o meu cérebro processar.

- Estou interessada em saber como você pôde acabar com a vida dele, mas ainda consegue encostar a cabeça no travesseiro e dormir à noite.

- Ah, sim. Eu o fiz sofrer muito, pobre Guilherme. - Carrega uma dose extra de ironia ao me responder.

- Destruiu a vida dele e ainda o trata com sarcasmo? - Estreito os olhos para encará-lo.

- E você acredita mais nele, que mal conhece, do que em mim. - Agora é sua vez de jogar os braços para cima, como se

estivesse desistindo. - A verdade é que você é muito orgulhosa para admitir que também está atraída por mim.

- Orgulhosa? Olha só quem fala. Desde que eu te conheci, sua excelência real não tem sido nada além de orgulhoso e arrogante com todos ao seu redor. - Pronto. Cheguei ao ápice da minha ira. - Só para deixar claro, se ainda não ficou, você é o último homem da face da terra com quem eu sairia. - Praticamente cuspo as palavras.

- Ótimo. - Seus ombros caem e seus olhos se apagam. - Então, me desculpe por tomar o seu tempo.

Dá as costas e volta para a chuva, me deixando confusa, sozinha, ofegante... e com o coração partido.

Henrique

Eu jogo a minha camisa molhada no chão, chuto os sapatos para longe, tiro a calça e me enfio no chuveiro, deixando a água

quente me esquentar e tentar relaxar os meus músculos tensos...

Não funciona.

Cecília me deixou no limite.

Cecília sempre me deixa no limite.

E pensar que, quando fui atrás dela, tinha esperanças reais de que finalmente fôssemos ficar juntos. Essa é a primeira vez que eu gosto de alguém para valer, a primeira vez que começo a imaginar meu futuro ao lado de outra pessoa, a primeira vez que eu... Ok, acho que já passou da hora de admitir.

Essa é a primeira vez que eu me apaixono... E ela me odeia.

Inferno, isso dói.

Nunca pensei que chegaria a esse ponto. Dormir e acordar pensando em alguém. Ficar me perguntando onde a pessoa está e o que está fazendo. Imaginar que estou tocando sua pele, abraçando seu corpo, beijando sua boca...

Eu apoio os braços no azulejo gelado e penso no que fazer agora. Cecília gosta de mim, eu sei que gosta. E, de certa forma, o fato de ter me dispensado hoje com tanta certeza só me fez gostar

ainda mais dela. Foi uma prova de caráter, de força, de racionalidade.

Ela é uma mulher incrível.

Acho que o próximo passo é contar toda a verdade. Ela merece saber da verdade. Se, ainda assim, decidir que não quer nada comigo, pelo menos saberei que teve outros motivos, além de apenas algumas situações mal explicadas.

E, se isso acontecer, vou dar um jeito superá-la. Ou de tentar, pelo menos.

Alguém deveria avisar para o mundo que gostar de alguém é... acho que não tenho outro jeito de descrever isso sem ser “desesperador”. Você está entregando seus sentimentos na mão de outro ser humano, que pode fazer o que quiser com eles. Não me espanta que os Medeiros sejam conhecidos por demorar para se casar. Achar a pessoa certa já é difícil, mas ninguém te conta que quando você encontra esse “alguém” é que os problemas começam.

Digo com propriedade de causa que construir uma das dez maiores empresas do Brasil foi mais fácil do que lidar com toda

essa bagunça de *sentimentos*.

Desligo minha ducha, enrolo uma toalha no quadril e volto para o quarto, decidido a começar a colocar em prática o meu plano de “conquistar Cecília”. Ou reconquistar, melhor dizendo. Não estou saindo da “estaca 0” aqui, estou saindo da “estaca -37”.

Ligo o meu notebook e abro meu e-mail, procurando pelo endereço dela. Encontro uma das últimas mensagens que me enviou, falando sobre a fusão. Esse chegou exatamente às 05:47 da manhã... mais uma prova de que é tão workaholic quanto eu. Ou não tem conseguido dormir, tanto quanto eu.

Então, abro uma tela em branco e começo a digitar, colocando para fora tudo que a emoção não me permitiu dizer pessoalmente.

De: henrique@alme.com.br

Para: cecilia.oliveira@alme.com.br

Assunto: Eu quero você

Cara Cecília,

Minha intenção aqui não é voltar ao assunto dos sentimentos que tanto a desagradam, não se preocupe. Apenas quero me defender das duas acusações que me fez hoje mais cedo.

Primeiro, com relação a Guilherme.

Meu pai o amava, é verdade. Quando faleceu, deixou em seu testamento que ele teria um cargo vitalício na empresa se desejasse, ou uma quantia em dinheiro para que iniciasse alguma outra carreira. A quantia foi dada, foi feito um depósito em juízo inclusive, já que ele declarou não ter intenção de assumir posto algum na Alme.

Alguns semanas se passaram, ele apareceu pedindo por mais dinheiro e eu dei. Depois de duas semanas, voltou pedindo por mais. Uma semana depois, novamente. Ele perdia tudo no jogo, pelo que minhas fontes me informaram. Eu disse que poderia ajudá-lo a iniciar o seu próprio negócio, mas não daria mais dinheiro vivo para alimentar seu vício. Ele ficou furioso e

desapareceu por algum tempo.

Quando voltou, pediu desculpas e disse que queria voltar a fazer parte da família. Eu e minha irmã o recebemos em nossa casa de braços abertos. No entanto, ele decidiu seduzir Juliana e a fez crer que estava perdidamente apaixonado. Quando ela me contou que os dois tinham planos de se casar, eu deixei bem claro que não daria um tostão a eles. Foi um teste, para saber se ele gostava dela de verdade, ou só estava interessado no seu dinheiro. Assim que soube do que eu havia dito, Guilherme a abandonou sem pensar duas vezes, partindo seu coração e a deixando mergulhada em uma depressão profunda.

A Alme ainda paga pela sua faculdade, ele recebe uma pequena ajuda de custo e instruí que poderia morar em um dos apartamentos que possuo. Por uma ironia do destino, ele escolheu justo a propriedade que tenho no Netherfield. Eu não o deixei desamparado, mas não tenho como fingir que somos amigos.

Acho que essa parte da minha história ajuda a explicar por que sou tão arisco quando o assunto é a relação entre amor,

dinheiro e afeições não correspondidas.

Então, chegamos ao assunto de André e sua irmã. Apesar dos meus motivos não lhes serem suficientes, garanto que tudo foi em favor de um amigo. Um amigo que já teve seu coração partido antes e que tem uma certa tendência a se entregar com facilidade. Não vou negar que tive uma primeira impressão problemática da sua família. Peço desculpas pela minha interferência, mas não posso me desculpar pelas minhas motivações. Eu tenho a vocação para ser superprotetor e me deixei levar por esse sentimento - que pode ser inadequado, mas ainda é nobre.

Estou à sua disposição para esclarecer qualquer outra dúvida que tenha.

Agora não sei como eu assino. Atenciosamente? Cordialmente? Não, não é um e-mail de negócios. O que eu gostaria que ela soubesse... O que poderia deixá-la pensando em mim, mesmo depois de ler...

Certo. Já sei o que preciso dizer.

Com toda a sinceridade.

Com todo o meu coração.

Todo seu.

Henri



CAPÍTULO 14

- Ceci! Que bom que voltou.

Seu Osvaldo me abraça assim que eu abro a porta de casa. Largo a mala no chão e retribuo o seu aperto com força. Por um segundo, eu quase cogito contar tudo para ele, só para ganhar uma palavra de conforto e ouvir que tudo dará certo no final. Mas, como sempre, acabo desistindo e guardo a minha bagunça bem dentro de mim.

- Oi, papai. Como está tudo por aqui? - Consigo perguntar com a voz firme.

Nem acredito que dei um jeito de parar de chorar. Tenho estado praticamente histérica desde que acordei hoje e abri o meu e-mail e encontrei aquela maldita mensagem. Meia dúzia de parágrafos que viraram meu universo do avesso. Se bem que a culpa não foi apenas dos parágrafos. A assinatura também colaborou bastante.

- Sua mãe está melhor, seus nervos se acalmaram um pouco. A boa notícia é que Jana também está de volta e...

Nem espero que ele termine a frase e saio correndo em direção ao nosso quarto, procurando pela minha irmã. Assim que a vejo desfazendo as malas, parecendo bem mais feliz do que quando foi viajar, preciso fazer um grande esforço para não começar a chorar de novo.

- Ceci! Você chegou! - Só então Nana percebe a minha presença e corre para me abraçar com força também.

- Eu estava morrendo de saudade, decidi voltar antes. - Minto na cara dura e me afasto um pouco para analisá-la de cima a baixo. - Olha só! O Rio de Janeiro te fez bem.

- Eu amei a cidade. É tudo tão vivo e colorido. - Seu sorriso se amplia. - Foi uma distração bem-vinda.

- Que bom. Você merecia uns dias de tranquilidade mesmo.

Acho que eu sou a próxima que terá de inventar uma viagem para algum lugar, para tentar reconstruir os caquinhos do coração pisoteado. Não quero ir para o Rio, lá eu corro o risco de

acabar encontrando o próprio “pisoteador”. Acho que, para garantir, iria para algum lugar como Madagascar, ou Ilhas Cayman, ou Triângulo das Bermudas...

- E você? - Ela pergunta. - Quais as novidades?

- Acho que não tenho nenhuma. Foi tudo... tranquilo por aqui.

Tudo menos tranquilo, na verdade.

- E onde está Lulu?

- Parece que foi para praia com alguns amigos. Eu a vi saindo na quinta-feira, se não estou enganada.

- Ah. Bom, me conte tudo sobre o noivado. Quero detalhes!

- Se joga na cama e me encara com expectativa.

- Eu encontrei com o Henrique na fazenda, acredita? -
Conto como se não fosse nada demais.

- Nossa, que coincidência. - Ela engole em seco e desvia o olhar, começando a brincar com a pulseira do seu relógio. - Por acaso seu chefinho falou alguma coisa sobre o André?

Penso um pouco sobre se devo contar a ela...

- Não. Não disse nada.

Não tenho coragem.

Eu vou para o inferno por mentir para a minha irmã, eu sei.

Continuamos falando sobre a sua viagem, sobre os cursos que deu, almoçamos em família e tiramos a tarde para assistir comédias românticas na Netflix. Consigo fingir que nada está acontecendo e ninguém percebe os momentos em que eu mordi o lábio para evitar chorar, até quase arrancar sangue de mim mesma.

A noite, quando já estou na cama prestes a pegar no sono, me permito transbordar. Sinto as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e a dor no peito leva a melhor sobre mim. Um misto de vergonha, com dor, com medo estão explodindo no meu peito. Agora, não me resta nada além de admitir que as minhas primeiras impressões estavam erradas.

Muito erradas...

As duas semanas seguintes passam sem incidentes e sem que Henrique apareça na sua própria empresa. Talvez eu esteja superestimando a minha importância, mas acho que o fato de eu não ter respondido ao seu e-mail possa ter colaborado um pouco para isso.

Tudo bem, pode me odiar.

Eu sei que deveria ter respondido.

Não consegui parar de pensar na nossa história nem por um segundo desde então, mas mesmo assim, não tive coragem de responder. Pomps também não me mandou mais nada... Eu não sei como começar a me desculpar, eu sou uma covarde, eu sou uma boba orgulhosa e mereço esse gelo que estou recebendo.

Agora, eu passo o tempo todo dividida entre querer encontrá-lo pessoalmente, para finalmente ter a chance de me desculpar, e não querer encontrá-lo nunca.

Droga, a ideia de não o ver mais faz com que eu sinta vontade de vomitar.

A verdade é que eu tenho medo.

Medo de Henri não me querer, depois de toda essa confusão.

Medo de ter perdido o que, talvez, seja a melhor coisa que já me aconteceu...

Em um desses dias de “exílio”, eu acabo presa em uma reunião via Skype com a própria razão da minha falta de sono e com o resto dos “Cs” da Alme. Assim que o seu rosto bonito aparece na tela, meu coração dá um salto e eu tenho que controlar uma risada involuntária.

Sempre. Nos. Piores. Momentos.

- Bom dia, senhoras e senhores. - Sua voz rouca ecoa pela sala e dentro do meu peito ao mesmo tempo. - Vamos começar pelo financeiro. Sylvia, como estão aquelas projeções que eu pedi?!

Ele está no seu modo eficiente-workaholic de sempre e eu posso fingir que estou prestando atenção nos “lucros presumidos” para matar um pouco da saudade. Henri exala uma aura de poder tão grande que mesmo quando faz pausas para tomar algo do seu copo da Starbucks, as pessoas continuam com a sua atenção

totalmente presa a ele. O homem domina a sala, ainda que não esteja *fisicamente* na sala.

Eu me pergunto se está tomando chocolate quente...

Eu gostaria de ser esse chocolate quente...

Fico esperando a hora que vai me perguntar sobre o jurídico e os contratos em que estou trabalhando, mas ele não me dirige a palavra em nenhum momento. Pode ser porque estou dando conta de tudo sozinha, mas eu sei que não é por isso mesmo.

Eu o magoei.

Feio.

Tanto que ele nem quer falar SOBRE TRABALHO comigo.

Não sei como não acabei despedida ainda.

Para a minha sorte, quando estou saindo dessa maldita reunião, recebo um e-mail de tia Alice e tio Geraldo me convidando para passar o final de semana com eles em um hotel-fazenda. O pacote era para até três pessoas e os dois lembraram que eu adoro qualquer oportunidade de sair de São Paulo. Ser a única

afilhada dos dois sempre teve suas vantagens...

Claro que eu aceito feliz na mesma hora, precisando mais do que nunca mudar de ares e parar de olhar assustada cada vez que cruzo com alguém nos corredores do Netherfield, ou da Alme, pensando que pode ser Pomps, ou André.

Então, logo cedo no sábado, meus padrinhos passam para me pegar e eu respiro aliviada assim que deixo a cidade para trás. Faço uma promessa para mim mesma de que largarei os meus problemas ali também e tentarei relaxar um pouco nesses dois dias. Quando voltar, eu começo a tomar as providências que preciso sobre os rumos da minha vida perdida.

O hotel em si é lindo e me faz ficar apaixonada assim que entramos. Pequenos chalés privativos, um lago central, muita natureza e muitos lugares para eu ficar andando, lendo e curtindo minha “sofrência”. Não pega nem internet, para a minha alegria.

Depois de deixar nossas coisas no quarto, almoçamos uma comida caseira deliciosa, antes de sairmos para uma trilha pela floresta. Acabamos no pico de um morro, onde ficamos juntos para

esperar pelo pôr-do-sol. Eu ando até beirada, o mais próximo da ponta que é possível, sentindo o vento forte e a força do ambiente ao meu redor. A natureza é algo inspirador, sem dúvidas. Ajuda a colocar nossos problemas em perspectiva.

O que são os homens comparados às montanhas?

No segundo dia, acordamos cedo e decidimos conhecer uma fazenda histórica da região. Meu tio não parava de falar sobre o lugar e sobre o seu lago muito bem abastecido para pescaria. Não era uma atividade que me empolgava particularmente, mas quem sou eu na fila do pão, não é?!

- Como chama essa fazenda? - Pergunto quando vou colocar o endereço no aplicativo de táxis.

- Pember. - Paro de respirar na mesma hora.

Ah, não.

Não, não, não.

Eu já ouvi esse nome antes.

Poderia ser uma coincidência?! Com certeza.

Poderia ser uma coincidência com a sorte que eu ando

tendo?! Nem pensar.

- Por acaso, você sabe quem é o dono desse lugar? -

Pergunto já com medo da resposta.

- Algum figurão cheio da grana. Henrique... alguma coisa. -

Meu tio responde e eu deixo meus ombros caírem desanimados.

Não é uma coincidência.

Claro.

- Alves de Medeiros?!

- Isso mesmo! - Ele sorri feliz. - Como sabia?

- Ah, não. Não vamos lá. - Eu começo a implorar, ficando levemente desesperada.

- Por que não? - Titio franze as sobrancelhas, parecendo confuso.

- Porque... - Porque eu cometi um erro gigante e ainda não tive coragem de me desculpar. - Porque Henrique é o meu chefe.

- Só por isso? Então ele vai ficar feliz em vê-la. - Minha tia tenta argumentar.

Eu duvido.

Duvido muito.

- Não, acho que não vai. Além disso ele é tão... tão...

- Tão...?

Todos os defeitos que eu tanto adorava apontar nele, não fazem mais o menor sentido. Bom, sobrou um.

- Tão rico?

- Ah, Ceci. Não seja esnobe. - Alice me dá tapinhas carinhosos no rosto. - Também duvido que ele esteja lá. Esses homens ocupados não devem ligar para uma fazenda velha. Além disso, é um lugar enorme e garanto que não iriam se cruzar nem se quisessem.

Droga.

Não vou ter escapatória.

- Tudo bem. Vamos para Pember.

Coloco o endereço, chamo o táxi e quinze minutos depois, estou entrando por altos portões duplos de ferro fundido. Assim que tenho uma visão do lugar, começo a rir de nervoso. É gigante e maravilhoso. Uma construção de pedras enorme, ladeada por uma

grama que parece veludo, jardins floridos e até uma fonte na frente. Uma fonte daquelas que jorram água de verdade.

Caramba...

Pomps é muito mais rico do que eu imaginava.

Uma senhora gentil, dona Mercedes, nos recebe na porta e nos encaminha para um hall com um piso todo de mármore e paredes cheias de artes clássicas... Só consigo ficar embasbacada com tudo. Uma primeira impressão impactante, sem dúvidas.

Numa das galerias do tour, Mercedes nos mostra uma pintura do seu patrão feita por Juliana, falando com muito carinho sobre como ele é um homem maravilhoso. Eu me aproximo devagar do quadro, como se tivesse medo de que fosse erguer a sobancelha para mim a qualquer momento.

- Acha que está parecido, Ceci? - Minha tia pergunta.

- Sim.

Os olhos têm o ar reservado exatamente como o original. Íris blindadas, de quem se mantém distante de tudo e de todos. *Menos de você*, uma vozinha sussurra no meu cérebro, mostrando

imagens daquele dia embaixo da chuva em que ele estava completamente “despido”.

- Muito parecido. - Completo com um suspiro.

- Conhece o senhor Medeiros? - Mercedes pergunta, se virando para mim com curiosidade.

- Conheço sim.

Agora eu posso dizer que conheço para valer.

- É um homem muito bonito, não acha?

Isso. Vamos torturar a Ceci mais um pouco.

- Acho. - Respondo resignada, porque essa é uma verdade que não dá para negar nem se eu quisesse. - Ele é um homem muito bonito.

Do jeito dele.

Quase tenho vontade de esticar a mão e tocar na tela, sentindo as sobrancelhas expressivas que o artista conseguiu captar com perfeição, os lábios desenhados e cheios, os ângulos fortes do seu queixo... Será que conta se eu pedir desculpas para a versão-quadro dele?

Antes que eu acabe fazendo alguma besteira tipo começar a falar COM UMA PINTURA, saio para olhar as outras obras de arte e esculturas expostos nesse cômodo. Henrique tem um ótimo gosto para arte e valoriza arte. Ou seja, apenas mais uma coisa incrível que descubro sobre ele.

- Seu patrão fica muito aqui? - Ouço minha tia traidora perguntar.

- Não tanto quanto eu gostaria, mas posso dizer que ama esse lugar com todo seu coração.

- Talvez quando ele se casar e começar a ter filhos, fique mais por aqui.

- Mal posso esperar, mas não consigo ver isso acontecendo em um futuro breve. Há uma velha tradição de família que diz que os Medeiros sempre se casam tarde. Porque só se casam se acharem um parceiro para a vida toda, como se fazia antigamente.

- Isso é muito bonito. - Minha tia suspira.

- É sim, mas é um problema se pensarmos na prática. Além de tudo, não será fácil encontrar uma moça que consiga ver o

verdadeiro homem bom que se esconde por trás do seu jeito fechado e que consiga acompanhar a sua mente privilegiada. A verdade é que nunca trouxe alguém para cá, nem nunca soube que tinha nenhuma namorada séria.

Minha tia olha para mim, sacando como essa resposta me afetou, e eu preciso me controlar para não começar a rir de nervoso.

- Não me diga?! Mas que desperdício. - Ela completa.

- Não sei o que acontece com as moças de hoje em dia que não conseguem ver um bom partido quando está bem na cara delas. Henrique é tão generoso... Quando fiquei doente e não pude trabalhar, ele mesmo cuidou da casa e deu os tours que estavam agendados, acredita?

E, em breve, Mercedes fundará um fã-clubes para o Pomps.

Decido ficar um pouco para trás, para fugir do discurso sobre a oitava maravilha do mundo que é o senhor Henrique Alves de Medeiros.

Quando dou por mim, acabo perdida em uma confusão de

corredores e portas iguais, sem fazer ideia de onde estão os outros.

- Tia Alice? - Chamo, mas ninguém me responde.

Escolho uma delas e abro, entrando em uma linda sala decorada em tons de pêssego. No canto do lugar, encontro uma porta entreaberta de onde vem um som suave e melódico. Ando devagar, sem anunciar minha presença, e espio por uma fresta, encontrando uma jovem loira tocando piano com perfeição.

Se essa for Juliana, ela realmente é muito boa.

Muito boa *mesmo*.

Além de ser linda, pequena e delicada como uma fada.

Acho que fico uns bons minutos só observando, hipnotizada pela maestria com que passeia pelas teclas, até que a garota para de tocar do nada. Ela se levanta de um pulo e se joga nos braços de um homem que parece ter entrado de surpresa por outra porta. Só me basta ver o terno escuro para saber exatamente de quem se trata.

Ah, não.

Não, não, não.

Saio correndo por onde entrei, desço a grande escadaria de

mármore e só paro quando chego no pátio de pedras que fica na parte externa dessa casa... mansão... castelo... Sei lá!

- Cecília! Cecília, espere. - Henrique chama de algum lugar atrás de mim e eu xingo baixinho.

Claro que ele me viu...

Droga.

Droga.

Droga.

Eu respiro fundo, antes de me virar para encará-lo.

- Olá. - Planto um sorriso nervoso no rosto. - Desculpe pela invasão, mas eu estava na região com os meus tios, eles ouviram que a fazenda era aberta a visitas e...

- Está tudo bem. - Ele interrompe meu discurso, percebendo meu nervosismo. - Vieram se hospedar no Hotel Fazenda?

- Isso mesmo. - Enrolo os dedos na frente do corpo, sem saber o que fazer com as minhas mãos.

- Está gostando? - Ele vai se aproximando devagar, fazendo meu coração bater mais e mais acelerado a cada passo seu.

- Ar puro é sempre bom. Sair de São Paulo um pouco, sabe como é. - Está perto, bem perto... - Pena que voltaremos hoje à noite.

- Tão cedo?

A sua voz é só um sussurro quando chega na minha frente e aproveita a proximidade para colocar um fio de cabelo atrás da minha orelha. Seu gesto é tão carinhoso que só faz o aperto no meu peito se intensificar.

- Eu trabalho amanhã. O meu chefe é do tipo exigente que luta os funcionários de trabalho. - Digo em tom de brincadeira, para não me deixar afetar pelo modo com que está me olhando.

Como se eu fosse a melhor invenção da humanidade, desde a lasanha congelada.

Inferno, Pomps.

- Acho que posso conseguir uma folga com o seu chefe, se quiser ficar mais um dia.

- Isso seria... Bom.

- Considere feito. - Um silêncio cai sobre nós, enquanto eu

debato internamente se deveria abraçá-lo, ou sair correndo aos gritos. Antes que eu tenha de tomar uma decisão, ele mesmo fala. - Precisa de uma carona de volta para o hotel?

- Não! Na verdade eu... - Vamos lá, Ceci. Você sabe formar frases. Sujeito, verbo e predicado. - Eu pensei em voltar andando, sabe que eu gosto de...

- Você gosta de andar. Sim. - Ele me interrompe, percebendo minha confusão e sorrindo de leve. - Veio até aqui sozinha?

- Não. Eu vim com meus tios. Eles devem estar me procurando, inclusive.

- Posso te ajudar a encontrá-los, pelo menos?

- Sim, claro.

Ele se vira e anda para dentro da casa de volta, me obrigando a segui-lo. Não consigo deixar de reparar em como parece mais magro, mais cansado, apesar de continuar lindo. Estar ao seu lado, depois de tanto tempo, é quase surreal. Dentro de mim, vindo não sei de onde, começa uma vontade súbita de entrelaçar

meus dedos nos seus. Sentir sua pele fria. Descansar minha cabeça no seu ombro e pedir que me conte tudo sobre esse lugar mágico. Qual é o seu cômodo preferido, onde ele gostava de brincar quando era pequeno, onde era o seu quarto de infância...

Mas eu sei que não posso fazer nada disso.

Apesar do pequeno carinho de mais cedo, ele está obviamente me tratando com uma distância educada. Eu tive minha chance, eu perdi a minha chance.

Ainda bem que encontramos meus tios assim que pisamos de volta no hall, para não correr riscos de eu acabar me envergonhando ainda mais. Confesso que a opção de grudar nele como um coala me passou pela mente.

- Ah! Aí está você. - Dona Mercedes sorri ao me ver, mas dá um sorriso ainda maior ao ver o seu patrão. - Henrique! Você chegou!

Meu chefe dá um beijo carinhoso na senhora, numa rara demonstração de afeto que comove ainda mais o meu coração já derretido.

- Tia Alice, Tio Geraldo, esse é o senhor Henrique Alves de Medeiros. - Eu aproveito para apresentar.

- Que prazer conhecê-lo. O senhor tem uma linda casa.

Minha tia o cumprimenta com um aperto de mãos educado e eu respiro aliviada. Estou feliz que ele tenha a chance de conhecer uma das únicas pessoas normais que tenho na família.

- Muito obrigado, senhora.

- Ouvi dizer que além de uma bela casa, o senhor tem um lago carregado de peixes. - Enquanto isso, tio Geraldo é irmão de mamãe e não dá para negar.

- Gostaria de me acompanhar numa pescaria? Podemos almoçar juntos e depois aproveitar a tarde. - Poms sugere, para a minha surpresa completa. - E me chamem de Henri, por favor.

Conseguí sentir o gelado do mármore, de tão caído que ficou o meu queixo.

- Seria incrível se pudessem ficar. - Juliana desce as escadas parecendo um anjo com cabelos claros e os mesmos olhos azuis do irmão. - Cecília, estava tão ansiosa para te conhecer. Sinto como se

já fôssemos amigas.

Se joga nos meus braços, me abraçando com força.

Ele falou sobre mim para a irmã?

Ok, a gente entrou em algum universo paralelo. Só pode.

- É um prazer te conhecer também. Preciso dizer que você toca muito bem.

- Só porque meu irmão me deu o melhor piano do mundo, mesmo sem dever me mimar assim. - Ela o encara com nada além de admiração pura.

Mais uma para o fã-clubes que Mercedes vai fundar.

Acho que eu mesma vou escrever o regimento, se continuarmos desse jeito.

- Você merecia.

Ele sorri tranquilo e eu quase tenho vontade de dar uns tapas na sua cara por ser tão bonito e tão fofo. Céus, nunca pensei que fosse usar “fofo” para me referir ao Poms.

- Sim, eu merecia.

- Como é fácil convencer ela, não?!

Henri se vira para me encarar com diversão, como se eu fizesse parte desse círculo íntimo, como se estivesse dividindo o momento comigo, como se não tivéssemos uma plateia. Esse homem ainda vai me deixar doida. Mais do que já sou.

- Meu irmão disse que você também toca muitíssimo bem. -
Juliana continua.

- Então, seu irmão mentiu descaradamente. - Respondo, revirando os olhos.

- Eu disse muito bem, não muitíssimo. - Ele corrige.

- Ah, sim. Então está perdoado. - Não resisto e sorrio para os dois também, sentindo meu corpo relaxar pela primeira vez depois de muitos dias.

Meu chefe parece quase uma pessoa diferente ao lado da irmã. Ou, talvez, seja efeito de estar na sua própria casa. Olhando assim, eu diria que é uma pessoa normal, que gosta de mim e que eu conheço há séculos.

- Vamos todos almoçar então? - Mercedes chama e só então eu quebro o contato visual que estava travando com ele.

- Vamos por aqui, por favor. - Ele mostra o caminho, entrando em um papo empolgado com o meu tio sobre os pontos turísticos que a região oferece.

Como se ainda não tivesse vivido surpresas o bastante, descubro que todos os funcionários do lugar almoçam junto com o chefe, sentados na imensa mesa de madeira escura que há na sala de jantar. Parecem uma grande família unida, rindo juntos, ao mesmo tempo em que colocam Henri a par de tudo que aconteceu na sua ausência.

- Gostaria de me acompanhar numa caminhada pelos jardins?! Temos muitas árvores com frutas, podemos comer uma sobremesa direto do pé enquanto os homens pescam. - Juliana me convida após a refeição deliciosa.

- Eu adoraria. - Respondo com sinceridade.

- Alice? Quer vir com a gente?

- Claro. Eu estou apaixonada por esse lugar, não vejo a hora de conhecer mais.

Assim, nos dividimos em dois grupos e eu passo a melhor

tarde em muito tempo. Ju é doce, divertida e muito especial. Enquanto comíamos amoras - e eu tentava não lembrar de lichias - ela me contou tudo sobre seu novo namorado. Um jovem que conheceu no cursinho pré-vestibular e que a trata como uma verdadeira princesa.

- Eu bem mereço um príncipe, depois do que passei com o Guilherme. Meu irmão te contou sobre ele, imagino?

É.

Ele contou.

- Sim e eu sinto muito que tenha passado por isso. - Aperto sua mão e ela me retribui com um sorriso fraco, de quem ainda está se recuperando.

Não vou gastar meu réu primário com Henri, mas bem que poderia gastar com Guilherme. Como ele conseguiu fazer mal para a pessoa mais doce que eu já conheci, mais doce do que Jana até, eu nunca vou entender.

- O que não nos mata, nos torna mais fortes. - Ela fala.

Sábias palavras.

Estamos voltando para dentro, nos preparando para retornar ao hotel, quando o meu celular toca, recendo uma mensagem de Jana. Abro feliz, esperando ver alguma peripécia da minha mãe, mas o que encontro faz o meu sangue gelar na hora.

Lulu não voltou para casa e não atende o celular.

Papai acabou de chamar a polícia.



CAPÍTULO 15

- Ceci? Está tudo bem? - Juliana pergunta, colocando uma mão no meu ombro, percebendo que eu estou prestes a cair dura no chão.

- Não. Minha irmã... ela... está desaparecida.

- Como assim? - Me olha com preocupação nos olhos azuis.

- A última vez que eu soube dela, estava indo para a praia. Agora, minha outra irmã disse que não voltou para casa, não atende o celular e nem responde mensagens.

- Ela estava sozinha?

- Não. - E essa é a pior parte. - Ela estava com o Guilherme...

Henrique entra na sala bem nessa hora, arregalando os olhos. Eu mordo os lábios, controlando a vontade de chorar e de correr para ele, pedindo um abraço. Loucura, eu sei.

Não entendo mais nada que está acontecendo dentro de

mim.

Ele bem que poderia me lançar um EU TE AVISEI, mas parece realmente preocupado e enfurecido, tudo ao mesmo tempo. Cruza a sala até me encontrar e me coloca sentada nos degraus de mármore, se sentando ao meu lado.

- Como assim? Conte tudo o que sabe, por favor.

- Só que ela estava com ele, não responde mais mensagens e meus pais vão avisar a polícia. - Informo e me viro para os meus tios. - Precisamos voltar urgente para São Paulo.

- Claro, meu bem. - Minha tia responde sem nem pensar. - Vamos pegar o carro e...

- Vão com o meu helicóptero e pousem na Alme. - Henrique interrompe. - Eu peço para um dos motoristas levar o carro e as malas de vocês depois. Assim chegam mais rápido.

- Mas precisamos fazer checkout e pagar o hotel.

- Eu posso cuidar disso. - Juliana oferece.

- Tem certeza de que está tudo bem? - Viro para encará-lo e seus olhos azuis brilham determinados para mim.

- Certeza absoluta.

- Eu posso reembolsá-lo depois...

Digo com emoção e uma lágrima silenciosa leva a melhor sobre mim, escorrendo pela minha bochecha. Ele parece não saber o que fazer por alguns segundos. Então, se decide por secá-la com um beijo suave, antes de pegar a minha mão e entrelaçar seus dedos nos meus.

A sensação da sua pele fria contra a minha é tudo que eu precisava agora, mesmo sem saber que era justamente isso que eu precisava. Sim, desisti de fazer sentido já.

- Não me agradeça. A culpa é minha. Eu deveria ter desmascarado Guilherme quando tive a chance. - O aperto na minha mão se intensifica, entregando que também está abalado com tudo isso.

- Você conhece o moço que sumiu com a Luísa? - Minha tia pergunta confusa.

- Eu conto tudo para vocês no caminho. Quanto a você... - Volto a encarar Henri. - Não se culpe pela falta de caráter dele, por

favor.

- Devemos partir imediatamente então. Eu e seu pai podemos ir procurar pessoalmente por ela, ou ajudar a polícia com o que for necessário.

Tio Geraldo chama e eu solto os dedos de Henrique, ficando em pé pronta para partir e tentando fingir que não estou sentindo falta do seu toque de gelo.

- Leve-os até o heliponto, por favor. - Ele pede para Mercedes. - Vou ligar para o piloto e pedir que ele se encontre com vocês lá. Te vejo em breve.

Então, me dá um olhar penetrante e que parece cheio de promessas, antes de desaparecer pelos corredores, provavelmente para fazer a ligação.

- Espero que esteja tudo bem com ela. Por favor, me dê notícias quando puder. - Juliana pede, quando nos abraçamos pela última vez.

- Pode deixar. E eu espero que a gente se encontre em breve.

- Algo me diz que nos encontraremos muito ainda. - Dá um beijo na minha bochecha e um sorriso arteiro, antes de ir se despedir dos meus tios.

Nós atravessamos a grande propriedade até uma parte mais afastada, depois do campo de futebol e da quadra de tênis (!). Quando chegamos lá, o helicóptero já está funcionando, com as pás rodando e fazendo um vento forte serpentear ao nosso redor.

O piloto gentil ajuda a mim e a minha tia a subirmos, antes de nos prender com os cintos e nos dar grandes fones de ouvido. Assim que ele sobe no ar, eu solto outra das minhas risadas de nervoso. Não acredito que estou andando de *helicóptero*...

Apesar das circunstâncias, preciso admitir que foi um passeio inesquecível e que conseguiu deixar São Paulo ainda mais bonita aos meus olhos. Minha tia e meu tio então, estão quase histéricos de alegria. Foi um final inesperado e tanto para a nossa viagem.

Meia hora depois, estamos pousando no Alme. Desço de um pulo, ajudo minha tia a descer e encontro um senhor

engravatado nos esperando.

- Senhorita Oliveira? O senhor Medeiros mandou que eu viesse buscá-los e que os levasse para onde precisar.

Caramba, Poms pensa em tudo.

- Ah, sim. Que gentileza. - Planto um sorriso no rosto. - Preciso ir para o Edifício Netherfield, em Higienópolis.

- Muito bem. Cinco minutos e estamos lá.

Chego em casa exatos cinco minutos depois mesmo, agradeço ao motorista e corro pela portaria, com meus tios logo atrás. Assim que abro a porta do nosso apartamento, encontro mamãe chorando no sofá, sendo aparada por Jana que também está com os olhos vermelhos.

- O que aconteceu? Quero saber de tudo. - Eu sento no tapete e pego a outra mão de dona Lina, tentando consolá-la um pouco.

- Seu pai foi para Santos, mas vai voltar amanhã de manhã. A polícia não pôde fazer nada, porque Lulu começou a se comunicar com a gente. Aparentemente, está desaparecida por

vontade própria. - Ela consegue me dizer, entre uma fungada e outra.

- Como assim por vontade própria?

- Ela fugiu, Ceci. Disse que tem um plano para conseguir dinheiro e só volta quando conseguir. - Nana me explica.

Oh, céus.

Isso é ainda pior do que eu esperava.

- Como Luísa pôde não pensar nos meus nervos? Como? - Dona Lina se abana e eu me levanto para andar um pouco, tentando colocar meus pensamentos em ordem.

- Isso não pode ficar assim. Vou fazer algumas ligações.

Meu tio sai para o corredor e eu suspiro, enquanto minha tia se ocupa em ir para a cozinha, fazer um chá para a minha mãe.

Sempre soube que Lu não era do tipo ajuizado, mas isso já é loucura demais. “Conseguir dinheiro”? Que tipo de golpe ela e Guilherme vão dar agora? Espero que não seja nada com alguém inocente, como Juliana. Ou juro que eu mesma caço aqueles dois e entrego de presente para a polícia com um lacinho em cima.

Horas depois, seguimos sem novidades e meus tios decidem ir para a sua casa descansar um pouco. Eu agradeço pelo passeio, que eles nem imaginam como foi importante para mim, e prometo que mandarei notícias assim que tiver.

Nós acomodamos mamãe na cama e acabamos deitando com ela. Ficamos as três abraçadas e tenho certeza de que estamos pedindo a mesma coisa, antes que o sono leve a melhor sobre nós.

Onde quer que Luísa esteja, que ela esteja bem.

Na terça-feira de manhã, depois de mais de um dia de angústia, estamos todos tomando café, ainda abatidos e desnorteados. Papai voltou no dia anterior, sem trazer nenhuma informação nova e toda essa história parece ter feito com que ele envelhecesse uns bons anos.

Acho que quando colocar meus olhos em Luísa, depois de me certificar de que esteja viva, vou querer estrangulá-la. Um dia

ela vai entender que o único jeito de ganhar dinheiro nessa vida é *trabalhando*. Trabalho honesto, que dignifica o homem desde que o mundo é mundo. Poxa! Papai foi um exemplo tão bom para nós. Poderia ter se inspirado um pouco, ao invés de ficar causando por aí.

Eu me levanto para começar a tirar a mesa, quando o celular de Jana apita indicando uma mensagem e todos nós congelamos no lugar.

- É LULU. - Ela anuncia e começa a ler. - “Família querida. Eu me casei! Estou indo para casa para uma rápida visita, antes de pegar meu voo para Porto Alegre, onde Gui conseguiu um emprego. Me esperem para o almoço. Beijinhos!”

- Casou? E está vindo para o almoço? Assim, como se nada tivesse acontecido?

Não vai ser uma boa ideia se eu tacar esse prato na parede. Não vai. Depois, eu vou ter que limpar toda a bagunça. Respira, Ceci. Respira.

- Ela está bem? E se casou? E vai morar em Porto Alegre?

Ah! Que alegria. - Mamãe começa a despir o roupão que estava usando desde domingo. - Preciso ir contar para dona Lourdes.

- Mamãe! Não pode estar falando sério. - Fico abismada.

Mais abismada do que já estava.

- O dia em que você tiver três filhas para casar, você me dará razão, Cecília!

Mas você não sabe como Guilherme é... penso apenas para mim mesma.

Minha irmã, minha irmã caçula, se casou com o maior mau-caráter que poderia encontrar por aí. Preciso me sentar na cadeira e quase começo a me abanar, como dona Lina faz.

- Vai concordar com isso, papai? - Jana pergunta, tão preocupada quanto eu.

- Não tem mais o que eu possa concordar ou não. Sua irmã é maior de idade e dona do próprio nariz, apesar de nunca saber onde enfiá-lo. - Ele massageia a ponte do nariz, parecendo acabado.
- Tenho de agradecer ao seu tio. Aposto que foi ele quem os encontrou e que conseguiu esse emprego para o rapaz.

Será? Mas ele teria nos contado, se fosse o caso.

Apesar das circunstâncias, minha mãe faz questão de preparar um belo almoço e de colocar a mesa com nossa melhor louça para esperá-los. Por volta da uma da tarde, a campainha toca como se uma visita estivesse chegando. Como se Lulu não morasse aqui.

Na verdade, ela não mora mais.

Que bizarro...

- Mamãe, Papai! Que bom vê-los. - Ela entra com a maior cara lavada, se pavoneando toda, como se tivesse acabado de voltar de uma temporada na Europa.

Sim, talvez seja com ela que eu vou gastar meu réu primário.

- Osvaldo. - Guilherme estende a mão, mas meu pai apenas o olha com desprezo.

Um olhar que não é nem um décimo tão mortal quanto o meu próprio. Que verme. Não, não. Estou sendo injusta com os vermes. Eles, pelo menos, tem uma função na natureza.

- Olhem o meu anel, que coisa mais linda. - Ela exhibe e mamãe pega sua mão toda feliz, enquanto Jana dá um sorriso contido. - Cruzei com a dona Lourdes e fiz questão que ela visse bem a minha joia. Os olhos dela ficaram do tamanho de dois pratos!

Nos sentamos à mesa e eu tento ficar o mais longe possível de Guilherme, o que me deixa ao lado de Luísa, infelizmente. Nessas horas, queria ter os cartões marcados da dona Odete. Seriam bem úteis. Eu poderia sentar entre papai e Jana, daí ninguém sairia machucado.

- Sim, Guilherme conseguiu um ótimo emprego! Nós dois viveremos muito bem. - Continua tagarelando sem parar, mesmo que ninguém tenha perguntado nada.

Ainda tem algo que não bate nessa história.

Alguma peça solta que estou deixando passar.

- Como casaram tão rápido? E por que se casaram?

Por quêêêêêêê?!

- Nós casamos no cartório, oras. E nos casamos porque nos

amamos. - Ela sorri para o seu “marido” e mamãe solta um grande “awn”, antes de começar a falar sobre seu próprio casamento.

- Vocês tiraram fotos? - Eu pergunto.

- Apenas algumas, mas foi uma linda cerimônia. Você precisava ter visto! O único dilema foi o padrinho. Ainda bem que Guilherme tem um amigo na cidade, ou teríamos de pedir para aquele Henrique ser a testemunha e... - Ela fala, mas só eu ouço, enquanto os outros estão prestando atenção em mamãe.

- *Henrique?*

- Ops! Era para ser segredo. - Dá um olhar dissimulado, de quem nunca planejou guardar segredo algum. - Foi Henrique quem nos achou, quem pagou pelo casamento e quem deu o emprego para Gui. Ele nos deu até um lindo apartamento em Porto Alegre. Tudo com a condição de que viéssemos aqui para vocês verem que eu estou bem antes de viajar. - Revira os olhos. - Claro que esse era nosso plano desde o começo.

Henrique fez tudo isso?

- O plano de vocês era tirar dinheiro do Henrique?

- Sim. Eu e Gui temos um cérebro imbatível juntos. - Eu poderia discordar, mas preciso que ela continue contando. - Moção me contou tudo sobre o coração mole do seu chefe. Tivemos essa ideia quando soubemos que você estava trabalhando na Alme. A história de que eu “sumi” acabaria chegando aos ouvidos do cara, o bobão se sentiria na responsabilidade de fazer algo e cá estamos. Também começamos a suspeitar de que ele estaria caidinho por você, o que só facilitou as coisas.

Inferno.

E mais essa agora.

- Eu não acredito que você teve coragem...

- Ah, por favor. Não dê uma de santinha para o meu lado. É só dinheiro, Cecília. E Henrique tem montes e montes dele.

Não. Não é só dinheiro. Mas se Luísa não consegue enxergar isso por si mesma, não há nada que eu possa fazer. Quando já estão de saída, Guilherme tenta me dar um sorriso caloroso, mas eu apenas viro a cara. É assim, ou esmurrar o seu rostinho falso.

- Boa sorte para vocês dois. - É tudo que eu consigo dizer.

Espero que ela encontre um jeito de ser feliz, mesmo ao lado de um cara como esse. De certa forma, acho que combinam. Os dois são ambiciosos, materialistas, carismáticos e espertos. Pensando bem, é quase incrível como encontraram alguém tão similar a eles. Eu me recuso a promovê-los à Evidência C, mas acho que há uma chance de terem encontrado os parceiros ideais para a vida.

- Já me sinto tão sozinha sem ela. - Mamãe sussurra, quando desaparecem nos degraus e eu a abraço com força.

- Está tudo bem, mãe. Você ainda tem a mim e Jana.

- É verdade e eu ainda preciso casar vocês duas.

Deus nos ajude.

- Ceci, Jana, Lina! Não sabem o que eu acabei de saber.

Dona Lourdes corre desabalada pelo hall ao nos ver entrar

no Netherfield, chegando da feira carregadas de sacolas.

- O que foi? Desembucha, mulher! - Mamãe fareja uma boa fofoca de longe e quase saltita no lugar, ansiosa para ouvir.

- André vai voltar para a cobertura! Seus empregados estão esperando por ele para amanhã já.

Meu queixo cai.

Com certeza, não era isso que eu estava esperando.

- Amanhã já? - Mamãe coloca a mão no peito.

- Isso mesmo. - Dona Lourdes balança a cabeça feliz por ter dado o furo da notícia.

- Não sei por que está nos contando isso. Ele não é nada para nós. - Dona Lina empina o queixo e sai andando, mas logo se vira e volta a encarar a amiga. - Você tem certeza absoluta disso?

- Absoluta! E te digo mais. Ele virá sozinho, porque sua irmã está com a família nos Estados Unidos.

- Oh, Deus. - Começa a se abanar. - Ainda não sei por que achou que estaríamos interessadas. Vamos, meninas.

Eu dou um sorriso de desculpas para ela, me enrosco no

braço de Jana e me apresso a descer os degraus, arrastando-a comigo.

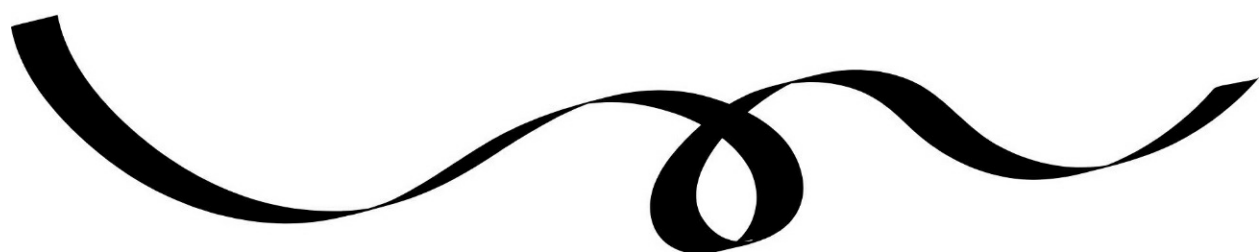
- Vamos contar ao seu pai. O atrevimento desse homem ao voltar aqui depois do que fez... Onde já se viu!

- Está tudo bem, mamãe. - Jana murmura e eu bufo impaciente. - Está tudo bem mesmo. Duvido que a gente sequer se encontre, com o tanto que eu estou trabalhando. Também não dará mais nenhuma festa, agora que já conhece todo mundo e já inaugurou o jardim.

- Mesmo assim, pode acontecer.

- E se acontecer, agirei normalmente. Eu já o esqueci, não me importo se apareça mesmo ou não. - Fica em silêncio por alguns segundos, antes de repetir. - Já esqueci faz tempo.

Agora não sei se tá tentando convencer a nós duas, ou a ela mesma.



CAPÍTULO 16

Henrique

André balança as pernas com impaciência ao meu lado no carro, tão nervoso que eu quase consigo sentir a tensão exalando do seu corpo.

- Vai dar certo. - Tento tranquilizá-lo, dando tapinhas nas suas costas, mas só consigo fazer com que esconda o rosto nas mãos, parecendo mais desolado do que nunca.

- E se ela não quiser me ver, Henri? - Acho que foi isso que falou. Sua voz saiu tão abafada que mal consegui decifrar o que quis dizer.

- Ela vai querer. - Eu garanto.

- E se ela gritar comigo?! - Volta a me olhar, agora com uma expressão desesperada.

Deus nos ajude.

- Eu não consigo imaginar Janaína gritando com ninguém,

André.

Ela não deve gritar nem com os seus alunos. Aposto que é daquele tipo de professora que consegue conquistar obediência pelo simples fato de que as crianças a adoram. Será uma grande mãe para os meus sobrinhos “postiços” um dia. Um final feliz que depende do fato de eu conseguir arrancar André do carro, claro. Não vamos comemorar antes da hora.

- E se o pai dela não me deixar entrar?

O cérebro humano é uma coisinha curiosa. Deve ter algum departamento responsável apenas por criar catástrofes fictícias nos momentos em que estamos mais desesperados. Algum gene primitivo ancestral para ajudar a garantir nossa sobrevivência em casos extremos. “Legal, você está indo caçar o mamute, mas não se esqueça de que ele pode te pisotear, você pode ser carregado por um pterodátilo, ou pode cruzar com um tiranossauro. Então, fique esperto.”

- Osvaldo me parece ser um homem bem razoável e duvido que vá se opor a uma simples conversa. Além disso, ela já é

crescida. Pode fazer o que quiser.

- Certo. Certo. Tem razão. - Olha para fora, percebendo que já estamos na rua do prédio e seus ombros caem desanimados.

- Ela gosta de você, André. - Eu repito pela centésima vez desde que o busquei no aeroporto.

- E eu gosto dela. Gosto muito. Tanto que quase parece impossível. Sabe como é isso, Henri?! Ter alguém que faz você sentir um aperto no peito só de pensar na pessoa? Que a distância dói como uma dor física?

Ah, eu sei.

E como sei.

- Você é muito sortudo por ter encontrado alguém que te faça sentir todas essas coisas. Agora, foque suas energias em não a deixar escapar mais.

- Eu não vou. Não vou.

Tudo bem, consegui sentir firmeza nele pela primeira vez.

Estamos progredindo.

Meu motorista entra na garagem do Netherfield e estaciona

na vaga da cobertura. Descemos juntos e, ao invés de usar o elevador, seguimos para os degraus que nos deixarão no subsolo, no andar do apartamento do zelador.

Onde Ceci está também...

Bato na porta com firmeza e fico parado bem atrás dele, só para o caso de que decida sair correndo escada acima.

- Quem é? - Ouvimos alguém perguntar do lado de dentro e suspeito que seja a mãe.

- André e Henrique, senhora. - Respondo por ele, que parece ter perdido a voz.

Conseguimos escutar uma grande movimentação do lado de dentro, como se móveis estivessem sendo empurrados, itens guardados e até o guincho desesperado de um gato. Pixinguinha, se não estou enganado. Sim, alguém deve ter pisado na pobrezinha.

E deve ter doído.

Só então ouvimos as trancas sendo abertas e dona Lina aparece na nossa frente com um grande sorriso no rosto. Está vestida como sempre, numa confusão de cores e estampas que a

fariam ficar perfeitamente camuflada numa exposição de Romero Britto.

Eu tento manter minha atenção nela e em André, mas meu olhar segue direto para dentro, procurando por Cecília. *Minha Cecília*. Eu a encontro sentada numa poltrona com um livro aberto no colo, o cabelo castanho ondulado solto ao redor do rosto, de um jeito que quase nunca usa. Não sei se foram os dias longe, não sei se há algo diferente, mas hoje parece mais linda do que nunca.

Tão linda...

- Estamos muito felizes em vê-lo. - O pobre homem tenta começar a responder, mas ela continua sem parar nem para respirar. - Houve muitas mudanças desde que o senhor esteve aqui da última vez. Minha filha mais nova se casou, acho que você soube.

- Eu soube sim. Meus parabéns. - Ele responde correndo, acho que para tentar não ser interrompido.

- Espera ficar mais tempo dessa vez, André? - Cecília alfineta com astúcia, analisando meu amigo com a sua melhor

expressão de advogada que você não gostaria de irritar.

Ele treme de leve, mas eu não o julgo.

Qualquer um tremeria.

- Planejo ficar para sempre. O meu trabalho no exterior foi encerrado antes do previsto e poderei aproveitar o meu apartamento com tranquilidade dessa vez.

Então, o bonito rosto de Cecília se vira para mim e ela estreita os olhos. Já entendeu exatamente o que aconteceu aqui. *Eu posso ter errado, mas estou tentando consertar meus erros.* Sustento sua encarada mortal e tento dar um sorriso tranquilizador, que só faz aumentar sua desconfiança.

Até eu desconfiaria de mim mesmo, se me visse sorrindo por aí.

- Que bom, que bom. Se um dia precisar de algo, é só bater aqui na nossa porta. Sou ótima com costura, em tirar manchas e sempre temos um prato de comida quente. Oh! - Sua expressão se ilumina. - O senhor deveria vir jantar qualquer dia desses.

- Com certeza. - A dele se ilumina junto. - Seria um prazer.

- E como vai, Henrique? - Cecília pergunta, ainda me encarando sem piscar.

- Muito bem, obrigado. - Eu me limito em responder, tentando não sucumbir às minhas emoções.

Toda vez que eu a vejo, sinto como se fosse puxado na sua direção. Como se eu fosse uma lua, atraído para gravitar ao seu redor. Como se ali fosse o meu lugar - ao lado dela - e nada no universo fosse mais forte do que isso... Essa minha veia romântica recém-descoberta é bem impressionante. Talvez eu devesse abrir uma empresa daquelas que fazem cartões para datas especiais.

- Não te vi na empresa hoje. - Cecília continua.

- Estive resolvendo alguns problemas pessoais. Na verdade, acho que não me verá pelo resto da semana. Tenho de viajar para o Rio amanhã mesmo.

- Que pena... - Ela responde baixinho e eu posso estar me enganando, mas sua voz parecia realmente triste, realmente quebrada.

Será que...

Será que mudou de ideia?

- Oh, o Rio de Janeiro! Que cidade maravilhosa. Jana voltou de lá revigorada. Ela está linda, não está?

Tenho de reconhecer a coragem dessa mulher. Determinação corre nas suas veias. André dá um olhar torturado para a loira, que o olha com nada além de emoção pura, mordendo os lábios.

Sim, o sentimento está ali.

O mesmo sentimento que eu vejo em mim.

Talvez por isso eu consiga reconhecer os sinais com tanta facilidade agora.

“Somos todos tolos, quando estamos apaixonados.”

- Ela está muito linda. - Meu amigo responde com adoração.

Boa.

Essa é a deixa que ele precisava para começar a tomar suas providências. Vejo seu queixo se abrir como se fosse dizer algo, mas volta a fechar a boca. Tenta de novo, mas desiste. Ah, não...

Vamos, André. Diga! Diga por que veio aqui!

- Foi ótimo revê-las, mas nós precisamos ir agora.

O quê?

Não! Não foi isso que veio dizer, inferno.

- Vamos, Henrique?

Eu tento dar um olhar significativo para ele, mas o cara já está quase na porta, então não tenho outra opção a não ser segui-lo.

- Volte quando quiser! - Dona Lina fala e não posso deixar de perceber que usou o singular.

Ela quer apenas que *André* volte.

Claro, não devo me sentir ofendido. Por que iria querer que eu voltasse? Ninguém faz a menor ideia de que eu e Cecília temos alguma espécie de história juntos. Ninguém imagina que, se dependesse apenas de mim, já teria entrado para essa família há muito tempo.

Eu me despeço dando um aceno de cabeça para todos. - Com licença.

Fecho a porta atrás de mim e o alcanço já no topo das

escadas. Aperto o botão para a cobertura e espero que a gente esteja dentro do seu apartamento, antes de começar a tentar enfiar algum juízo na sua cabeça.

- O que, diabos, foi isso? Você não falou nada do que queria!

- Eu fiquei nervoso! Assim que eu coloquei os olhos nela, minha mente se apagou... Apagou totalmente. Sabe nos desenhos, quando um macaco fica batendo pratos dentro do cérebro?!

Macacos? Pratos?

Céus.

- Se você não disser nada, Janaína nunca vai saber como você se sente. Você não quer ficar com ela?

- Mais do que tudo.

- Então precisam conversar, homem.

- Talvez eu possa mandar uma mensagem e...

- Deus, não. Vai fazer isso cara a cara. - Chega de dar margem para qualquer interpretação errada. - Vamos lá, vamos treinar. Finja que eu sou a Jana e abra o seu coração.

- Não me imagino me declarando para você. Na verdade, eu não imagino ninguém se declarando para você. - Faz uma careta. - Sem ofensas.

- Apenas finja de uma vez. - Reviro os olhos. - Você vai entrar no apartamento...

- E elas vão pedir que eu me sente. - Consegue completar.

- Isso. Então, você pede um momentos a sós comigo. Aí você vai dizer... - Faço um gesto indicando que ele continue.

- Que fui um idiota e que ela é a mulher mais maravilhosa que eu já conheci. - Dá um sorriso sonhador. - Não sei o que dizer depois disso.

- Aí você pode pedi-la em namoro.

- As pessoas ainda fazem isso? - Anda até o bar e serve uma dose de whisky, virando tudo de uma vez.

- Se elas não fazem, deveriam fazer. Uma pergunta simples, mas que deixa todos na mesma página. Sentimentos na mesa. Sinceridade é o alicerce de qualquer relacionamento.

- Você está profundo hoje, Henrique. - Dá um olhar

divertido na minha direção, a bebida começando a fazer efeito.

- Eu sou muito profundo. Agora, me peça em namoro, diga que você lamperia o chão onde eu piso e pronto.

- Tudo bem, tudo bem. Vamos lá. - Respira fundo, volta para onde eu estou e pega minhas mãos nas suas. - Henri, eu admiro tanto você. Seria uma honra construir minha vida ao lado de alguém tão incrível. Por favor, faça de mim o homem mais feliz do mundo e seja meu namorado.

- Achei bom.

- Mesmo?

- Estou com as pernas bambas. - Ele ri e parece relaxar um pouco. - Pronto para mandar ver?

- Estou pronto?!

Sua afirmação decidida mais pareceu uma pergunta.

Maravilha.

Ele vai sair correndo a qualquer momento, tenho certeza.

- E se ela não quiser me receber? Nossa visita anterior foi um desastre. Eu parecia um maluco.

- Todos são tolos quanto estão apaixonados. - Acho que esse vai ser o meu primeiro cartão... Enfim, eu o empurro para dentro do elevador e entro junto, apertando o botão para o hall. - Vai por mim, ela vai te receber.

- Certo. Jana eu... Queria dizer que... Jana eu... Caramba, fica comigo... Jana eu... - E diferentes versões de “Jana eu” são ouvidas até chegarmos lá embaixo.

Eu bato na porta e saio de lado. A própria Janaína abre dessa vez, dando uma grande sorriso ao vê-lo.

- Eu sei que isso tudo é muito estranho, mas acha que podemos conversar a sós?

- Ahn. - Parece pensar por alguns segundos, mordendo os lábios. - Tudo bem. Vamos para o meu quarto.

É só o que eu ouço, antes da porta ser fechada.

Finalmente!

Respiro aliviado, me sento nos degraus e espero por vários minutos, apenas para o caso de ele decidir fugir de novo. Só quando ouço os gritos de alegria vindos de dentro do lugar é que

me dou por satisfeito.

Tudo correu bem.

Consertei as coisas.

Por Cecília.

Nesse momento, nem me importo mais se a gente vai ficar juntos ou não. Se nada der certo, pelo menos saberei que ela está feliz...



CAPÍTULO 17

- Eu acho que eles são perfeitos um para outro.

Ouçó minha mãe falando e paro no corredor, dando uma espiada para dentro do quarto deles. Ela e seu Osvaldo estão abraçados, parecendo mais felizes do que nunca, os nervos dela esquecidos por tempo indeterminado.

- Os dois são tão bons e tranquilos, o que é ótimo se pensarmos que a nossa Jana não combinaria com alguém diferente.

- Papai responde. - Acho que eles viverão bem juntos.

- Com a fortuna dele? Viverão mais do que bem, viverão felizes para sempre.

Dou risada com meu copo de água na mão e sigo meu caminho de volta para o quarto. Eu encontro Nana com um sorriso gigante no rosto, se olhando no espelho e acabando de passar uma suave sombra cor-de-rosa nos olhos. Ela está se arrumando para jantar com André e algo me diz que não voltará para casa essa

noite. Eu não voltaria, se estivesse no seu lugar.

Evidência B está de volta com força total!

- Estou tão feliz, Ceci. Acho que nunca vou conseguir parar de sorrir.

- Deveria estar mesmo. Hoje foi um dia e tanto.

Eu me jogo na cama, coloco as pernas embaixo do corpo e me acomodo, pegando Pixinguinha no colo. Ela vira de barriga para cima numa pose esquisita, pedindo que eu coce sua enorme pança de quem andou comendo ração demais.

- Ainda não acredito que André passou esse tempo todo achando que eu não retribuía os seus sentimentos. Aquela irmã invejosa deve tê-lo envenenado, só pode.

- Olha só! Você chamou alguém de invejosa. Estou surpresa.

- A ocasião pedia. - Nós duas rimos como não fazíamos há muito tempo. - Queria muito que você pudesse sentir o que eu estou sentindo. Se ao menos existisse um cara para você. Alguém tão leal e sagaz quanto você é.

Existe. Existe um que é imperfeitamente perfeito para mim.

Mas hoje o dia é só de Jana, então me limito a sorrir...

- Quem sabe ele não aparece ainda?! Lembra que André pode ter um primo que não conhecemos.

Dou uma piscadinha e com a mão livre, abro meu exemplar de “Orgulho e Preconceito”, pronta para reler algumas das minhas passagens preferidas antes de dormir. Manter a mente ocupada para não lembrar de certas coisas, nem de certas pessoas: esse é o plano.

- Percebeu como nossa vida está parecendo “Orgulho e Preconceito”? - Ela aponta para o meu livro. - Pensei isso hoje, quando André e Henrique apareceram na nossa porta.

Eu arregalo os olhos e os últimos dias começam a passar como um filme pela minha cabeça. Lembro daquele dia na escada quando fiz o pedido e o trovão ecoou alto. Lembro da festa no apartamento. Lembro de quando contou que gostava de mim. Será que... Não... Se bem que... Henrique e tudo o que aconteceu... Lulu... Guilherme...

Santa Jane Austen!

O universo me ouviu!

- Bom, te vejo mais tarde.

Consigo sorrir e acenar em despedida para ela, mesmo que o meu cérebro tenha se derretido naquele instante.

- Pi do céu!

Eu exclamo chocada, mas a gata preguiçosa continua indiferente, roncando alto toda esticada em cima de mim, ignorando totalmente o caos que virou a vida da sua dona.

Se, de alguma forma, eu estiver presa em alguma versão alternativa de “Orgulho e Preconceito”, essa noite Catherine De Bourgh vai aparecer brigando comigo. A única pessoa que eu conheço e que poderia fazer esse papel é Odete, mas ela não viria até aqui só para gritar comigo, não é?! Ela nem sabe aonde eu moro...

Ding Dong.

Ah, qual é?!

Não, não, não!

Corro para a sala e vejo a própria parada ali, vestida com

sua elegância típica e dando uma olhada de desdém ao redor. Para especificamente na nossa poltrona mais surrada, a preferida de papai, e franze o cenho com uma expressão de nojo.

Acho que descobrimos com quem vou gastar meu réu primário.

- Ceci, essa senhora disse que precisa falar com você.

Meu pai faz uma careta e me dá um olhar significativo que grita claramente: “NÃO GOSTO DESSA PESSOA”.

- Tudo bem, podem voltar a dormir.

Mamãe faz uma cara de quem está prestes a dizer que não vai a lugar nenhum, mas seu Osvaldo a pega pela mão, se dirigindo para o quarto e fechando a porta. Aposto que ele e dona Lina estão logo atrás, ouvindo tudo e prontos para me salvar se for preciso.

Essa é uma boa hora para eu lembrar de dizer a eles o quanto eu os amo.

- Deve saber por que estou aqui, Cecília. - Ela começa direta e com rispidez.

- Na verdade, eu não faço ideia.

Se isso for “Orgulho e Preconceito”, eu sei sim. Mas ainda não consegui aceitar a ideia de que alguma mágica cósmica feita por Jane Austen esteja guiando os rumos da minha vida.

Esse tipo de coisa não existe.

Existe?!

- Não se faça de boba comigo. Estou aqui porque um relato alarmante chegou até mim, por meio da minha querida Camila.

Ergue ainda mais o queixo fino, numa tentativa clara de me intimidar. Não consigo nem ficar surpresa com o fato de ter um dedinho de Camila nessa história. Desde o primeiro dia, ficou claro que ela queria Henrique como mais do que um amigo. Só de lembrar que cogitei fazer dos dois a minha “Evidência C”, tenho vontade de vomitar.

Na verdade, imaginar Pomps com qualquer pessoa além de mim, me dá vontade de vomitar.

- Qual relato alarmante, senhora? - Decido entrar no seu joguinho.

- Camila disse que o meu sobrinho estaria apaixonado por

você e que a senhorita tem toda intenção de fisgá-lo, de enfeitiçá-lo até prendê-lo numa armadilha. Sei que a ideia é absurda e, para não ser injusta, vim questioná-la diretamente.

Henrique preso numa armadilha?! Já comecei a imaginar um dos seus ternos caros presos numa ratoeira e ele erguendo uma sobancelha todo mandão, até alguma pobre alma se sentir na obrigação de libertá-lo.

Ai, céus.

Preciso me controlar, ou vou começar a rir.

- Bom. Se acha a ideia tão absurda, não precisava ter vindo até aqui. - Cruzo os braços. - Se alguém me disser que lhamas estão voando pela Avenida Paulista, eu não vou até lá para ver se é verdade.

- A hora para brincadeiras já acabou! - Dá um passo na minha direção e eu me obrigo a permanecer parada. - Eu quero ouvir uma negativa de você. Saber se não foi você mesma quem espalhou esse boato.

- Tenho coisas mais importantes para fazer da minha vida,

do que ficar espalhando fofocas, isso eu te garanto.

A quantidade de trabalho se empilhando na minha mesa só não é maior do que a coleção de ternos chiques do Poms. Inclusive, estou pensando seriamente em ir para o escritório por volta das seis da manhã. *Alguém* me fez gostar da Alme nesse horário...

- Pode garantir que não há fundamento nessa história?

Responda com todas as letras!

Alguém está mesmo decidida a testar a minha pobre paciência.

- Eu não sou obrigada a responder nada para você, nem para ninguém.

- Me diga! Me diga se estão envolvidos!

Quanto mais ela ergue a voz, mais eu me mantenho calma.

- Você mesma disse que isso seria impossível, cinco minutos atrás. Não se lembra?! Sabe, dizem que ginkgo biloba é ótimo para problemas de memória na terceira idade.

Suas narinas se inflam em fúria.

- Deixe-me ser clara. É da vontade de todos que Henrique fique com Michele. Todos sabem que os Medeiros só consideram uma união se for para sempre e essa não será feita com ninguém além de minha afilhada!

Mas gente! É Catherine De Bourgh todinha. Será que se eu tivesse pedido para o universo me mandar um Harry Potter, eu estaria em Hogwarts agora?

- Se é esse o caso, não entendo a sua preocupação. Deveria estar na igreja, marcando a data, procurando vestidos, provando bem-casados...

- Garota insolente! É cômico como acha que alguém como você seria boa o bastante para alguém como ele. - Ok. Essa doeu um pouquinho. - Diga de uma vez! Estão juntos?

- Não.

Respondo baixinho, ignorando a dor da saudade dentro de mim.

- E promete que nunca ficarão juntos?

- Eu nunca... - Faço uma pausa e respiro fundo. - Eu nunca

prometeria algo assim, muito menos para a senhora. Já me ofendeu de todas as formas possíveis, então peço que saia. Boa noite.

- Ai, mas que absurdo! Eu nunca fui tão destratada em minha vida.

Odete esbraveja, mas me obedece, saindo batendo a porta com força e fazendo todos os quadro de dona Lina balançarem na parede. Meio segundo depois, papai e mamãe reaparecem na sala, parecendo atordoados e confusos. Eu não os culpo. Até para mim está difícil de processar essa quantidade de informações repentinas.

- O que aconteceu aqui, Cecília? - Seu Osvaldo pergunta preocupado.

- Foi apenas um mal-entendido.

- Ceci, nos conte o que... - Minha mãe começa, mas eu ergo uma mão no ar, pedindo que ela pare.

- Eu juro que conto tudo para vocês amanhã, mas agora eu preciso ficar um pouco sozinha.

Saio correndo da sala, antes que tentem me parar, e me tranco no quarto vazio. Eu me jogo na cama e cubro o rosto com o

travesseiro, abafando um grito de frustração. Não acredito na audácia dessa mulher vindo até aqui só para me dizer que eu não sou boa o bastante para Henrique e querendo me fazer prometer ficar longe dele.

Acredite, eu tentei.

Meu plano sempre foi odiá-lo...

Até descobrir que gostava muito dele para isso.

ARGH!

E ainda teve o fato *adorável* de que tudo começou com Camila. Por que as pessoas não se ocupam em viver apenas as suas vidas? Por que elas querem se intrometer na vida alheia? Bom, talvez porque a vida delas seja tão triste, que precisam buscar emoções às custas dos outros.

Maldita hora que esses riquinhos todos entraram na minha vida!

Maldita hora que eu fiz aquele pedido!

Nem nos meus sonhos mais insanos eu poderia imaginar que a minha história tomaria esses rumos. Lizzie, amiga, se no

século XXI já está sendo difícil, nem imagino como foi para você.

Eu até poderia ler um pouco do meu livro preferido em busca de conforto, mas agora “Orgulho e Preconceito” nunca mais será o mesmo para mim. Se, ao menos, eu pudesse ir andar sem rumo na campina mais próxima, até cruzar com meu Mr. Darcy, como Elizabeth fez...

Isso eu não posso, mas eu poderia mandar uma mensagem para ele e...

Não! Chega dessa loucura.

Vou dormir e amanhã penso no que farei da minha vida. Ou tentar dormir, porque depois de muito virar na cama, depois de horas em que repassei tudo que aconteceu nos últimos meses, depois de perceber que não conseguiria dormir nem se tomasse um “sossega-leão”, eu decido levantar e sair.

Não tem campina, mas tem jardim.

De pijama mesmo, abro a porta do meu quarto e ouço os roncos dos meus pais - o que significa que estão dormindo pesado e que não vão nem perceber que eu saí. Viro a chave na tranca da

sala devagar, levando-a comigo, e saio para o corredor evitando os sensores das luzes. Me sinto como uma fugitiva na madrugada...

Subo pelo elevador de serviço até a cobertura, usando a chave de papai para entrar, mais criminosa do que nunca. Espero que o espaço esteja vazio e que André não se ofenda pela minha invasão... Se bem que hoje o meu cunhado está tão feliz, que nada poderia tirá-lo do sério.

Ando de um lado para o outro no lindo espaço, sentindo o ar fresco da noite me relaxando e acalmando a minha mente. Eu tiro os chinelos e esfrego os pés na grama, o que ajuda a descarregar minhas frustrações. Sim, já estou me sentindo melhor.

Escolho um banco bem de frente para a linha do horizonte, me deito ali e fico esperando pelo nascer do sol. Não sei se passaram algumas horas, se passaram alguns minutos, mas estou quase pegando no sono quando ouço passos vindos da escada lateral.

Eu me levanto assustada, me preparando para pedir mil desculpas a André, mas não é meu cunhado quem aparece na

minha frente.

É o Pomps.

Meu Pomps.

- Cecília?! - Ele arregala os olhos ao me ver, parando em choque no lugar como se tivesse batido em um muro invisível. - O que está fazendo aqui?

- Entrei escondida. Eu não conseguia dormir. - Sorrio fraquinho e dou de ombros, fingindo para a razão da minha bagunça mental que está tudo bem

- Eu também não consegui dormir.

Vejo que ainda está com a mesma camisa do dia anterior, a camisa de quando foi com André para ajudar a resolver as coisas com Jana. Olheiras escuras se destacam embaixo dos seus olhos claros e parece cansado. Mais do que isso, parece meio desanimado, meio “sem vida”. Anda devagar na minha direção, como se tivesse se aproximando de um animal selvagem, com medo de que eu pudesse fugir a qualquer momento. Para na minha frente e examina o meu rosto do jeito intenso com que sempre me

olha, fazendo meu coração se acelerar ainda mais.

- Eu soube que minha tia esteve na sua casa. - Ele começa, meio incerto.

- Sim, ela esteve. Confesso que foi uma visita bem inesperada. - Faço uma careta sem conseguir evitar, lembrando de todo o discurso que despejou em cima de mim.

- Não sei nem por onde começar a pedir desculpas.

- Depois do que fez por Lulu e por Jana, não precisa se desculpar por mais nada. Na verdade, acho que sou eu quem lhe deve desculpas.

- Você sabe por que eu fiz tudo isso, não sabe?

Eu mordo o lábio e balanço a cabeça em negativa, sem conseguir dizer em voz alta. Acho que a minha ficha ainda não caiu, ou talvez eu precise ouvir a verdade diretamente da sua boca bonita, para conseguir acreditar.

- Por você, Cecília. Eu fiz tudo por você.

Suspiro e fecho os olhos, absorvendo suas palavras.

- Henrique... - Eu tento começar o meu discurso, mas ele

me interrompe.

- Minha tia contou que você se negou a prometer ficar longe de mim e isso restaurou as minhas esperanças. Esperanças que eu não me permitia ter desde aquele dia na fazenda. - Acaba com o espaço entre nós e segura o meu rosto com as duas mãos. - Se os seus sentimentos ainda são os mesmo daquele dia, diga-me de uma vez. Porque minha atração por você não mudou. Não, isso é mentira. Ela aumentou e aumenta a cada dia. Mas eu garanto que uma palavra sua me silenciara para sempre.

Ah, droga. Como é que qualquer garota conseguiria resistir depois de um discurso desses?! Não que eu quisesse resistir. Eu não aguento lutar mais contra o que eu estou sentindo, não aguento mais pensar, não aguento mais racionalizar.

Eu só quero ficar com o meu Pomps.

Meu lindo, charmoso, elegante, imperturbável e único Pomps. Confesso que até o seu jeito de falar, até o seu vocabulário são atraentes. Meu lado sapiosexual fica enlouquecido.

E agora ele está aqui.

Comigo.

Não há nada mais que nos impeça de ficar juntos.

Meu próprio herói romântico, feito sob medida para mim.

Eu tiro uma das suas mãos do meu rosto e dou um beijo suave na sua palma, sentindo sua pele fria.

- Meus sentimentos são os mesmos... - Começo e vejo uma luz se apagar nos seus olhos. - Porque eu acho que já estava apaixonada por você, mesmo naquela época, só não conseguia admitir ainda. Mas achei que **você** não fosse querer mais nada comigo, depois de tudo que aconteceu.

- Caramba, Cecília. - Faz sua cara brava de CEO poderoso para mim. - Não teve um dia desde que você apareceu na minha frente, reclamando sobre pessoas que declamam poesias, que eu não te quis.

Ah! Ele é muito bom em dizer as coisas certas.

- Você gosta de mim para valer. - Concluo meio maravilhada.

- Eu te amo, mulher impossível. - Ele fala com todas as

letras e eu rio de nervoso, de alegria e de desespero, tudo ao mesmo tempo.

- Ardentemente? - Pergunto só para garantir.

- Essa é uma ótima forma de descrever. - Encosta sua testa na minha. - Será que *agora* você aceitaria sair comigo?

- Acho que posso te encaixar na minha agenda.

Coloco minhas mãos nos seus ombros, fico na ponta dos pés e o beijo. Um beijo que tem um gosto diferente. Não tem mais raiva, não tem mais disputa, não tem mais primeiras impressões mal resolvidas. Esse beijo tem apenas gosto de... *amor*. De promessas... De começo...

- Só para constar, eu também amo você.

Afinal, quem não amaria Mr. Darcy?!

Ele sorri para mim, um sorriso enorme e verdadeiro - o mais bonito que eu o vi dar até agora.

- Ardentemente? - Pergunta divertido, erguendo a sobrancelha.

- Bota ardente nisso.

Então, se abaixa e me beija mais uma vez. E mais uma vez. E mais uma vez. Depois, nos sentamos na grama e eu me acomodo entre as suas pernas como se fosse natural para mim, como se o meu lugar sempre tivesse sido ali. Ele me abraça e descansa o rosto no meu pescoço, passando seu nariz de leve na minha pele, subindo e descendo.

- Sinto como se eu estivesse em um sonho. - Ele sussurra no meu ouvido. - Talvez porque eu tenha sonhado tanto com isso...

- Você tem uma veia romântica e tanto, senhor Alves de Medeiros. - Provoco.

- Digamos que seja um talento recém-descoberto, senhorita Oliveira.

Começo a rir e me aconchego mais a ele, sentindo seu perfume bom.

- Eu quero só ver a cara das pessoas quando a gente aparecer juntos.

- Acho que a única pessoa que não ficará surpresa é tia Odete.

- Nem me lembre dessa mulher.

Eu me viro e dou um jeito de ficar de frente para ele, sentando nas suas coxas. Deslizo minhas mãos pelo seu pescoço, subindo para o seu cabelo e tiro alguns segundos apenas para admirá-lo. Admirar o rosto do homem que fez tanto por mim, o homem que não poderia ser de mais ninguém...

O sol começa a nascer no horizonte, tingindo tudo de rosa e fazendo São Paulo parecer quase etérea, quase mágica. Se eu acabei me tornando uma boba apaixonada, acho que a parte da magia faz sentido. Eu me sinto feliz de um jeito diferente de tudo que já senti antes. Se isso não é magia, não sei o que mais seria.

- Acho que o nosso primeiro encontro poderia ser no McDonald's. - Eu sugiro com um sorriso de deboche.

- E poderíamos comer lichia de sobremesa? - Ele entra na minha.

- Ótima ideia. Depois, uma passada na Starbucks para um chocolate quente.

- Perfeito. - Faz um carinho na minha bochecha. - Ah! E

Ceci?

- Sim?

- Você já ouviu falar na tradição dos Medeiros, certo? Sobre como é quando a gente se apaixona?

- Que vocês se apaixonam para sempre.?

- Para sempre. Está pronta para encarar a eternidade ao meu lado?

Faço uma pausa de suspense, como se estivesse pensando na resposta...

- Acho que posso concordar com os termos desse contrato.



CAPÍTULO 18

Depois de mais uma sessão de amassos e de sermos flagrados por André e Jana - que tiveram a mesma ideia de ver o sol nascer no jardim - decidimos descer juntos para o meu apartamento.

Minha irmã e meu cunhado ficaram ainda mais chocados do que a gente pensava que fossem ficar. Na cabeça deles, a gente ainda se odiava perdidamente. Depois que o choque inicial passou, disseram que a ideia faz tanto sentido que não sabiam como não pensaram nisso antes. Aparentemente, eu e o Pomps fomos feitos um para o outro. Acho que esse é o jeito cor-de-rosa dos dois verem a vida, mas eu gosto que sejam assim e espero que sejam assim pelo resto da vida.

Nós descemos abraçados no elevador, ainda envoltos pela nossa nuvem particular de alegria, e não demora nem dois minutos para a gente começar a falar sobre o trabalho. Vai ser engraçado

chegar na Alme segunda-feira e ver como vamos estabelecer a nossa rotina.

Algo me diz que continuaremos discutindo sem parar.

E eu mal posso esperar.

Entramos em casa e damos de cara com meus pais sentados na sala. Seus queixos caem no instante em que colocam os olhos em nós e nas nossas mãos unidas. Acho que o fato de eu estar de pijama também não ajudou muito.

- Eu perdi alguma coisa? - Minha mãe pergunta, arregalando os olhos.

- Algumas coisas. - Dou um sorriso e me jogo no sofá gasto, puxando Pomps comigo. - Para resumir, eu e Henrique estamos namorando. Não estamos? - Vira para ele e pergunto.

Afinal, nós só prometemos ficar juntos para sempre.

Não falamos nada sobre namoro.

- Com certeza, nós estamos.

- Namorando? Você e Henrique? - Ela aponta para nós, como se o conceito não fosse muito fácil de entender. - Henrique e

você estão namorando?! Um ao outro?

- Sim, mamãe. Namorando como diz no dicionário.

- Ahn... - Ela abre e fecha a boca, sem saber o que mais dizer.

Que momento histórico.

Eu deixei Dona Lina sem palavras!

Droga, e ninguém gravou isso.

- Ceci, vamos me ajudar a passar um café fresco então? -
Meu pai sugere, se levantando.

- Ótima ideia.

Eu me levanto também e dou um aperto de mão em Henrique que parece tranquilo, apesar do panorama assustador que é ficar sozinho com a minha mãe. Seu Osvaldo me leva para a cozinha e sussurra com urgência assim que saímos das vistas da sala.

- O que aconteceu, Ceci? Isso é porque sua irmã tem um namorado? Sua hora vai chegar, não precisa se enrolar com o primeiro cara que aparecer. - Parece realmente preocupado comigo

e meu amor por ele nesse momento quase explode no meu peito.

- Não, papai. Não é nada disso. - Eu me sento na mesa e faço com que sente comigo. - Henrique e eu temos uma longa história juntos. Eu vou te contar a versão resumida.

Começo pelo que descobri sobre Guilherme, depois falo sobre André, sobre o meu emprego na Alme e encerro com a história de Lulu. Acho que nem se meu pai visse mesmo as lhamas voando na Avenida Paulista, ele ficaria tão chocado.

- Eu devo pagá-lo de alguma forma por tudo que fez.

- Não, por favor. Ele não iria aceitar e pediu especificamente para que ninguém soubesse.

- Mas que surpresa... - Balança a cabeça e se levanta, andando de um lado para o outro. - Sem dúvidas é um homem de caráter, mas acha que ele pode fazê-la feliz?

- Eu acho que talvez ele seja o único que possa me fazer feliz. Eu estava completamente enganada sobre Henrique, me deixei levar pelas minhas primeiras impressões e quase perdi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. A verdade é que a

gente é igualzinho, papai. Teimosos, orgulhosos e workaholics.

- Primeiras impressões podem ser um desastre, não é? - Me dá um sorriso compreensivo.

- Nem me fale.

- Eu não posso acreditar que alguém possa merecer você, mas tudo indica que fui vencido. Por isso, de coração, posso dizer que estou muito feliz. Não poderia vê-la com alguém de menor valor.

Com o meu peito transbordando de emoção, eu me levanto e o abraço apertado. Ele retribui do mesmo jeito e, agora sim, posso dizer que nunca estive mais feliz nos meus vinte e oito anos de vida.

- Agora vá salvar o homem das garras da sua mãe, enquanto eu faço um café de verdade. Preciso urgente de um pouco de cafeína.

Dá um passo para trás e pega a leiteira, enchendo de água. Acho que vou me trocar e aproveitar para ir buscar alguns pães na padaria da esquina. Então, podemos chamar Jana e André também,

para tomarmos um grande café da manhã em família.

Dar a chance para dona Lina admirar todas as suas filhas “comprometidas” ao mesmo tempo.

Enquanto me afasto no corredor, ouço meu pai falar todo animado com Pixinguinha, que chegou atrás do seu próprio café da manhã.

- Se for me contar que está namorando, por favor, espera até amanhã. Eu estou velho demais para tantas emoções no mesmo dia, Pi.

Pobrezinha.

Aposto que toda a vocação de cupido de mamãe se voltará para ela agora.

Olhando pelo lado bom, eu aposto que Pixinguinha vai dar netos para ela muito antes que eu, ou Jana.

Alguns minutos depois, quando já estamos todos reunidos em volta da mesa comendo felizes, tiro alguns segundos para admirar os rumos engraçados que a vida tomou. Como tudo mudou desde aquele primeiro dia na cobertura, desde aquelas primeiras

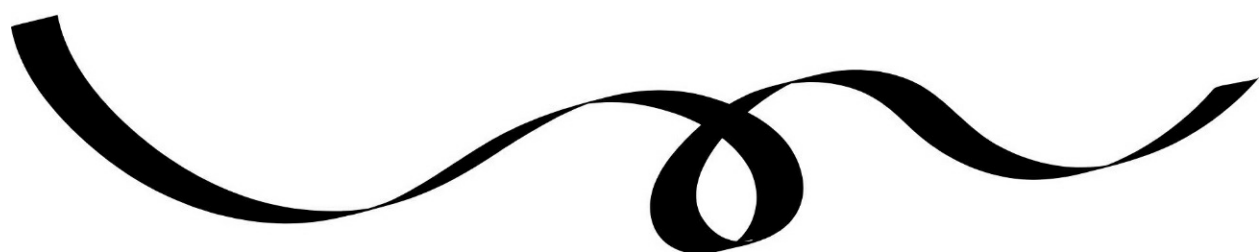
impressões, até agora.

Henrique pega a minha mão por baixo da mesa, percebendo o meu momento emotivo e começa a fazer um vai e vem suave com a ponta do dedo, sua pele fria me acalmando na hora. “Evidência A” parecem perfeitamente felizes, olhando para as suas crias com orgulho. “Evidência B” compartilham um pão de queijo entre beijos e sorrisos, mais apaixonados do que nunca.

Quanto a mim?!

Bom.

Agora eu mesma sou a Evidência C.



CAPÍTULO 19

- Tenho uma surpresa para você.

Henrique para na porta do nosso quarto, com os braços cruzados e um pequeno sorriso pendurado no canto da boca. Eu tiro alguns segundos para admirar como o meu Poms fica bem sem terno. Hoje está usando jeans e uma camisa social azul, descalço, com os cabelos meio bagunçados e a barba por fazer.

Eu sou muito sortuda.

- Surpresa? Me conta tudo *agora*.

- Se eu contar, não será mais surpresa. Você advogados são impossíveis. - Revira os olhos com diversão. - Vem comigo?!

Ele estende a mão e eu corro para enlaçar os meus dedos nos seus, sentindo a frieza da sua pele tão familiar quanto seria o calor para os outros. Descemos as grandes escadarias de Pember e ele abre as pesadas portas duplas da entrada, nos deixando de frente para a fonte.

Contornamos a entrada e eu dou de cara com um piquenique montado à luz do luar, com vista para o jardim. Na verdade, é mais do que um piquenique. Tem uma espécie de cabana de tecido, uma tapete macio estendido na grama, luzes penduradas nas árvores e até algumas decorações espalhadas. Pratos e taças estão num canto, junto com uma travessa de lichias e alguns sacos do McDonald's.

É o piquenique perfeito.

- Caramba, Henri...

- Você gostou? - Ergue a sobrancelha para mim, ansioso pela minha resposta.

- Eu amei!

Dou um gritinho empolgado e roubo um selinho do meu marido, antes de correr para me acomodar no oásis perfeito que ele preparou para nós. Pomps se senta bem pertinho de mim, e eu me enrosco a ele, jogando uma das pernas por cima do seu corpo, sem querer deixar nenhum espaço entre nós.

- Está feliz, minha querida?

Ele faz um carinho na minha bochecha, antes de colocar uma mecha do meu cabelo solto atrás da orelha, como sempre faz. Sei que está preocupado por termos adiado nossa lua-de-mel, por conta da carga surreal de trabalho que estamos na empresa. Mas, sendo bem sincera, eu só queria *ele*. Só queria chamá-lo de *meu*. Nós viajamos sempre, teremos duzentas lua-de-mel ainda.

- Estou mais feliz do que nunca, mas não me chame de querida! - Respondo com uma careta.

- Por que não?

- Porque é assim que meu pai chama a minha mãe quando ela está sendo maluca.

Ele ri com gosto, jogando sua cabeça para trás e me fazendo lembrar da época em que eu o achava sério, taciturno e até assustador. A verdade é que estava guardando seu “verdadeiro eu” para dividir apenas com aqueles que são especiais para ele. Mais um motivo para eu me considerar sortuda... Ninguém ganha mais sorrisos divertidos do que a boa e velha Ceci.

- Acho um pedido justo. Quais expressões são permitidas

então?

Decide me pegar pela cintura e me coloca sentada no seu colo, nos deixando frente a frente, nariz com nariz, olho a olho. *Ah... Esse é o meu lugar preferido no mundo.*

- Deixa eu ver. - Finjo pensar muito seriamente no assunto e me lembro de um papo que tive com Jana e Gabriela, muitos tempo atrás. - Gosto que me chame de Cecília, não de Ceci. Pode continuar assim no dia-a-dia, pode me chamar de “minha vida” aos domingos e de “Deusa Divina” em ocasiões especiais.

- E como eu devo te chamar quando você estiver sendo maluca? Senhora Alves de Medeiros?

- Não! Você só deve me chamar de Senhora Alves de Medeiros quando estiver se sentindo completamente, totalmente e absurdamente feliz.

- E como você está se sentindo essa noite, senhora Alves de Medeiros? - Ele se inclina e dá um beijo na minha testa. - Senhora Alves de Medeiros... - Um beijo na ponta do meu nariz... - Senhora Alves de Medeiros. - Um beijo no meu pescoço. ... - Senhora Alves

de Medeiros...

E só então chega aos meus lábios, me fazendo sentir todas as emoções que só ele consegue, desde o primeiro dia. Me fazendo sentir todo o amor que nós dividimos pela forma com que me segura, pela devoção com que me toca, pela emoção que coloca em cada carinho.

- Agora você também é uma Medeiros. Sabe o que isso quer dizer?

- Que eu vou poder usar o elevador da presidência?! - Eu provoco e ganho uma mordida no pescoço como “represália”.

- Na verdade, significa que você também está amaldiçoada por toda a eternidade.

- Ah! Vou ficar apaixonada por você para sempre? Sem caminho de volta *mesmo*?

- Sinto dizer que sim.

Antes de responder, eu brinco com a aliança no seu dedo e olho para cima, ao mesmo tempo em que um trovão corta o céu, anunciando que vem chuva por aí. Ao invés de fazer uma prece,

como naquele dia, eu encaro a imensidão azul e agradeço com todo o meu coração.

Obrigada, Jane Austen.

Obrigada pelas piores primeiras impressões possíveis.

Obrigada pelo meu Mr. Darcy.

Obrigada pelo meu “para sempre”.

Obrigada por me provar que o amor existe.

- A eternidade é apenas o começo.



CAPÍTULO 20

Pember, 10 de fevereiro de 2025

Caro leitor,

Eu não disse?! Nossa história foi intensa.

Quem diria que logo eu - cética, mal-humorada e um tanto descrente - seria atingida por uma dose de magia do universo?! E não estou falando de magia do tipo Bibidi-Bobidi-Boo. Estou falando da magia mais poderosa que existe... Se preparem porque eu vou ser brega agora... Amor!

Sim, amor.

Amor que pode vir nos mais diversos formatos, como aprendi com todas as evidências que venho encontrando ao longo da vida.

Mas vamos ao que interessa! A minha parte preferida de Orgulho e Preconceito e de todos os livros que eu leio: quando descobrimos o que aconteceu com cada um dos personagens.

Luísa e Guilherme se divorciaram depois de dois anos. Depois se reconciliaram. Depois se casaram pela segunda vez. Depois se divorciaram. Depois reataram, depois foram presos pela Polícia Federal num dos últimos desdobramentos da Lava-Jato. Aparentemente, eles foram laranjas para algum político que os entregou quando lhe propuseram um esquema de delação premiada. Agora estão soltos, graças a um habeas corpus, mas só aparecem de tempos em tempos para nos pedir dinheiro. Cusei aprender que o fato de dividir o mesmo sangue com alguém, não me obriga a amá-los. Aos poucos eu estou chegando lá.

Tia Alice e Tio Geraldo compraram uma fazenda ao lado de Pember, onde há um lago gigante próprio para pesca. Minha tia agora ajuda Mercedes a dar os tours na minha fazenda, um trabalho que ela simplesmente adora.

Papai se aposentou e eu usei a “Poupança do Apê” para comprar um imóvel no próprio Edifício Netherfield para eles. Agora, ele e mamãe podem continuar acompanhando os moradores e seus nervos não atacam tanto mais. Seu Osvaldo

também tem seu próprio jardim na varanda. Ah! E dona Lina acabou de vencer a eleição para síndica. Dona Lourdes que se cuide...

Gabi e Eduardo estão mais do que felizes juntos. Encontraram verdadeiros parceiros para vida um no outro, nas suas simplicidades, nas suas visões de mundo tão parecidas. Eles se mudaram para a fazenda da família, que Edu administra, e estão esperando o primeiro filho - um menino de quem serei madrinha.

Pixinguinha arranhou um namorado! Ele se chama “Gato”. Sim, o gato chama “Gato”. Eles vivem muito felizes em Pember e já tiveram mais filhos do que ela gosta de admitir. No caso deles, a relação é mais uma coisa de amor e ódio. O pobrezinho apanha horrores da Pi, quando inventa de sair para a gandaia e volta só de manhã. Mas, se funciona para os dois, quem sou eu para me intrometer?!

Jana e André estão casados, ainda vivem na cobertura do Netherfield e estão esperando o terceiro filho. Meu terceiro

sobrinho. Mal posso esperar para conhecer essa menina linda e que será muito amada pelos avós babões, pelos tios babões e pelos pais mais amorosos que o mundo já viu. Os dois ainda parecem saídos do conto de fadas mais próximo e seguem vivendo docemente apaixonados. André trabalha na Alme, mas também ajuda Nana com a escola humanista que ela fundou. Dizer que tenho orgulho deles seria pouco!

Camila se casou com um magnata russo e se mudou para o país. Em nome de continuar desfilando tranquila pela alta sociedade paulistana, não quis aborrecer Henrique e acabou me recebendo de braços abertos. Pediu desculpas por tudo e deu um jeito de superar sua paixonite-não-correspondida. Graças aos céus, um problema a menos.

Juliana está noiva do mesmo rapaz que namora desde que eu a conheci. A coisa dos Medeiros se apaixonarem pela eternidade é verdade mesmo. Ela não tem pressa de casar, porque sabe que ficará com ele para sempre. Agora, integra a orquestra sinfônica de São Paulo e dá aulas de música na escola de Nana.

Quanto a mim?! Bom. Eu me casei com o último homem com quem eu disse que sairia. Mais do que isso. Virei sua sócia e sua Vice-Presidente na Alme. Juntos, a empresa não para de crescer. Ainda somos muito workaholics, mas sempre damos escapadas para ir ao McDonald's, ou ao Starbucks mais próximo. Nós tentamos ficar o máximo de tempo possível em Pember, mas quando estamos em São Paulo, temos um pequeno apartamento bem longe de todos, com um lindo jardim para piqueniques e muito silêncio. Um mundinho só nosso, como nós gostamos. Ainda não sabemos se queremos filhos, mas não contem isso para Dona Lina!

Pode ser uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, em posse de grande fortuna, deve estar procurando uma esposa, como minha fada-madrinha Jane disse. Mas, com a permissão dela, gostaria de fazer um pequeno adendo.

É uma verdade universalmente conhecida que o amor EXISTE. Nem sempre ele vem na forma de um cara perfeito. Às vezes, ele vem na forma de um perfeito imperfeito. Meu amor foi um pouco babaca no começo, eu também não fui nada fácil, mas

*quando nos entendemos, vivemos um história digna de todos os
poetas, de todos os músicos, de todos os escritores.*

Sim, ele existe.

E torna a vida muito melhor.

Acredite nas evidências.

Com carinho,

Cecília Alves de Medeiros



NOTA DA AUTORA

A cada novo livro que eu encerro, sinto como se estivesse mandando para vocês um pedaço de mim. Sempre fui apaixonada por “Orgulho e Preconceito”. Foi o primeiro livro da Jane Austen que li e posso dizer que mudou a minha vida. Meu exemplar surrado, que eu já abracei muito, veio de um sebo e quem comprou para mim foi o meu pai. Estou olhando para ele agora e, como Ceci fez, também estou fazendo uma prece para o universo. Para que vocês gostem dessa história tanto quanto eu gostei de escrevê-la.

Trabalhar em cima da obra prima clássica e da adaptação para o cinema que eu também AMO me fez ver a história de Lizzie e Mr. Darcy de uma forma totalmente nova. Gostaria de deixar claro que a minha intenção não foi replicar seu enredo, mas sim contar a minha própria interpretação, fazer a minha própria releitura, se passando em 2019.

Enfim.

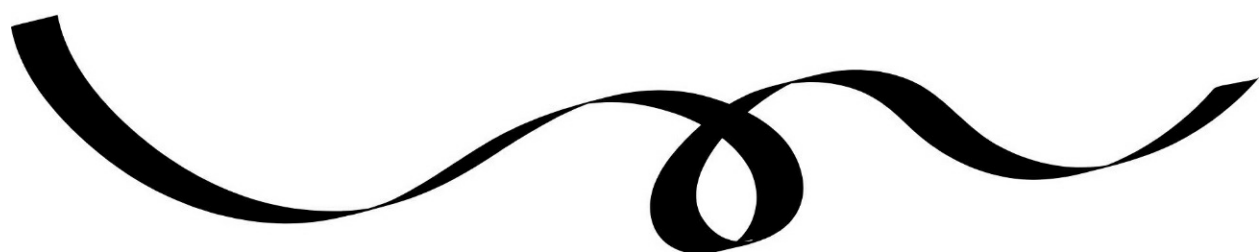
Desejo que você também seja uma evidência, desejo que nunca perca as esperanças e desejo que nunca deixe de suspirar por uma boa história de amor. Se quiser me contar o que achou sobre essa aqui, vou adorar saber. Venha falar comigo!

Instagram: @autoralcalmeida

Facebook: /autoralcalmeida

E-mail: laura@lcalmeida.com

Site: www.lcalmeida.com



AGRADECIMENTOS

Alê! Porque você mandou eu escrever esse e, quando você manda, eu obedeço. Love you to the moon and back.

Ermeflô! Você é Mash!

Laura Gilmore! Você é a melhor xará.

Gi! Obrigada por todas as figurinhas, todas as indiretas, todos os presentes, todo o apoio e por ser tão maravilhosa. Essa vitória é sua.

Gêmea! Pode entrar nessa briga, porque Henri é um pouco seu também.

Black Roadies! O nome de cada uma de vocês está escrito na minha história e no meu coração.

Pessoa maravilhosa que chegou até aqui! Obrigada por dar uma chance para Henri e Ceci. Por favor, não deixe de avaliar esse livro. E, se quiser saber mais sobre o meu trabalho, tenho mais treze livros publicados. Todos estão disponíveis pelo Kindle

Unlimited:

Conto De Fadas Rock'n Roll - O Vocalista

Conto De Fadas Rock'n Roll - O Baixista

Conto De Fadas Rock'n Roll - O Baterista

Conto De Fadas Rock'n Roll - O Guitarrista

Não Se Apaixone Por Mim

Somos Apenas Amigos

Cinco Doses de Romance

Eu Odeio Esse Cara

A Elite Dourada

Amor ou Amizade

Segredo de Zack

Diário de Um Amor

Ballet para Dois

Com carinho,

L. C. Almeida.

[1] Aplicativo para pessoas em busca de relacionamentos.

[2] No universo dos livros Harry Potter, a poção polissuco possibilita que a pessoa assuma a forma de outra.

[3] Chief Human Resources Officer - Diretor de Recursos Humanos

[4] Chief Legal Officer - Diretor Jurídico